

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 401 - Ano XII - 03/09/2012 - ISSN 1981-8769



UNISINOS



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



JESUITAS

## Concílio Vaticano II. 50 anos depois



### John O'Malley

O Concílio do impulso para a reconciliação

### Massimo Faggioli

Vaticano II. 50 anos depois, apenas o início de um longo processo de recepção

### Gilles Routhier

Vaticano II: bússola confiável para conduzir a Igreja rumo ao terceiro milênio

EMAI

### Eduardo Guerreiro Losso:

A mística e o enfrentamento radical da miséria humana

### Carlos Brandão:

A emergência do indivíduo e as novas formas de viver a religião

### Gustavo de Lima Pereira:

Apátridas, refugiados e a ética da alteridade

# Concílio Vaticano II. 50 anos depois

**H**á 50 anos começava o Concílio Vaticano II, 21º Concílio Ecumênico da Igreja Católica, que foi convocado no dia 25 de dezembro de 1961, pelo Papa João XXIII e aberto por ele próprio no dia 11 de outubro de 1962. Considerado um dos mais importantes eventos do século XX, ele inspira dois eventos que acontecerão na Unisinos no próximo mês de outubro: o XIII Simpósio Internacional IHU Igreja, Cultura e Sociedade. A semântica do Mistério da Igreja no contexto das novas gramáticas da civilização tecnocientífica e o Congresso Continental de Teologia.

A **IHU On-Line** desta semana debate as possibilidades e os impasses do Vaticano II, 50 anos depois.

Entrevistamos Andrea Grillo, teólogo leigo, professor do Pontifício Ateneu S. Anselmo, de Roma, o teólogo canadense Gilles Routhier, o pesquisador belga Johan Verstraeten, professor da Universidade Católica de Leuven, Massimo Faggioli, doutor em história da religião e professor na University of St. Thomas, de Minne-

sota, Estados Unidos; José Roque Junges, teólogo e professor na Unisinos, Maria Benedetta Zorzi, monja beneditina e teóloga, Armando Matteo, padre e teólogo; João Batista Libânio, jesuíta, teólogo e professor na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE; o historiador da Igreja, John O’Malley, professor da Universidade de Georgetown; a teóloga alemã Margit Eckholt; a teóloga colombiana Olga Consuelo Velez, professora da Pontifícia Universidade Javeriana de Bogotá; o padre, teólogo e coordenador geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular – Cesep, José Oscar Beozzo; e a teóloga e filósofa Nancy Cardoso Pereira, pastora da Igreja Metodista e recém-nomeada reitora da Universidade Bíblica Latino-Americana – UBL, na Costa Rica.

O debate é completado com a publicação da resenha do livro Vaticano II: the battle for meaning de Massimo Faggioli, elaborada por Rodrigo Coppe Caldeira, professor da PUC Minas e o artigo Hermenêuticas em tensão: tempos sombrios para a teologia, de Faustino Teixeira, professor e pesquisador da PPCR da UFJF. Ambos os arti-

gos publicados nas Notícias do Dia do sítio do IHU.

Mais duas entrevistas e dois artigos completam a presente edição. “Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade”, tema da conferência de Gustavo Oliveira de Lima Pereira, da Fundação Meridional – IMED, na próxima quinta-feira, no IHU, é o tema de sua entrevista. Por sua vez, Eduardo Guerreiro B. Losso, professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, fala sobre “A mística e o enfrentamento radical da miséria humana”.

“O saldo da transmissão olímpica é de mais brigas para o futuro” é o título do artigo de

Anderson David Gomes dos Santos, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos e membro do Grupo de Pesquisa Cepos.

A todas e a todos uma ótima semana e uma excelente leitura!



**Instituto Humanitas  
Unisinos**

Endereço: Av.  
Unisinos, 950,  
São Leopoldo/RS.  
CEP.: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 - ramal 4128.  
E-mail: humanitas@unisinos.br.

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling.  
Gerente Administrativo: Jacinto  
Schneider (jacintos@unisinos.br).

## IHU

**IHU On-Line** é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU  
ISSN 1981-8769.  
IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos.  
Apoio: Comunidade dos Jesuítas – Residência Conceição.

### REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br).  
Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br).  
Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br), Patrícia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br) e Thamisr Magalhães MTB 0669451 (thamirism@unisinos.br).  
Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br).

Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR.

Projeto gráfico: Agência Experimental de Comunicação da Unisinos - Agexcom.

Editoração: Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Patrícia Fachin, Luana Nyland, Natália Scholz, Wagner Altes e Mariana Staudt

# LEIA NESTA EDIÇÃO

## TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Cleusa Andreatta:** Apontamentos sobre o Contexto Teológico do Vaticano II
- 6 **Baú da IHU On-Line**
- 7 **John W. O'Malley:** O Concílio do impulso para a reconciliação
- 10 **João Batista Libânio:** Vaticano II: o termo que se faz divisor de águas chama-se hermenêutica
- 15 **Massimo Faggioli:** Vaticano II. 50 anos depois, apenas o início de um longo processo de recepção
- 17 **Gilles Routhier:** Vaticano II: bússola confiável para conduzir a Igreja rumo ao terceiro milênio
- 19 **Johan Verstraeten:** “O princípio social central do Vaticano II é a justiça”
- 22 **Andrea Grillo:** Um ato profético e um “evento linguístico”
- 25 **José Roque Junges:** O Concílio Vaticano II e a ética cristã na atualidade
- 30 **Maria Benedetta Zorzi e Armando Matteo:** “Estamos em um período de encastelamento”
- 33 **Margit Eckholt:** As mulheres e a Igreja: “sinais dos tempos”
- 36 **Olga Consuelo Velez:** Um acontecimento de graça e de novidade
- 39 **José Oscar Beozzo:** O ecumenismo para a fulguração da unidade entre os cristãos
- 44 **Nancy Cardoso Pereira:** O melhor e o pior do Vaticano II no corpo e na vida de irmãs companheiras
- 46 **Rodrigo Coppe Caldeira:** Vaticano II: a batalha pelo significado
- 51 **Faustino Teixeira:** Hermenêuticas em tensão: tempos sombrios para a teologia

## DESTAQUES DA SEMANA

- 54 **ENTREVISTA DA SEMANA:** Carlos Brandão: A emergência do indivíduo e as novas formas de viver a religião
- 59 **LIVRO DA SEMANA:** Eduardo Guerreiro Brito Losso: A mística e o enfrentamento radical da miséria humana
- 66 **COLUNA DO CEPOS:** Anderson David Gomes dos Santos: O saldo da transmissão olímpica é de mais brigas para o futuro
- 68 **DESTAQUES ON-LINE**

## IHU EM REVISTA

- 70 **Agenda da Semana**
- 71 **Gustavo Oliveira de Lima Pereira:** Apátridas e refugiados. Os direitos humanos a partir da ética da alteridade
- 78 **IHU Repórter:** João Hilário Xavier



[twitter.com/ihu](https://twitter.com/ihu)



[bit.ly/ihufacebook](https://bit.ly/ihufacebook)



[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

# Tema de Capa

Destques  
da Semana

IHU em  
Revista

# Apontamentos sobre o Contexto Teológico do Vaticano II

POR CLEUSA ANDREATTA

**P**ublicamos a seguir um texto introdutório sobre o Concílio Vaticano II, que serve de subsídio para que os leitores e as leitoras da IHU On-Line possam compreender o que foi este importante momento da história da Igreja a partir de algumas questões contextuais que antecederam o Concílio. O artigo é de autoria de Cleusa Andreatta, graduada em Filosofia e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

(PUCRS), mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Atualmente é professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e coordenadora do Programa de Teologia Pública do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Eis o artigo.

Preparado ao longo de três anos desde que João XIII anunciou a decisão de realizar um Concílio ecumênico<sup>1</sup>, o Concílio Vaticano II, teve sua abertura efetiva em 11 de outubro de 1962<sup>2</sup> e estendeu-se até 8 de dezembro de 1965. Sob o impulso da convocação de João XXIII a uma abertura da Igreja ao mundo de então, os esforços e as controvérsias que se desdobraram ao longo dos quatro períodos do Concílio<sup>3</sup> foram perpassados por sua proposta de um *aggiornamento* eclesial. Nesta perspectiva, há amplo consenso entre os estudiosos do significado e alcance deste grande evento eclesial que o Concílio Vaticano II marcou a passagem da Igreja da Contra-Reforma e da Cristandade para a modernidade, selando uma reconciliação da Igreja com a modernidade, após uma história significativa de conflitos e resistência.

A mudança de postura da Igreja frente à modernidade foi sendo ges-

tada por uma série de movimentos teológicos, em curso nas décadas que antecederam o Concílio. Frente às grandes transformações socioculturais em andamento no período pré-conciliar, foram movimentos que caracterizaram aquele período por uma grande criatividade teológica e que foram colocando as bases para uma postura mais dialógica por parte da Igreja. Destacam-se assim o *Movimento Patrístico*, o *Movimento Litúrgico*, o *Movimento Bíblico*, o *Movimento Leigo*, o *Movimento Teológico*.

Com a redescoberta dos Santos Padres, o *Movimento Patrístico* marcou uma verdadeira volta às fontes, que só se desenvolve com o rigor do método nos séculos XIX e XX, renovando o saber teológico e a vida da Igreja desde as fontes patrísticas (*ressourcement*). O Movimento Patrístico vai incidir nos demais movimentos acima indicados, dado que toda a reflexão de fé dos padres da Igreja é fundamentalmente bíblica, litúrgica, cristológica, eclesial, inculturada e, portanto, plural.

O *Movimento Litúrgico* iniciado nos mosteiros beneditinos da França no século XIX, onde havia um grande cultivo da liturgia, depois se expandiu na Bélgica, na Alemanha e na Holanda. O desejo de *fazer bem* à liturgia incluía

a questão da participação ativa na liturgia. Surgiram os estudos litúrgicos e a teologia litúrgica. Foram redescobertos textos litúrgicos do passado, os Santos Padres e a Bíblia. O movimento litúrgico recebeu impulso oficial com a encíclica *Mediator Dei* (1947) de Pio XII.

O *Movimento Bíblico* resultou do avanço dos estudos de exegese, com importante contribuição da ciência bíblica em âmbito protestante e aprendendo desta a aproveitar as contribuições de outras ciências (linguística e arqueologia, p.ex.). Abriu-se a possibilidade de superar a rigidez de um sentido literal e único dos textos bíblicos e de avançar na compreensão da inspiração e da interpretação dos textos. Este movimento recebeu um grande impulso com a fundação da Escola Bíblica de Jerusalém (1890) e da Revista Bíblica (1892), por Pe. J. M. Lagrange (1855-1938).

O *Movimento Teológico* que ficou conhecido como a “Nova Teologia (Nouvelle Théologie)”, expressa o esforço por uma renovação da teologia em diálogo com ao pensamento moderno, esforço empreendido por dois centros teológicos: a Escola Le Saulchoir, Tournai, cidade belga, próxima à fronteira da França, na qual atuaram teólogos como Marie-Dominique Che-

1 AAS 51 [1959] p. 68 (Nota da autora)

2 Essa data foi intencionalmente escolhida “pela memória do Concílio de Éfeso, que tanta importância teve na história da Igreja”. Carta Apostólica dada “Motu Proprio” Consilium - Fixação da data de abertura do Concílio, 11 de fevereiro de 1962. (Nota da autora)

3 1º período: 11/10 a 8/12/1962; 2º período: 29/09 a 4/12/1963; 3º período: 14/09 a 21/11/1964; 4º período: 14/09 a 8/12/1965. (Nota da autora)

nu (1895-1990) e Yves Congar (1904-1995), e Escola dos jesuítas em Lyon, França, que teve à sua frente os teólogos Jean Daniélou (1905-1974), Henri de Lubac (1896-1991), Henri Bouillard (1908-1981), Hans Urs von Balthasar (1905-1988), entre outros<sup>4</sup>.

Marie-Dominique Chenu esboçou a história e o programa da Escola Le Saulchoir no opúsculo intitulado<sup>5</sup> “*Le Saulchoir: Une école de la théologie*”, onde apresenta como diretrizes para a renovação teológica a afirmação do primado do dado revelado, fonte viva da teologia; a assunção da crítica bíblica e histórica como instrumento apropriado da teologia, um tomismo declarado, aberto; interesse pelos problemas do próprio tempo, numa fé solidária com o tempo<sup>6</sup>.

A renovação teológica promovida pelos jesuítas teve sua apresentação no artigo programático de Jean Daniélou “*Les orientations présents de*

la pensée religieuse”<sup>7</sup>. Ao traçar este programa, Daniélou apresentou como linhas diretrizes para a renovação “a) a *volta às fontes* essenciais do pensamento cristão: a Bíblia, os padres da Igreja, a liturgia; b) o contato com as correntes do pensamento contemporâneo para ampliar a visão (...); c) o confronto com a vida”<sup>8</sup>. Nesta perspectiva em 1942 teve início a grande coleção “*Sources Chrétiennes*”, contribuindo efetivamente para a “*volta às fontes*”.

Condenada por Pio XII por meio da encíclica *Humani Generis* em 1950, alguns desses teólogos foram depositos de sua função de professores, alguns livros foram proibidos, as contribuições da nova teologia estiveram intensamente presente no Concílio pelo fato de que alguns de seus expoentes estarão no Concílio como padres conciliares ou como especialistas.

O *Movimento Leigo* teve uma contribuição peculiar para a aproximação eclesial com a modernidade.

Nascido em meio às transformações e exigências socioculturais do período entreguerras, está na base da preparação do Concílio Vaticano II: “os leigos da Ação Católica levaram os colegiais (JEC, Juventude Estudantil Católica), os universitários (JUC, Juventude Universitária Católica), os operários (JOC, Juventude Operária Católica; ACO, Ação Católica Operária), os jovens do campo (JAC, Juventude Agrícola Católica) e pessoas dos meios independentes (JIC, Juventude Independente Católica) a inserirem-se nos seus ambientes específicos a tal ponto que eles trouxeram para dentro da Igreja toda a problemática e reflexão moderna de seus meios. Essa atuação do laicato no mundo, seu engajamento, assumindo a entrada da modernidade pela via do movimento leigo teve um reforço na teologia do laicato que se impregnara de ideias da modernidade”<sup>9</sup>. Nessa perspectiva, Y. Congar elabora uma teologia do laicato (1953).

4 Cf. GIBELLINI, R. *La teologia del XX secolo*, Queriniana: Brescia, 1995, pp. 173-183 (Nota da autora)

5 *Le Saulchoir: Une école de la théologie*. Paris: Étiolles, 1937. (Nota da autora)

6 Gibellini, 1995, pp. 174-177. (Nota da autora)

7 *Les orientations présents de la pensée religieuse Études* 1946, pp. 5-21. (Nota da autora)

8 Gibellini, 1995, p. 179. (Nota da autora)

9 Souza, Ney. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: Concílio Vaticano II. Análise e perspectivas. São Paulo: Pulinas: 2004, p. 20.

## Baú da IHU On-Line:

>> Sobre o tema desta edição leia também:

- **IHU On-Line** número 297, de 15-06-2009, intitulada “Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II”, disponível em <http://bit.ly/o2e8cX>;
- **IHU On-Line** número 124, de 22-11-2004, intitulada “A Igreja. 40 Anos de Lumen Gentium”, disponível em <http://bit.ly/9IFZTk>;
- **Cadernos Teologia Pública** número 25, intitulado “A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo: o legado do Vaticano II”, de Sinivaldo S. Tavares, disponível em <http://bit.ly/NIGuOZ>;
- **Cadernos Teologia Pública** número 16, intitulado “Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento”, de autoria de João Batista Libânio, disponível em <http://bit.ly/L6iSlp>.

# O Concílio do impulso para a reconciliação

Na visão de John O'Malley, há algo nada católico no fato de atualmente algumas pessoas quererem fazer o Vaticano II "ir para trás". "Só posso interpretar esse movimento como resultado de medo e ignorância e como uma tentativa de certas pessoas de formar uma igreja 'à sua imagem e semelhança'", afirma

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA | TRADUÇÃO DE LUÍS MARCOS SANDER

“O Vaticano II foi um evento complexo, e não deveria ser reduzido a um único tema geral”. A opinião é do padre jesuíta e historiador da Igreja John O'Malley, em entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line**. Segundo ele, a reconciliação apreende uma dinâmica essencial que permeou o Concílio Vaticano II. Essa dinâmica, explica, se manifestou de várias formas. “O Concílio foi, por exemplo, uma reconciliação com as culturas não europeias; uma tentativa de reconciliar a igreja com outras igrejas cristãs; uma tentativa de reconciliação com os judeus; uma reconciliação com os muçulmanos; uma reconciliação com o ‘mundo moderno’, que o oficialismo católico tinha odiado e temido desde a Revolução Francesa”. E continua: “o documento final do Concílio, ‘Sobre a igreja no mundo moderno’, é a grande expressão desse impulso. Entretanto, o documento faz a afirmação balizadora de que, assim como a igreja ensina o mundo moderno, ela, por sua

vez, aprende dele. Esse documento é dirigido a todos os homens e mulheres de boa vontade. Essa é a reconciliação mais global. A igreja quer abarcar e ajudar a humanidade toda”.

Considerado um dos historiadores da Igreja mais respeitado e reconhecido dos Estados Unidos, John W. O'Malley é doutor em História pela Universidade de Harvard. Atualmente é professor de Teologia da Georgetown University, de Washington (EUA). É membro da Fundação Guggenheim, da Academia Norte-Americana de Artes e Ciências e da Sociedade Filosófica Norte-Americana. Especialista em Concílios, com especial atenção ao Concílio de Trento e ao Concílio Vaticano II, é autor de *What happened at Vatican II* [O que aconteceu no Vaticano II] (Cambridge, MA: Harvard University Press/Belknap. Press, 2008) e *A history of the Popes* [Uma história dos Papas] (Lanham, MD: Sheed and Ward, 2006).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – A partir de uma análise histórica, em que medida o Concílio Vaticano II foi um marco referencial para a Igreja?**

**John O'Malley** – O Vaticano II foi um marco na história do catolicismo. Nunca houve um concílio como ele antes, e, até certo ponto, o Vaticano II foi o primeiro concílio realmente “ecumênico” no sentido de que ecumênico se refere ao mundo inteiro – no concílio havia bispos de 116 países diferentes. O Vaticano II foi singular já pelo número de participantes – cerca de 2.200 bispos participavam em algum mo-

mento de suas quatro sessões entre 1962 e 1965, ao passo que o Vaticano I teve cerca de 700 e o Concílio de Trento, que foi aberto com apenas 32, teve apenas cerca de 200 em seu ponto alto. Nenhum concílio antes do Vaticano II jamais tentou fazer uma revisão tão completa da igreja, o que significa que nenhum concílio teve uma pauta tão expansiva. Foi o primeiro concílio a ocorrer após a invenção do telefone, do rádio e da televisão, o que quer dizer que ele foi o primeiro concílio em que houve verdadeiramente uma conversação entre os que estavam

presentes na Basílica de São Pedro e o resto da humanidade do lado de fora.

## Cinco características do Vaticano II

Essas características do Concílio, ainda que importantes, não são tão significativas quanto outras, das quais mencionarei cinco.

**A primeira é:** o Vaticano II foi o primeiro concílio a levar em conta culturas diferentes da europeia. Em seu primeiro documento, “A sagrada liturgia”, o concílio reafirmou que a Igreja estava aberta para toda e qualquer

cultura e só excluía os aspectos que poderiam ser supersticiosos. O documento incentivou a inclusão de elementos tirados de culturas indígenas na própria liturgia.

A Igreja Católica sempre se definiu como católica, isto é, universal, mas na prática se identificava com a Europa. Houve exceções notáveis, como o caso dos jesuítas no Japão e na China<sup>1</sup>, no século XVII, quando os missionários tentaram adotar e adaptar línguas, símbolos e formas de pensamento nativas. Mas esse experimento não durou. Especialmente no século XIX, os missionários se identificavam estreitamente com os governos da França, da Bélgica e de outros países que os patrocinavam, o que trouxe maus resultados quando as reações anticolonialistas ocorreram após a Segunda Guerra Mundial.

A **segunda característica** se segue quase como uma consequência da primeira. O Concílio queria fomentar a adaptação local e promover um grau maior de autonomia em muitas áreas da vida eclesiástica. Em outras palavras, a unidade na igreja não significava uniformidade em todos os sentidos. A introdução de liturgias no vernáculo constitui um grande símbolo desse princípio, mas a autoridade que o concílio concedeu às conferências episcopais nacionais ou regionais foi de natureza mais prática. É claro que a última palavra era da Santa Sé, mas a Santa Sé era o último recurso, e não o primeiro em muitos assuntos.

Mais profunda ainda foi a decisão do concílio de ensinar a doutrina da colegialidade episcopal (**terceira característica**), isto é, a doutrina de que os bispos como indivíduos e coletivamente têm uma responsabilidade contínua não só por suas próprias dioceses, mas também pela igreja de modo geral. Eles são parceiros do papa nesse tocante, embora não possam atuar legitimamente em oposição ao papa. Essa doutrina foi inflexivelmente re-

## “Nada poderia ser mais relevante para nosso mundo de hoje do que a necessidade de reconciliação”

jeitada por uma pequena minoria no concílio, que continuou, de formas sutis e não muito sutis, a solapá-la após o concílio.

O que a maioria das pessoas não percebe é que a colegialidade não foi uma tentativa de “democratizar” a igreja, como seus inimigos gostam de rotulá-la, e sim a recuperação de uma tradição antiga segundo a qual o governo normal da igreja era “sinodal”, isto é, realizado por sínodos ou concílios. Concílios locais, dos quais houve centenas e centenas na longa história da igreja, tinham autoridade última pela área que estava aos seus cuidados, e os “concílios ecumênicos”, dos quais a Igreja Católica geralmente reconhece 21, eram o tribunal de apelação último. Só quando a autoridade papal começou a ficar mais forte no Ocidente na Idade Média é que surgiu uma contestação da primazia dos concílios.

A **quarta característica** é: o Vaticano II tentou levar em conta um dos mais notáveis traços do mundo moderno – a consciência histórica, isto é, uma percepção aguda da discrepância entre o passado e o presente. Essa consciência se desenvolveu gradativamente ao longo dos séculos, mas tornou-se dominante nos séculos XIX e XX. Ela foi aplicada a assuntos sacros. A doutrina da Imaculada Conceição de Maria, proclamada dogma pelo Papa Pio IX em 1854, era desconhecida na Igreja até a Idade Média. Como explicar esse fato, numa igreja cuja função é passar adiante o ensino dos apóstolos e nada além disso? Como explicar que a confissão dos pecados a um sacerdote é necessária antes da Sagrada

Comunhão, quando essa prática só se desenvolveu na Idade Média?

Questões como essas não podiam ser honestamente evitadas em meados do século XX. O concílio tentou tratar delas de várias maneiras, incluindo a ideia de “desenvolvimento”, uma forma de evolução. De qualquer modo, o fato é que nenhum concílio antes do Vaticano II jamais lidou seriamente com esse problema, e nenhum concílio terminou com uma concepção mais dinâmica da Igreja. A mais óbvia expressão desse dinamismo é o termo italiano *aggiornamento*, tantas vezes aplicado ao Vaticano II, que significa uma atualização. Mais básico para o concílio, entretanto, foi o resgate de tradições mais antigas – como a colegialidade, por exemplo – para ajustar e qualificar a situação no presente. Esse também é um procedimento dinâmico.

A **quinta característica** é: o Vaticano II queria responder à solicitação feita pelo papa João XXIII de que o Concílio mostrasse que a Igreja “é a mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de bondade e misericórdia”, como ele disse no discurso com que abriu o Concílio em 11 de outubro de 1962. O que de fato é mais notável em relação aos documentos do Vaticano II é que eles adotam um vocabulário para refletir o objetivo do papa, um vocabulário virtualmente desconhecido em concílios anteriores. Os concílios anteriores agiam como órgãos legislativos, definindo penas para o descumprimento da lei, e como tribunais para criminosos eclesiásticos, impondo punições aos culpados – o que, no notório caso de Jan Hus<sup>2</sup> no século XV, significou morte na fogueira.

### Menos culpa e mais parceria

O Vaticano II evitou o vocabulário da punição e culpa, o vocabulário dos anátemas, e o substituiu por um vocabulário de amizade, parceria, re-

1 Sobre o tema leia a **IHU On-Line** número 347, de 18-10-2010, intitulada “Matteo Ricci no Imperio do Meio. Sob o signo da amizade”, disponível em <http://bit.ly/eEhwCq>; e a edição número 196, de 18-09-2006, intitulada “A Globalização e os Jesuítas”, disponível em <http://bit.ly/PUuvVw> (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Jan Hus** (1369-1415): pensador e reformador religioso. Iniciou um movimento religioso baseado nas ideias de John Wycliffe. Os seus seguidores ficaram conhecidos como os hussitas. A Igreja Católica não perdoou tais rebeliões e ele foi excomungado em 1410. Condenado pelo Concílio de Constança, foi queimado vivo. (Nota da **IHU On-Line**)

ciprocidade e interioridade. A mudança visava causar impacto no comportamento da igreja e, assim, de cada cristão, especialmente dos que têm autoridade. Ela queria mudar o estilo em que a Igreja atuava – ou ao menos como se percebia que ela atuava – mais ou menos de acordo com o seguinte padrão:

- da coerção para a consciência
- da hostilidade para a amizade
- da rivalidade para a parceria
- da suspeita para a confiança
- do domínio para o serviço
- das ameaças para a persuasão.

Essa lista pode ser melhor entendida e apreciada se levamos em conta o que considero o principal impulso do concílio, que ajuda a explicar todas as suas principais decisões. Trata-se do impulso para a reconciliação. O Vaticano II foi um evento complexo, e não deveria ser reduzido a um único tema geral. Não obstante, creio que a reconciliação apreende uma dinâmica essencial que permeou o concílio. Essa dinâmica se manifestou de várias formas. O concílio foi, por exemplo, uma reconciliação com as culturas não europeias, como sugeri acima. Ele foi uma tentativa de reconciliar a Igreja com outras igrejas cristãs, como no decreto sobre o ecumenismo. Foi uma tentativa de reconciliação com os judeus, especialmente depois do horror do Holocausto, que aconteceu na Alemanha, cuja população professava ser cristã, mas cometeu as mais execráveis atrocidades. Foi uma reconciliação com os muçulmanos, não mais rotulados de “nosso inimigo ímpio e eterno”, como disse o Papa Paulo II no século XVI.

Ele foi uma reconciliação com o “mundo moderno”, que o oficialismo católico tinha odiado e temido desde a Revolução Francesa. O documento final do concílio, “Sobre a Igreja no mundo moderno”, é a grande expressão desse impulso. Observe o título: a igreja no mundo moderno, não para o mundo moderno, nem contra o mundo moderno, mas simplesmente no mundo moderno. Entretanto, o documento faz a afirmação balizadora de que, assim como a Igreja ensina o mundo moderno, ela, por sua vez, aprende dele. Esse documento é di-

## “O Vaticano II foi o primeiro concílio a levar em conta culturas diferentes da europeia”

rigido a todos os homens e mulheres de boa vontade. Essa é a reconciliação mais global. A Igreja quer abarcar e ajudar a humanidade toda. “Nada que seja genuinamente humano é estranho aos seguidores de Cristo”, diz o texto.

### IHU On-Line – Em que medida o Concílio Vaticano II pode ser ainda atual?

**John O’Malley** – O Vaticano II ainda é atual e relevante para nós hoje? Creio que ele certamente o é, e de muitas formas, que não tenho tempo nem espaço de aprofundar agora. Mas certamente nada poderia ser mais relevante para nosso mundo de hoje do que a necessidade de reconciliação. Guerras, rumores de guerra, genocídios e outros atos de ódio e violência parecem estar em toda parte. Dentro da Igreja, há facções que travam encarniçadas guerras de propaganda. A reconciliação não poderia ser mais contracultural e, assim, mais cristã. “Vim para reconciliar o mundo com o Pai”. A missão de reconciliação de Jesus é a missão que o concílio nos impôs.

### IHU On-Line – Como o senhor interpreta as recentes decisões da cúria romana em retomar costumes litúrgicos anteriores ao Vaticano II, ou então reabilitar o movimento lefebvriano? Por que esse recuo da Igreja?

**John O’Malley** – Não há um movimento em marcha para reverter as decisões do Vaticano II e minimizar sua importância? Não há dúvida de que esse movimento existe. Até mesmo no Concílio, um pequeno grupo de bispos nunca o aceitou, e em anos recentes essa facção, que no passado era quase minúscula, ficou mais for-

te e está nos mais elevados lugares. Hoje em dia, às vezes se ouvem pessoas que se jactam de ser “bons católicos” (talvez até se jactem de ser “os verdadeiros católicos”) dizer também que não aceitam o Vaticano II. Absolutamente não entendo como católicos, bons ou maus, podem rejeitar um concílio ecumênico. Isso é inteiramente contrário à tradição da Igreja desde o Concílio de Niceia<sup>3</sup> no século IV. O Vaticano II foi produto dos bispos do mundo todo, que se encontraram por um período de quatro anos, consultaram os melhores teólogos da época, e foi promulgado pelo Papa Paulo VI, vigário de Cristo. Há algo nada católico em relação a qualquer pessoa atualmente que queira fazer o Vaticano II “ir para trás”. Só posso interpretar esse movimento como resultado de medo e ignorância e como uma tentativa de certas pessoas de formar uma igreja “à sua imagem e semelhança”, e não de acordo com aquela da mais elevada autoridade na Igreja, um concílio ecumênico presidido por dois papas.

## Leia mais...

>> John W. O’Malley já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**.

Confira:

- “Um outro concílio? Só se for em Manila ou no Rio, não em Roma”.

Entrevista publicada nas Notícias do Dia do sítio do IHU em 23-01-2010, disponível em <http://bit.ly/TuQpLv>

**3 Primeiro Concílio de Niceia:** concílio de bispos cristãos reunidos na cidade de Niceia da Bitínia (atual İznik, Turquia), pelo imperador romano Constantino I em 325 d.C.. O concílio foi a primeira tentativa de obter um consenso da igreja através de uma assembleia representando toda a cristandade. O seu principal feito foi o estabelecimento da questão cristológica entre Jesus e Deus, o Pai; a construção da primeira parte do Credo Niceno; a fixação da data da Páscoa; e a promulgação da lei canônica. (Nota da **IHU On-Line**)

# Vaticano II: o termo que se faz divisor de águas chama-se hermenêutica

Para João Batista Libânio, por meio do Concílio Vaticano II a Igreja católica lançou o olhar para dentro de si e para o mundo moderno

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA

**E**m entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, João Batista Libânio analisa, da seguinte forma, a atualidade e as perspectivas do Concílio Vaticano II após 50 anos de sua realização: “a face maior da Igreja modificou-se profundamente. Entrou espírito de liberdade diante de imposições externas, de leis extrínsecas. O fiel fez-se consciente e responsável no que diz respeito à Igreja institucional e deixou de ser simples súdito obediente. A vida litúrgica prossegue, embora mais lentamente, a caminhada de resposta às novas situações. A fé adquiriu maior clareza em face da Religião como instituição e expressão crítica diante da pluralidade estonteante de práticas religiosas. No entanto, a perda de clareza das referências objetivas por causa da irrupção no seio da Igreja do espírito de criatividade, liberdade e autonomia das pessoas, tem produzido reações conservadoras em busca de segurança. Aí se trava um dos combates duros do momento. Avançar com os riscos ou fixar-se em parâmetros objetivos, claros, mesmo que os tenha de buscar no passado. O termo que se faz divisor de águas chama-se hermenêutica. Para uns, faz-se o único caminho possível diante da descoberta da autonomia dos sujeitos e da rápida transformação social e cultural. Para outros, identifica-se

tal caminhada com o famigerado relativismo, a ser, portanto, rejeitado. Entre relativismo e pedir reafirmação da objetividade dos ensinamentos e das práticas e a hermenêutica que introduz a fluidez das contínuas novas posições: eis o duelo maior do momento em termos teóricos. E o reflexo na prática chama-se ortodoxia, fundamentalismo, conservadorismo, de um lado, e, de outro, cisma branco, cisma silencioso, prescindência, liberdade em assumir os elementos doutrinários, morais e institucionais correspondentes à experiência das pessoas”.

João Batista Libânio é padre jesuíta, escritor, filósofo e teólogo. É também mestre e doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana – PUG, de Roma. Atualmente leciona na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE e é membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. É autor de diversos livros, dentre os quais destacamos *Teologia da revelação a partir da modernidade* (Loyola, 2005) e *Qual o futuro do cristianismo* (Paulus, 2008). Com Comblin e outros, é autor de *Vaticano II: 40 anos depois* (Paulus, 2005). Seu livro mais recente é *A escola da liberdade: subsídios para meditar* (Loyola, 2011).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – No dia 11 de outubro de 1962, o papa João XXIII abriu oficialmente os trabalhos do Concílio Vaticano II. Para o senhor, qual é o significado desse evento para a caminhada da Igreja?**

**João Batista Libânio –** Por meio do Concílio Vaticano II, a Igreja católica lançou o olhar para dentro de si e para o mundo moderno. Para dentro de si, repensou fundamentalmente a própria estrutura em termos de dou-

trina, moral e disciplina para submetê-la à profunda autocrítica. O Concílio significou-lhe verdadeira reforma interna desde a Cúria romana até a vida do simples fiel. No olhar para fora de si, ela encarou a nova situação sob o

aspecto sociocultural e religioso. Duas palavras resumem tal movimento: *aggiornamento* e diálogo. *Aggiornamento*, palavra preferida de João XXIII, carrega o anseio de a Igreja responder aos desafios socioculturais da modernidade já avançada na complexidade de problemas que trazia. O diálogo traduz a saída da Igreja de seu gueto espiritual para ir ao encontro das Igrejas cristãs, do judaísmo, das outras tradições religiosas, dos não crentes e da realidade social.

### IHU On-Line – Como o senhor contextualiza histórica e eclesialmente o Concílio Vaticano II?

**João Batista Libânio** – João XXIII inaugura o Concílio em 1962. Movimento atravessado por movimentos contraditórios. Economicamente se firmava o milagre econômico europeu na reconstrução da Europa com substancial ajuda americana depois da terrível destruição da Segunda Guerra Mundial. Euforia econômica. Politicamente, a democracia se firmava após a derrota do nazismo e do fascismo. O lado ocidental europeu contrastava com o regime comunista do Leste, ao agitar a bandeira da liberdade. Viviam-se ainda os anos da Guerra Fria, embora João XXIII tenha mostrado abertura para o Leste, ao receber em audiência particular, de maneira simpática e afetiva, a Rada Krutchev, filha do secretário do Partido Comunista da União Soviética. O próprio Nikita Krutchev<sup>1</sup> enviara ao Papa telegrama de felicitações quando da comemoração de seus 80 anos. Portanto, no meio da tensão Leste/Oeste, havia pequenos sinais de luz.

### Impactos da secularização e da modernidade

A revolução maior se processava no campo cultural. Telegraficamente

1 **Nikita Serguêievitch Khrushchov** (1894-1971): secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética - PCUS entre 1953 e 1964 e líder político do mundo comunista até ser afastado do poder por sua perspectiva reformista e substituído na direção da URSS pelo político conservador Leonid Brejnev. (Nota da IHU On-Line)

## “O esforço de interpretação para a nova situação cultural significou a gigantesca tarefa do Concílio”

explodiam, no final da década de 1950 e início de 1960, surtos libertários no meio juvenil nos Estados Unidos que eclodiram em Paris em maio 1968. A secularização caminhava rapidamente afetando estruturas religiosas. A modernidade, que já vinha, fazia séculos, corroendo as poderosas instituições eclesiais, alcança um pique no período com as teses fundamentais: nova visão científica do mundo, a afirmação da autonomia absoluta do sujeito, a entrada relativizante da história, a práxis transformadora da realidade de traço marxista.

Em termos eclesiais, analistas chamam esse período de fim da Cristandade e da Contrarreforma, assinalando, assim, o término do período apologético da Igreja Católica em oposição à modernidade e aos reclamos fundamentais da Reforma luterana: *sola Scriptura*<sup>2</sup>, *sola fide*<sup>3</sup>, *sola gratia*<sup>4</sup>. Já latejavam na Igreja vários

2 **Sola Scriptura**: frase latina cujo significado é “somente a Escritura”. Segundo a Reforma (século XVI) é o princípio no qual a Bíblia tem primazia ante a Tradição legada pelo magistério da Igreja, quando os princípios doutrinários entre esta e aquela forem conflitantes. *Sola Scriptura* é um dos cinco pontos fundamentais do pensamento da Reforma Protestante, conhecidos como cinco *solas*. (Nota da IHU On-Line)

3 **Sola fide** (do latim: por fé somente): também conhecida como Doutrina da justificação pela Fé, é a doutrina que distingue denominações Protestantes da Igreja Católica Romana, Igreja Ortodoxa e outras. (Nota da IHU On-Line)

4 **Sola gratia**: um dos cinco *solas* propostos pelos reformadores para resumir as crenças fundamentais do cristianismo. Esta expressão latina significa: “Graça somente”, a ênfase se dava em razão da doutrina católica vigente de que as boas obras ajudariam na salvação do homem. (Nota da IHU On-Line)

movimentos com reivindicações nessa linha. Cito-lhes o nome somente: bíblico, litúrgico, ecumênico, da Nova Teologia, dos leigos, querigmático, social sob diversos ângulos: doutrinário, experiência dos padres operários, diálogo com o marxismo teórico e prático nos partidos comunistas. Borbulhavam no interior da Igreja aspirações ainda contidas pelo hierático pontificado de Pio XII. Aliás, ele mesmo já abria algumas portas da Igreja, pelo menos para dois grandes movimentos: bíblico e litúrgico. Agora, multiplicados, agitavam a Igreja no interior do Concílio.

### IHU On-Line – Em seu discurso João XXIII dizia que era preciso “abrir as janelas da Igreja para o mundo”. Qual o significado dessa expressão e como o Concílio levou adiante esse desejo do papa?

**João Batista Libânio** – A modernidade econômica explode com a revolução industrial da Inglaterra a fortalecer o capitalismo. A Revolução Francesa lançou o triplice grito de igualdade, liberdade e fraternidade. A modernidade filosófica embarcou em tais valores. Várias dessas bandeiras originam-se, em última análise, da própria tradição cristã. No entanto, paradoxalmente a Igreja católica institucional, sobretudo nos últimos séculos, na chamada era pia – dos papas Pio IX, X, XI e XII – reagiu contra os valores da modernidade. Radicalizou, em vez da igualdade, a diferença e separação entre clero e fiéis; em vez da liberdade, pediu obediência às autoridades eclesiais nos três campos dos ensinamentos doutrinários, morais e disciplinares; em vez da solidariedade, defendeu obras de caridade sem compromisso com as transformações sociais por medo do comunismo. João XXIII terá sentido o ar carregado. Então, abre as janelas. E entrou o Espírito maior a mexer com o espírito dos homens de Igreja. E daí nasceram as inovações do Concílio.

### IHU On-Line – Que teólogos ou movimentos eclesiais e teológicos o

## senhor destaca como importantes e que influenciaram o Concílio?

**João Batista Libânio** – O grupo de teólogos relevantes que marcaram o Concílio vieram da Europa central. Entre os alemães e holandeses, recordemos K. Rahner<sup>5</sup>, H. Küng<sup>6</sup>, J. Ratzin-

5 **Karl Rahner** (1904-2004): importante teólogo católico do século XX. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principiais são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia). Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional **O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI**, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A **IHU On-Line** n. 90, de 1º-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner, disponível em <http://migre.me/11DTa>, e a edição 94, de 02-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner, disponível para download em <http://migre.me/11DTu>. No dia 28-04-2004, no evento Abrindo o Livro, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o professor Érico Hammes pode ser conferida na **IHU On-Line** n. 98, de 26-04-2004, disponível para download em <http://migre.me/11DTM>. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no **IHU On-Line** n. 97, de 19-04-2004, sob o título Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos, disponível em <http://bit.ly/mlSwUc>. A edição número 102 da **IHU On-Line**, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner, disponível para download em <http://migre.me/11DTW>. Os *Cadernos Teologia Pública* publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do professor Dr. Érico Hammes. Confira esse material em <http://migre.me/11DUa>. A edição 297, de 15-06-2009, intitula-se *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, disponível para download em <http://migre.me/11DUj>. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Hans Küng** (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infabilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Mundial, em Tübingen.

ger, E. Schillebeeckx<sup>7</sup>, B. Häring; dos francófonos estavam Y. Congar<sup>8</sup>, Chenu<sup>9</sup>, H. de Lubac<sup>10</sup>; R. Laurentin, J. Dani-

Um escritório da Fundação de Ética Mundial funciona dentro do Instituto Humanitas Unisinos desde o segundo semestre do ano passado. Küng dedica-se, atualmente, ao estudo das grandes 'religiões, sendo autor de obras, como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva e *Religiões do Mundo: em Busca dos Pontos Comuns*, pela editora Verus. De 21 a 26 de outubro de 2007 aconteceu o Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé - por uma ética mundial, com a presença de Hans Küng, realizado no campus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFMG. Um dos objetivos do evento foi difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do "Projeto de ética mundial". Confira no site do IHU, em <http://migre.me/R0s7>, a edição 240 da revista **IHU On-Line**, de 22-10-2007, intitulada "Projeto de Ética Mundial. Um debate". Visite, também, a Fundação de Ética Mundial, no site do IHU: <http://migre.me/R0sQ>. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Edward Schillebeeckx** (1914): teólogo holandês, frei dominicano, é considerado um dos mais importantes peritos oficiais do Vaticano II e um dos mais importantes teólogos do século XX. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Yves Marie-Joseph Congar** (1904:1995): teólogo dominicano francês, conhecido por sua participação no Concílio Vaticano II. Foi duramente perseguido pelo Vaticano, antes do Concílio, por seu trabalho teológico. Sobre Congar a **IHU On-Line** publicou um artigo escrito por Rosino Gibellini, originalmente no site da Editora Queriniana, na editoria Memória da edição 150, de 08-08-2005, lembrando os dez anos de sua morte, completados em 22-06-1995. Também dedicamos a editoria Memória da 102ª edição da **IHU On-Line**, de 24-05-2004, à comemoração do centenário de nascimento de Congar. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Marie-Dominique Chenu** (1895 - 1990): Teólogo dominicano francês, foi professor de teologia medieval (1920-1942) e diretor (1932-1942) da Universidade de Le Saulchoir (Bélgica), cargo do qual foi destituído por decisão do Santo Ofício, que incluiu no Índice sua obra *Le Saulchoir*, uma escola de teologia (1937). Em suas obras, *A fé na inteligência* e *O Evangelho na história* (1964), defende a liberdade na investigação teológica e na ação missionária da Igreja. Aplicou o método sociológico à análise eclesial (A doutrina social da Igreja como ideologia, 1979). Seu pensamento influenciou no movimento de reforma que culminou no Concílio Vaticano II, em cujas sessões participou como perito. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Henri de Lubac** (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso pelo Papa Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor

élou e outros mais. Eles representavam a teologia que assumira os questionamentos da modernidade, sobretudo da hermenêutica. A doutrina já não conseguia impor-se pela rigidez das formulações, mas se interpretava para dentro do contexto atual. O esforço de interpretação para a nova situação cultural significou a gigantesca tarefa do Concílio. Dos movimentos que citei acima, o bíblico trouxe a riqueza dos progressos científicos na interpretação da Escritura: gêneros literários, história da tradição, história das formas, história da redação, descobertas arqueológicas, etc. A adoção da postura exegética a partir das contribuições das pesquisas dos cientistas bíblicos não se fez tranquilamente. Exegetas da Universidade Luterana desencadearam uma polêmica contra os professores do Instituto Bíblico que influenciavam fortemente os trabalhos conciliares. Venceu a exegese científica moderna contra as reações tradicionalistas. O movimento litúrgico trouxe inovações. Em dado momento, a polarização se centrou em torno do latim e da mudança dos ritos da celebração da Eucaristia. Mais uma vez, as inovações litúrgicas impuseram-se. Quanto aos pontos estritamente teológico-sistemáticos, o impacto da nova teologia se fez ainda maior na elaboração da Constituição *Dei Verbum, Lumen Gentium* e dos diversos decretos de diálogo ecumênico, inter-religioso, etc. A perspectiva de visão positiva em relação ao mundo moderno se concretizou na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Algo inédito até então na tradição conciliar.

## IHU On-Line – Como o senhor analisa a participação da Igreja do Brasil no Concílio?

**João Batista Libânio** – Sobre esse ponto, remeto o leitor à exaus-

à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. Foi convidado a participar do Concílio Vaticano II como perito e o Papa João Paulo II o fez cardeal no ano de 1983. É considerado um dos teólogos católicos mais eminentes do século XX. Sua principal contribuição foi o modo de entender o fim sobrenatural do homem e sua relação com a graça. (Nota da **IHU On-Line**)

tiva obra de José Oscar Beozzo<sup>11</sup>, *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965* (São Paulo: Paulinas, 2005). Restrinjo-me às informações de Beozzo. A Igreja do Brasil no momento da consulta feita por João XXIII por meio do Cardeal Tardini<sup>12</sup> aos bispos e prelados, aos superiores maiores das ordens e congregações religiosas, às faculdades de teologia e universidades católicas e aos dicastérios romanos parecia dormir. Só dois bispos em função no Brasil responderam, enviando os seus *vota* na fase antepreparatória do Concílio. Ao ser aberto o Concílio Vaticano II, a Igreja do Brasil contava com o terceiro maior episcopado do mundo, logo depois do italiano e norte-americano. Estavam presentes na Primeira Sessão 173 dos 204 bispos brasileiros. Na última, já eram 194 os que participaram.

### Espírito colegial dos bispos brasileiros

Um primeiro grande fruto do Concílio para o episcopado brasileiro se visibilizou na oportunidade de estar junto tanto tempo em Roma quase em único espaço geográfico, hospedado na *Domus Mariae*. Isso facilitou aos bispos articularem-se e configurarem espírito colegial na confecção do Plano Pastoral de Conjunto. Aconteceu espécie de curso intensivo de colegialidade que os anos de CNBB não tinham produzido. No interior do próprio Concílio, a atuação dos bispos brasileiros mostrou-se modesta, sob vários pontos de vista: por exemplo, total ausência nos principais órgãos de direção do Concílio; e número restrito como membros nas Comissões Conciliares, eleitos pelos pares ou nomeados pelo Papa. Foram 10 num universo de mais de três centenas. As intervenções na Aula Conciliar ou depositadas por escrito pareceram gota d'água no mar das feitas pelos padres

conciliares dos países europeus. A presença dos assessores se reduziu a nove no universo de cerca de um milhar. Esteve presente com um só leigo na categoria de *auditor*, Bartolo Perez, na época presidente da JOC internacional.

A importância aconteceu sob outros aspectos: numeroso, mostrou-se articulado por graça da experiência da CNBB, ao viver a dimensão de colegialidade. As intervenções carregavam tonalidade colegial. Participou das diversas redes de articulação que se armaram no Concílio. Teve força de pressão e de influência sobre o andamento do próprio Concílio. Nesse tipo de atividade, sobressaiu a personalidade de Dom Hélder Câmara.

### IHU On-Line – Quais foram as principais novidades geradas pelo Vaticano II?

**João Batista Libânio** – Diante de tantas e tantas novidades, não resta senão escolher algumas. Difícil tarefa, que arrisco. Antes de tudo, o Primado da Palavra de Deus impôs-se em relação à elaboração da teologia, ao ensinamento do magistério, à formação do clero, à piedade dos fiéis. Deslocou o problema das duas fontes para assinalar a última origem de uma única Fonte da Revelação, a própria automanifestação de Deus transmitida pela Escritura, sem negar o valor da Tradição. Assume mais uma vez a contribuição das ciências exegéticas, históricas, linguísticas na interpretação da Escritura. Sobre a Igreja, saliento a sua abordagem inicial como mistério e a genial introdução do capítulo Povo de Deus, que frisa a igualdade dos cristãos, antes de abordar a distinção entre estrutura hierárquica da Igreja e leigos. A colegialidade desloca o polo do Primado isolado, quase absoluto, para a corresponsabilidade dos bispos no governo da Igreja. A vocação à santidade de todo fiel rompe com o isolamento da vida consagrada e aproxima-o dos religiosos. A valorização da participação do leigo na vida eclesial quebra com o clericalismo de séculos. Para não estender-me demasiado, recordo ainda a abertura da

Igreja Católica para o diálogo com as Igrejas ortodoxas e evangélicas, com o judaísmo, com as tradições religiosas não cristãs e com os não crentes. E finalmente, a *Gaudium et Spes* inaugura o capítulo conciliar de abertura positiva para as realidades terrestres vistas na perspectiva da criação e no fluir da história.

### IHU On-Line – A seu ver, quais foram as principais lacunas do Concílio?

**João Batista Libânio** – Uma das principais consiste em que muitas intuições não encontraram formas práticas e jurídicas para se concretizarem. Assim a colegialidade permaneceu antes espírito que realidade. O Sínodo não passa de papel consultivo. A colegialidade não desceu aos níveis do bispo com o clero e deste com os leigos. Nesse sentido, a participação do leigo e, de modo especial, da mulher no mundo da decisão, do ministério, deixa muito a desejar. O ministério ordenado, ligado ao celibato e unicamente masculino, constitui ponto de estrangulamento da pastoral, sobretudo em face da explosão das igrejas pentecostais. No campo do ecumenismo, conquistaram-se alguns pontos teológicos e clima de melhor entendimento, mas não se caminhou muito no nível institucional da intercomunhão eucarística, do governo colegial ecumênico, de novo tipo de mobilidade interna entre as igrejas cristãs, sem significar rotatividade religiosa.

### IHU On-Line – De modo geral, como as decisões conciliares foram levadas adiante pela Igreja?

**João Batista Libânio** – A reforma litúrgica caminhou bastante, malgrado alguns suspiros saudosistas. O espírito ecumênico se concretiza em certos momentos de oração, de celebração, de campanhas de solidariedade, de união em lutas sociais comuns. Introduziu-se ar de simplicidade no modo de existir de parte do mundo eclesiástico e da vida consagrada. Valorizaram-se tradições religiosas afro-ameríndias e formas da religiosidade popular católica. A

11 Confira uma entrevista com ele nesta edição. (Nota da IHU On-Line)

12 **Domenico Tardini** (1888-1961): cardeal italiano da igreja católica e membro proeminente da Cúria Romana do Vaticano. (Nota da IHU On-Line)

experiência pessoal dos fiéis conta mais na organização das pastorais e movimentos no interior da Igreja. O crescente desejo de participação ativa e criativa está a provocar constantes transformações na face externa da Igreja.

**IHU On-Line – Como o Concílio foi recepcionado pela Igreja latino-americana e, de modo particular, brasileira?**

**João Batista Libânio** – Nos primeiros anos pós-conciliares, organizaram-se por todo o país inúmeros cursos, congressos, encontros de estudo e assimilação do Concílio. O Encontro dos Bispos da América Latina em Medellín<sup>13</sup> significou grande momento de recepção criativa do Vaticano II. Basta sinalizar alguns pontos: opção pelos pobres na perspectiva da libertação, comunidades eclesiais de base, educação conscientizadora e libertadora, vida consagrada inserida no meio popular, pobreza na e da Igreja com maior proximidade com os setores pobres, presença da Igreja nas lutas populares e movimentos sociais, visão crítica da política hegemônica das classes dominantes.

**IHU On-Line – Após 50 anos, como o senhor analisa a atualidade e as perspectivas do Concílio?**

**João Batista Libânio** – A face maior da Igreja modificou-se profundamente. Entrou espírito de liberdade diante de imposições externas, de leis extrínsecas. O fiel fez-se consciente e responsável no que diz respeito à Igreja institucional e dei-

## “A face maior da Igreja modificou-se profundamente”

xou de ser simples súdito obediente. A vida litúrgica prossegue, embora mais lentamente, a caminhada de resposta às novas situações. A fé adquiriu maior clareza em face da Religião como instituição e expressão crítica diante da pluralidade estonteante de práticas religiosas. No entanto, a perda de clareza das referências objetivas por causa da irrupção no seio da Igreja do espírito de criatividade, liberdade e autonomia das pessoas, tem produzido reações conservadoras em busca de segurança. Aí se trava um dos combates duros do momento. Avançar com os riscos ou fixar-se em parâmetros objetivos, claros, mesmo que os tenha de buscar no passado. O termo que se faz divisor de águas chama-se hermenêutica. Para uns, faz-se o único caminho possível diante da descoberta da autonomia dos sujeitos e da rápida transformação social e cultural. Para outros, identifica-se tal caminhada com o famigerado relativismo, a ser, portanto, rejeitado. Entre relativismo a pedir reafirmação da objetividade dos ensinamentos e das práticas e a hermenêutica que introduz a fluidez das contínuas novas posições: eis o duelo maior do momento em termos teóricos. E o reflexo na prática chama-se ortodoxia, fundamentalismo, conservadorismo, de um lado, e, de outro, cisma branco, cisma silencioso, prescindência, liberdade em assumir os elementos doutrinários, morais e institucionais correspondentes à experiência das pessoas.

## Leia mais...

>> João Batista Libânio já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. O material está disponível no sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br))

- “Aparecida significou quase uma surpresa”. Entrevista publicada na edição número 224, de 20-06-2007, intitulada Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência, disponível em <http://bit.ly/gwmkGX>;
- “A Teologia não se dá mal com o discurso não metafísico, por isso ela pode falar muito bem na pós-modernidade”. Entrevista publicada no sítio do IHU, em 16-08-2008, disponível em <http://bit.ly/fXhkdG>;
- “A morte não deve ser o critério de leitura dos acontecimentos”. Entrevista publicada no sítio do IHU, em 10-04-2009, disponível em <http://bit.ly/hXYeHE>;
- “Rahner e a entrada da Igreja na modernidade”. Entrevista publicada na edição número 297, de 15-06-2009, intitulada Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II, disponível em <http://bit.ly/gYVr5V>;
- “A liberdade cristã: um dos núcleos da teologia de José Comblin”. Entrevista publicada na edição número 356, de 04-04-2011, disponível em <http://bit.ly/dNbj5I>;
- “Acolhi a vida como dom”. Entrevista publicada na edição número 394, de 28-05-2012, em sua homenagem, intitulada J. B. Libânio. A trajetória de um teólogo brasileiro. Testemunhos, disponível em <http://bit.ly/JLvlNn>.

<sup>13</sup> **Documento de Medellín:** Em 1968, na esteira do Concílio Vaticano II e da encíclica *Populorum Progressio*, realiza-se, na cidade de Medellín, Colômbia, a II Assembleia Geral do Episcopado Latino-Americano que dá origem ao importante documento que passou a ser chamado o Documento de Medellín. Nele se expressa a clara opção pelos pobres da Igreja Latino-Americana. A conferência foi aberta pessoalmente pelo Papa Paulo VI. Era a primeira vez que um papa visitava a América Latina. Leia uma entrevista com Silvia Scatena, publicada na IHU On-Line e disponível em <http://bit.ly/PUXvsa> (Nota da IHU On-Line).

# Vaticano II. 50 anos depois, apenas o início de um longo processo de recepção

Massimo Faggioli destaca que instâncias como as do papel dos leigos e das mulheres não foram discutidas no Concílio Vaticano II, “mas hoje todos aqueles que pedem para discuti-las se colocam claramente no rastro da herança do Concílio”, defende

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA | TRADUÇÃO DE MOISÉS SBARDELOTTO

“O Concílio inaugurou uma nova forma de ser Igreja seguramente na medida em que a Igreja Católica hoje não é mais uma Igreja de cultura apenas ocidental ou europeia. O Vaticano II, teologicamente, deu legitimidade a outras culturas para acolher o Evangelho e desenvolver uma compreensão própria da mensagem cristã, sem ter que depender de modo escravizante da herança greco-romano-medieval”. A opinião é de Massimo Faggioli, doutor em história da religião e professor na University of St. Thomas, de Minnesota, Estados Unidos. Na entrevista que concedeu por e-mail para a **IHU On-Line** Faggioli destaca a importância do Vaticano II, lamentando que nos

últimos anos “tornaram-se mais fortes as vozes que tendem a banalizar o Concílio ou a culpá-lo pela secularização: por esse motivo, o 50º aniversário é uma ocasião necessária para lembrar o que foi verdadeiramente o Concílio e como, graças a ele, a Igreja começou a se renovar”.

Massimo Faggioli é doutor em História da Religião e professor de História do Cristianismo no Departamento de Teologia da University of St. Thomas, de Minnesota, Estados Unidos. Seus livros mais recentes são *Vatican II: The Battle for Meaning*<sup>1</sup> (Paulist Press, 2012) e *True Reform: Liturgy and Ecclesiology in Sacrosanctum Concilium* (Liturgical Press, 2012).

Confira a entrevista.

## IHU On-Line – O que significa celebrar os 50 anos de abertura do Concílio Vaticano II?

**Massimo Faggioli** – Celebrar os 50 anos de abertura do Concílio Vaticano II significa lembrar aquele momento de consulta da Igreja universal decidido por João XXIII<sup>2</sup>: um momento que, para toda a Igreja, foi de esperança de poder reformar algumas coisas dentro dela mesma, no sentido de ser capaz de mudar algumas coisas do mundo, graças a uma nova interpretação do Evangelho no mundo contemporâneo. Nos últimos anos, especialmente em certos

ambientes tradicionalistas, tornaram-se mais fortes as vozes que tendem a banalizar o Concílio ou a culpá-lo pela secularização: por esse motivo, o 50º aniversário é uma ocasião necessária para lembrar o que foi verdadeiramente o Concílio e como, graças a ele, a Igreja começou a se renovar. É preciso libertar a história do Concílio das “narrativas” e das ideologias políticas que foram criadas em torno dele.

## IHU On-Line – Quais fatores sociais e eclesiais foram decisivos para a realização do Concílio?

**Massimo Faggioli** – Do ponto de vista social e político, foi importante o processo de descolonização, que na época do Concílio havia recém-começado, e a consequente desocidentalização do catolicismo e do cristianismo mundial, também em nível das elites dirigentes da Igreja. Além disso, desempenhou um papel próprio a política de abertura diplomática da Santa Sé ao mundo comunis-

ta, a chamada “Ostpolitik”<sup>3</sup>, na tentativa de desvincular a Igreja de uma aliança muito estreita com o mundo ocidental. Mas foi decisiva, do ponto de vista teológico, a contribuição dos movimentos de reforma do início do século XX – o Movimento Bíblico e Litúrgico, a renovação patrística, o Movimento Ecumênico. Do ponto de vista cultural, foi a experiência do pluralismo nas sociedades modernas

<sup>3</sup> **Ostpolitik da Santa Sé:** desenvolvida durante os pontificados de João XXIII e Paulo VI, foi impulsionada pelo Cardeal Agostino Casaroli. A ostpolitik do Vaticano recebeu o seu grande impulso com a publicação da encíclica *Pacem in Terris*, em 1963, pelo Papa João XXIII. Pela primeira vez, esta encíclica defende que a paz só pode ser alcançada através da colaboração de todas as “pessoas de boa vontade”, incluindo aquelas que defendem “ideologias erradas” (como o comunismo). Devido a este apelo à colaboração e à solidariedade, ela acabou por incitar a Igreja Católica a começar a negociação com os governos comunistas, para que estes possam garantir o bem-estar dos seus cidadãos e habitantes católicos. (Nota da IHU On-Line)

<sup>1</sup> Sobre o livro, leia o artigo “Vaticano II: a batalha pelo significado”, de autoria de Rodrigo Coppe Caldeira, publicado nesta edição. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> **Papa João XXIII** (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da IHU On-Line)

que levou o Concílio a reconsiderar algumas doutrinas sociais dadas por óbvias e a repensá-las em uma ótica menos ligada a uma única experiência nacional e mais ligada ao Evangelho. Mas foram os bispos e os teólogos daquela geração que tiveram a coragem de discutir e de votar esses documentos.

### IHU On-Line – Na gênese do Vaticano II, qual a relevância da Ação Católica?

**Massimo Faggioli** – A Ação Católica foi importante, sem dúvida, ao propor no início cautelosa e lentamente um novo modelo de laicato católico, obediente à hierarquia, mas também capaz de olhar para a frente e de pensar a Igreja como um agente de mudança social. Além disso, a Ação Católica introduziu no Concílio frutos que depois se reverteram em outras correntes, tais como os “novos movimentos católicos”. Mas, sem a Ação Católica, o protagonista atual do laicato não teria sido possível.

### IHU On-Line – Em que medida o Concílio inaugurou uma nova forma de ser Igreja?

**Massimo Faggioli** – O Concílio inaugurou uma nova forma de ser Igreja seguramente na medida em que a Igreja Católica, hoje, não é mais uma Igreja de cultura apenas ocidental ou europeia. O Vaticano II, teologicamente, deu legitimidade a outras culturas para acolher o Evangelho e desenvolver uma compreensão própria da mensagem cristã, sem ter que depender de modo escravizante da herança greco-romano-medieval. Muitas instâncias, como a da colegialidade e a do governo da Igreja, foram discutidas no Concílio e, no fim, redimensionadas em comparação com as expectativas: redimensionadas tanto durante o Concílio como depois do Concílio por Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI. Outras instâncias, como as do papel dos leigos e das mulheres, não foram discutidas no Concílio, mas hoje todos aqueles que pedem para discuti-las se colocam claramente no rastro da herança do Concílio Vaticano II.

### IHU On-Line – Em sua análise, quais foram os principais frutos do Concílio?

**Massimo Faggioli** – De um modo muito esquemático, eu diria que os maiores frutos *ad intra* se referem à reforma litúrgica; ao papel das Escrituras na teologia e na vida da Igreja; a um re-

pensamento da ideia de Igreja segundo uma concepção menos jurídica e mais bíblica e patrística; e a uma ideia de liberdade religiosa que relativiza o papel das instituições com relação às exigências da consciência. Os maiores frutos *ad extra* dizem respeito ao compromisso ecumênico da Igreja, ao diálogo inter-religioso e a uma nova ideia de diálogo entre Igreja e mundo. A partir desses frutos, será impossível voltar atrás, senão à custa de tornar a Igreja Católica um gueto.

### IHU On-Line – Qual o significado e o alcance do conceito Igreja Povo de Deus? Como esse modelo de Igreja surgiu no contexto do Concílio?

**Massimo Faggioli** – Ele tem um significado importante, porque liquidou um conceito neotomista e, além disso, contrarreformista de Igreja e assume uma compreensão da teologia como “história da salvação” e da Igreja como “povo de Deus” a caminho nesta história da salvação. “Povo de Deus” não tem imediatamente um sabor sociológico, mas sim bíblico e histórico. Eliminar essa nota eclesiológica – a Igreja como povo de Deus – equivale a redimensionar todo o Vaticano II. Esse modelo de Igreja surgiu dentro de uma discussão eclesiológica que já havia iniciado depois da publicação da encíclica do Papa Pio XII<sup>4</sup> *Mystici Corporis* (1943), mas que chegou à maturidade somente na fase preparatória do Concílio, quando modelos eclesiológicos diferentes (Igreja como Corpo Místico, Igreja como povo de Deus, Igreja como sacramento de salvação, eclesiológica ecumênica) se fundiram na constituição *Lumen Gentium*<sup>5</sup>.

### IHU On-Line – À luz do Vaticano II, entre o recuo e o avançar, como o senhor analisa o atual momento da Igreja?

<sup>4</sup> **Papa Pio XII** (1876-1958): nascido Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli, foi eleito Papa em 2 de março de 1939. Foi o primeiro Papa nascido na cidade de Roma desde 1724. (Nota da IHU On-Line)  
<sup>5</sup> **Lumen Gentium** é um dos mais importantes textos do Concílio Vaticano II. O texto desta Constituição dogmática foi demoradamente discutido durante a segunda sessão do Concílio. O seu tema é a Igreja como instituição. Foi objeto de muitas modificações e emendas, como, aliás, todos os documentos aprovados. Inicialmente surgiram, para o texto base, cerca de 4.000 emendas. Sobre o tema, confira os Cadernos Teologia Pública número 4, intitulado *No quarentenário da Lumen Gentium*, de autoria de Boaventura Kloppenburg. (Nota da IHU On-Line)

**Massimo Faggioli** – Estamos em uma fase difícil, em que o pontificado de Bento XVI deixou os espíritos tradicionalistas livres para tentar voltar atrás com relação aos ensinamentos do Concílio. Mas é uma tentativa fadada ao fracasso. A renovação inaugurada pelo Concílio é irreversível. Nos próximos meses e anos, deveremos continuar testemunhando a riqueza do ensinamento do Concílio e, por isso, serão anos difíceis. Mas, no longo prazo, não tenho dúvidas de que o Concílio Vaticano II é a única chance da Igreja de testemunhar o Evangelho no mundo contemporâneo.

### IHU On-Line – Tendo em conta os desafios da conjuntura mundial, em que medida o Vaticano II continua atual?

**Massimo Faggioli** – Permanece muito atual, se levarmos em conta, por exemplo, o valor da declaração *Nostra Aetate*<sup>6</sup> depois do 11 de setembro de 2001. Mas, em geral, eu diria que a vitalidade da Igreja hoje se deve ao Vaticano II. Esse processo de renovação há pouco começou: na história dos concílios ecumênicos e da Igreja, 50 anos são apenas o início de um longo processo de recepção da mensagem do Concílio.

## Leia mais...

>> Confira alguns dos artigos de Massimo Faggioli publicados no sítio do IHU:

- *Alguma coisa importante aconteceu no Vaticano II.* Artigo publicado em 13-03-2010 e disponível em <http://bit.ly/T2vPon>
- *Recepção do Vaticano II em discussão.* Artigo publicado em 17-06-2011, disponível em <http://bit.ly/O9bJoT>
- *Cúria, uma reforma pela metade.* Artigo publicado em 30-05-2012, disponível em <http://bit.ly/O18LXO>
- *Geografia de Deus.* Artigo publicado em 20-06-2012, disponível em <http://bit.ly/Q7Ansl>
- *O voto e a santidade.* Artigo publicado em 22-06-2012, disponível em <http://bit.ly/LLxwFx>

<sup>6</sup> Proclamada pelo Papa Paulo VI em 28 de Outubro de 1965, a Declaração *Nostra Aetate* fala sobre a Igreja e as religiões não-cristãs. (Nota da IHU On-Line)

# Vaticano II: bússola confiável para conduzir a Igreja rumo ao terceiro milênio

“O Concílio Vaticano II conduziu uma reflexão aprofundada e forneceu ensinamentos importantes. Em todas as áreas, os conceitos de diálogo, de colaboração e de cooperação encontram-se no cerne desses ensinamentos”, destaca Gilles Routhier

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA | TRADUÇÃO DE VANISE DRESCH

**A**o destacar como foram acolhidas e postas em prática pela Igreja as novidades do Concílio Vaticano II, o teólogo canadense Gilles Routhier afirma que “indubitavelmente a Igreja mudou, e a mudança se deu em vários campos: na vida religiosa, na formação dos padres, no exercício da função episcopal, no ecumenismo, no diálogo inter-religioso etc.” Na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**, ele percebe que “muitas coisas ainda precisam ser feitas e aprofundadas. Mas a Igreja Católica não vive mais, como no século XIX, numa situação de fortaleza sitiada ou em gueto. Existem tentativas de retrocesso ou, às vezes, resistências às

reformas, com uma nostalgia de restauração. No entanto, no longo prazo é impossível voltar à figura pré-conciliar da Igreja”.

Gilles Routhier, nascido em Quebec, no Canadá, é padre e teólogo católico. Obteve o título de doutor em Teologia pelo Instituto Católico de Paris e em História das Religiões e da Antropologia Religiosa pela Universidade Paris-Sorbonne. Especializado na recepção do Concílio Vaticano II, foi professor de Teologia Prática e Ecclesiologia no Instituto Católico de Paris e atualmente ensina na Université Laval, do Canadá.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Em 11 de outubro de 1962, o Papa João XXIII abriu oficialmente os trabalhos do Concílio Vaticano II. Pode-se dizer que o Concílio inaugurou um novo modo de ser Igreja? Por quê?**

**Gilles Routhier** – O Concílio teve, sem dúvida, uma influência duradoura sobre o modo de viver na Igreja (entre padres e leigos, entre bispos e padres, entre os bispos e o papa, etc.) e sobre o modo como a Igreja católica passou a pensar suas relações com o mundo (com a cultura, a sociedade e os Estados) e com os outros (cristãos não católicos, crentes de outras religiões, não crentes e ateus). Nesse sentido, o Concílio Vaticano II conduziu uma reflexão

aprofundada e forneceu ensinamentos importantes. Em todas as áreas, os conceitos de diálogo, de colaboração e de cooperação encontram-se no cerne desses ensinamentos.

**IHU On-Line – Para além do contexto europeu, em que medida se pode dizer que o Concílio foi um evento universal?**

**Gilles Routhier** – Em primeiro lugar, pela participação de muitos bispos não ocidentais. Isso foi inédito. Em segundo lugar, por considerar, ainda que insuficientemente, tradições e culturas não ocidentais. Percebe-se isso já no primeiro documento aprovado pelo Concílio, *Sacrosanctum*

*concilium*<sup>1</sup>, principalmente em seus capítulos sobre as artes e a música sacra, mas também sobre a adaptação da liturgia e dos ritos às tradições e às regiões. Além disso, o Vaticano II foi o primeiro Concílio a refletir *ex professo*

<sup>1</sup> *Sacrosanctum Concilium*: constituição sobre a Sagrada Liturgia. Foi o primeiro documento aprovado pelo Concílio Vaticano II. Não foi objeto de muita controvérsia, pois a adaptação da liturgia já era frequente em muitíssimas comunidades eclesiais. Esta constituição foi o primeiro fruto do Concílio, por já estar, em boa parte, sendo posta em prática antes de ter sido discutida e aprovada. Foi promulgada pelo Papa Paulo VI no dia 4 de dezembro de 1963, final da segunda sessão conciliar. (Nota da **IHU On-Line**)

sobre a questão da cultura e a observar que o Evangelho deve expressar-se em diversas línguas e que esta é a lei de toda evangelização.

**IHU On-Line – De maneira geral, olhando para a Igreja pós-conciliar, como foram acolhidas e postas em prática as novidades do Concílio?**

**Gilles Routhier** – Indubitavelmente a Igreja mudou, e a mudança se deu em vários campos: na vida religiosa, na formação dos padres, no exercício da função episcopal, no ecumenismo, no diálogo inter-religioso etc. Por certo, muitas coisas ainda precisam ser feitas e aprofundadas. Mas a Igreja Católica não vive mais, como no século XIX, numa situação de fortaleza sitiada ou em gueto. Existem tentativas de retrocesso ou, às vezes, resistências às reformas, com uma nostalgia de restauração. No entanto, no longo prazo é impossível voltar à figura pré-conciliar da Igreja.

**IHU On-Line – E atualmente, depois de 50 anos, como o Concílio Vaticano II pode continuar repercutindo na caminhada da Igreja?**

**Gilles Routhier** – O Concílio Vaticano II não parou de produzir seus frutos. Precisamos, pois, considerar suas grandes intuições no momento em que se fala da nova evangelização. Ele queria justamente, de acordo com o desejo do Papa João XXIII, possibilitar uma nova forma de expressão da doutrina cristã. Este é sempre o desafio da Igreja. Do mesmo modo, o encontro com os não crentes ou com os crentes de outras religiões está cada vez mais em pauta na Igreja. Assim

“Eis então o desafio que isso representa para a Igreja: como ela pode reformar suas práticas e sua vida na continuidade?”

como a inserção do Evangelho em todas as culturas do mundo. Nesse sentido, as questões do Vaticano II continuam sendo as nossas e ele não está ultrapassado.

**IHU On-Line – Analisando o atual contexto eclesial, como o senhor interpreta a recente decisão do Papa Bento XVI em reintegrar à Igreja o movimento lefebvriano?**

**Gilles Routhier** – Essa preocupação não é nova para ele. Ele também se preocupou com isso quando era prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé – CDF. Sua preocupação com a unidade e honra, mas, ao mesmo tempo, há o risco de desencorajar vários cristãos que, diante de tal fato, se isso significasse um retorno ou uma revisão de certos ensinamentos do Vaticano II ou de sua aplicação, deixariam tranquilamente a Igreja. Em suma, o perigo é criar novas tensões em seu seio.

**IHU On-Line – Qual é a hermenêutica de Bento XVI em relação ao Concílio e quais as decorrências para a caminhada da Igreja?**

**Gilles Routhier** – O que ele apresenta é uma hermenêutica da reforma. Ao menos, é o que propôs em sua alocução na Cúria, em 22 de dezembro de 2005. Não se trata simplesmente de uma hermenêutica da continuidade, como alguns sugerem. Eis então o desafio que isso representa para a Igreja: como ela pode reformar suas práticas e sua vida na continuidade? Refletiu-se pouco, desde Congar, sobre a reforma da Igreja e como pode haver reforma sem rompimento e respeitando a tradição.

**IHU On-Line – O senhor poderia falar sobre a importância, como surgiu e os principais objetivos da página da web “Viva o Concílio” (<http://www.vivailconcilio.it/>), que tem como um dos patrocinadores o Cardeal Martini?**

**Gilles Routhier** – Eu sou membro do comitê de promoção desse site. Seu objetivo é divulgar o Concílio que é seguidamente ignorado, até mesmo por aqueles que o criticam ou o denigrem. Existem tantos discursos anticonciliares na web que precisamos, hoje, encontrar meios de promover honestamente o Concílio Vaticano II. Uma Igreja não pode dar as costas a um concílio ecumênico. Ele faz parte da memória da Igreja e, como dizia o Papa João Paulo II, ele mesmo padre conciliar, tem-se aí uma bússola confiável para conduzir a Igreja rumo ao terceiro milênio.

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

# “O princípio social central do Vaticano II é a justiça”

Johan Verstraeten afirma que a partir do Concílio Vaticano II e da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* a Igreja não era mais um mundo à parte, e sim uma comunidade inserida na história real do mundo e conectada com as alegrias e esperanças, mas também com o sofrimento das pessoas

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA | TRADUÇÃO DE LUÍS MARCOS SANDER

“Os aspectos realmente inovadores do Vaticano II são negados na perspectiva da ‘continuidade’ com o passado. A eclesiologia integral e a teologia do povo de Deus e da *communio* se tornaram uma espécie de unidade doutrinária e disciplinar rigorosa. A perspectiva da justiça voltou a ser de novo mais uma questão de caridade. Há uma re clericalização da Igreja

Católica que é alheia ao espírito do Vaticano II”, constata o professor de Ética teológica da Universidade Católica de Leuven.

Johan Verstraeten, belga, ensina Theological Ethics na Faculty of Theology and Religious Studies, da KU Leuven, e é membro do conselho editorial da *Business Ethics* e do *Journal of Catholic Social Thought*.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Como o senhor analisa o Concílio Vaticano II após 50 anos de sua abertura, sob o ponto de vista da Doutrina Social da Igreja?**

**Johan Verstraeten** – No início, o foco estava nos assuntos internos da Igreja, como, por exemplo, a eclesiologia integral (a igreja como povo de Deus, *Lumen Gentium*), a relação entre o papa e os bispos, a liturgia (*Constitutio de sacra liturgia*), a revelação e interpretação das Escrituras (*Dei Verbum*<sup>1</sup>). Só mais tarde as questões sociais e, particularmente, a pauta do chamado “Terceiro Mundo” tornou-se o centro de interesse no que, por fim, resultou na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Um dos mais influentes bispos nesse tocante foi D.

Helder Câmara<sup>2</sup>, arcebispo de Recife.

**2 Dom Hélder Câmara (1909-1999):** arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12-03-1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais destinadas a atender às comunidades do Nordeste que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria Memória da IHU On-Line número 125, de 29-11-2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo *Hélder Câmara: cartas do Concílio*. Na edição 157, de 26-09-2005, publicamos a entrevista *O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil*, realizada com Ernanne Pinheiro, que pode ser lida em <http://migre.me/KtGO>. Confira, ainda, a editoria Filme da Semana da edição 227 da IHU On-Line, 09-06-2007, que comenta o documentário *Dom Hélder Câmara - o santo rebelde*. O material pode ser acessado em <http://migre.me/Ktlb>. (Nota da IHU On-Line)

Esse documento foi crucial em mais de um sentido. Por um lado, ele reafirmou a guinada personalista que já estava presente na encíclica *Mater et magistra* (1961)<sup>3</sup> e, por outro, endossou teologicamente o método dos trabalhadores cristãos (ver, julgar, agir, já mencionado na *Mater et Magistra*), e o fez de uma forma extremamente inspiradora: “perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do evangelho”. Isso expressava uma nova atitude para com o mundo: a igreja não era mais um mundo à parte, e sim uma comunidade inserida na história real do mundo e conectada com as alegrias e esperanças, mas também com o sofrimento das pessoas. *Gau-*

<sup>1</sup> *Dei Verbum*: um dos grandes documentos emanados do Concílio Vaticano II. Ele trata da revelação da Palavra de Deus. Foi promulgado pelo Papa Paulo VI em 18 de novembro de 1965. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Saiba mais sobre a encíclica *Mater et Magistra* lendo a entrevista “O salto qualitativo de João XXIII: uma síntese da ética social”, com o frei dominicano Carlos Josaphat, jornalista, teólogo, professor e escritor, publicada na edição número 360, de 09-05-2011, disponível <http://bit.ly/kylGkb> (Nota da IHU On-Line)

*dium et Spes*<sup>4</sup> também reconheceu que tudo o que fazemos para promover a humanidade e a justiça é uma contribuição para o reino de Deus que “já está presente em mistério”. Além disso, *Gaudium et Spes* endossou uma visão nova e mais espiritual do matrimônio, não como um contrato, mas como “íntima comunidade de vida e amor”. Além disso, pela primeira vez foram levadas a sério preocupações concretas do “Terceiro Mundo”, como, por exemplo, o problema da propriedade da terra e de sua redistribuição a agricultores pobres.

**IHU On-Line – Como o Concílio repercutiu nas questões sociopolítico-econômicas e nas tensões entre os modelos capitalista e comunista?**

**Johan Verstraeten** – O Concílio como tal não argumentou a favor ou contra o capitalismo ou o comunismo, mas defendeu uma visão personalista da sociedade. Uma de suas principais contribuições foi tornar concreta a visão de Pio XII – que era, com efeito, uma nova confirmação da visão de Tomás de Aquino<sup>5</sup> – de que a pro-

4 *Gaudium et Spes*: Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a Igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica “de dentro” (debruçada sobre si mesma) “para fora” (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso “esquema 13”, assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o n. 124 da *IHU On-Line*, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da *Lumen Gentium*, disponível em <http://bit.ly/9lFZTK>, intitulada *A igreja: 40 anos de Lumen Gentium*. (Nota da *IHU On-Line*)

5 São Tomás de Aquino (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado Doctor Communis ou Doctor Angelicus pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na

## “O Concílio como tal não argumentou a favor ou contra o capitalismo ou o comunismo, mas defendeu uma visão personalista da sociedade”

priedade privada está subordinada à destinação comum dos bens, afirmando que os latifúndios deveriam ser distribuídos às pessoas, porque não é justo que a terra não seja usada para a produção de alimentos ou para a subsistência dos agricultores e de suas famílias. (Este é um ponto de vista que, mais tarde, o Papa João Paulo II estendeu à propriedade dos meios de produção em geral, incluindo a propriedade de ações de empresas; é justo investir dinheiro quando ele leva não só ao lucro financeiro, mas também ao lucro social, ou, mais concretamente, à criação de “trabalho útil”, no dizer de *Centesimus annus*<sup>6</sup>, capítulo 4.)

**IHU On-Line – Qual o modelo social idealizado e assumido pelo Concílio?**

**Johan Verstraeten** – Na verdade, o Concílio não propôs um modelo específico de sociedade (como o Papa João Paulo II esclareceria mais tarde em *Sollicitudo rei socialis*<sup>7</sup>: o ensino

Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “Summae”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae*, a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da *IHU On-Line*)

6 *Centesimus Annus*: encíclica escrita pelo Papa João Paulo II em 1991, no 100º aniversário da *Rerum Novarum*. É uma das 14 encíclicas publicadas por João Paulo II. (Nota da *IHU On-Line*)

7 *Sollicitudo Rei Socialis*: encíclica

social da igreja não é uma “terceira via”, nem um modelo específico). Mas ele defendeu uma sociedade a serviço da dignidade da pessoa humana. O princípio social central do Vaticano II é a justiça.

**IHU On-Line – Qual foi o significado de justiça social assumido pelo Concílio e quais suas decorrências?**

**Johan Verstraeten** – Para o Vaticano II – como já foi o caso na encíclica *Quadragesimo anno*<sup>8</sup>, de 1931 –, justiça social significa que os pobres deveriam receber a parte que lhes cabe nos bens da terra e no crescimento econômico. O ensino social da igreja sempre proclamou que um abismo grande demais em termos de renda entre ricos e pobres é contra o bem comum. Com efeito, ele trata de uma sociedade participativa em que todas as pessoas sejam capacitadas a se tornar participantes plenos na sociedade, incluindo as pessoas marginalizadas e os indígenas, cujo interesse é muitas vezes negligenciado.

**IHU On-Line – Em que medida o Concílio foi o ponto de partida para o desenvolvimento de uma nova consciência de ser Igreja, sobretudo para uma eclesiologia da libertação?**

**Johan Verstraeten** – O Vaticano II como tal e, particularmente, a *Gaudium et Spes* ainda não propuseram uma espécie de teologia da libertação. Por outro lado, a abordagem segundo a qual se deveriam “perscrutar os sinais dos tempos” e a atenção dada a ela por alguns bispos do (então) Terceiro Mundo abriram caminho para uma abordagem mais crítica em relação às injustiças da sociedade. Foi o espírito do Vaticano II e a nova colegialidade entre os bispos que, também depois

promulgada pelo Papa João Paulo II em 30 de dezembro de 1987, no 20º aniversário da *Populorum Progressio*. (Nota da *IHU On-Line*)

8 *Quadragesimo anno*: carta encíclica do Papa Pio XI sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social em conformidade com a lei evangélica no 40º aniversário da encíclica de Leão XIII, *Rerum Novarum*. (Nota da *IHU On-Line*)

de *Populorum Progressio*<sup>9</sup> (1967), tornou possível uma conferência dos bispos latino-americanos como a de Medellín em 1968 (opção pelos pobres, atenção às estruturas opressoras e libertação). Foi também o espírito do Vaticano II que inspirou o Sínodo Geral dos Bispos sobre a justiça (1971) a proclamar que a “ação pela justiça e a participação na transformação do mundo aparecem-nos claramente como uma dimensão constitutiva da pregação do evangelho”.

**IHU On-Line – Depois de 50 anos de sua abertura, como o Concílio pode continuar repercutindo na Igreja, sobretudo tendo presente a atual realidade social e cultural?**

**Johan Verstraeten** – O problema atualmente é que nós temos os textos do Vaticano II, mas o espírito de colegialidade e de diálogo aberto quase desapareceu. Os aspectos realmente inovadores do Vaticano II são negados na perspectiva da “continuidade” com o passado. A eclesiologia integral e a teologia do povo de Deus e da *communio* se tornaram uma espécie de unidade doutrinária e disciplinar rigorosa. A perspectiva da justiça voltou a ser de novo mais uma questão de caridade. Há uma re clericalização da Igreja Católica que é alheia ao espírito do Vaticano II.

**IHU On-Line – Qual a missão da Igreja no mundo de hoje?**

**Johan Verstraeten** – A missão da Igreja na atualidade não é, em primeiro lugar, oferecer uma doutrina ao mundo, mas ser, seguindo as pegadas de Jesus Cristo, um sacramento de salvação e libertação de tudo que impede os seres humanos de serem plenamente humanos. Uma igreja autêntica e digna de crédito cuja prática corresponda ao seu discurso. Uma igreja como comunidade de comu-

“O problema atualmente é que nós temos os textos do Vaticano II, mas o espírito de colegialidade e de diálogo aberto quase desapareceu”

nidades que mostre às pessoas em todas as circunstâncias da vida que Deus é um Deus de amor e justiça, um Deus que quer curar e libertar todo ser humano cuja dignidade humana seja violada.

**IHU On-Line – Entre recuos e avanços, à luz do Vaticano II, como o senhor analisa as atuais diretrizes da Cúria Romana em relação à Doutrina Social da Igreja?**

**Johan Verstraeten** – Hoje em dia, não há uma única atitude da cúria. Isso é claramente visível no “Compêndio da doutrina social da igreja”<sup>10</sup>. Esse documento é, por um lado, um resumo conservador de mais de 100 anos de ensino social, mas, por outro lado, mostra uma preocupação real com o meio ambiente, defende a destinação universal dos bens, mais participação, etc. Alguns documentos dão a impressão de subordinarem de novo a justiça à caridade, mas em documentos recentes há novamente um equilíbrio entre as duas. Um dos documentos re-

centes do Pontifício Conselho da Justiça e da Paz<sup>11</sup> sobre a crise financeira internacional é um documento excelente. De fato, o “pensamento social católico” sempre é mais amplo e mais rico do que os documentos oficiais. Há sempre um diálogo em andamento, mas ainda não se está dando atenção suficiente à perspectiva e experiência dos pobres.

**IHU On-Line – Gostaria de destacar mais algum aspecto?**

**Johan Verstraeten** – Para mim, a “doutrina” é menos importante do que o compromisso cotidiano de milhões de cristãos em todas as partes do mundo, desde os líderes de movimentos sociais e ecológicos radicais até pessoas que tentam realizar uma nova economia de comunhão, desde pessoas que vivem em contato direto com pobres e vulneráveis (como Jean Vanier, por exemplo) até aquelas que analisam as causas estruturais da injustiça, desde professores universitários críticos até pessoas que constroem escolas e centros de atendimento em campos de refugiados e lixões de cidades grandes onde os mais pobres dentre os pobres tentam sobreviver, desde sindicalistas cristãos até líderes empresariais que tentam genuinamente realizar um mundo dos negócios mais humano, desde pessoas que defendem os direitos de migrantes e “sem-documentos” até os políticos que tentam criar um sistema político mais justo, as pessoas que ajudam os sem-teto, desde diplomatas cristãos cautelosos até cristãos realmente “indignados”... Uma prática e teoria social autêntica sempre nasce na encruzilhada do evangelho e da vida. Enquanto a hierarquia der ouvidos à experiência das pessoas que estão na base e expressar as preocupações delas em seu ensino social oficial, o catolicismo social será uma força de humanização e justiça no mundo.

9 *Populorum Progressio*: encíclica do Papa Paulo VI, intitulada *O Desenvolvimento dos Povos*, emitida na páscoa de 1967. Ela teve uma grande repercussão no mundo, especialmente na América Latina. Leia mais sobre esta encíclica na edição número 360 da IHU On-Line, disponível em <http://bit.ly/kTYBUr> (Nota da IHU On-Line)

10 *Doutrina Social da Igreja* (DSI): conjunto dos ensinamentos contidos na doutrina da Igreja Católica e no Magistério da Igreja Católica, constante de numerosas encíclicas e pronunciamentos dos Papas inseridos na tradição multissecular, e que tem suas origens nos primórdios do Cristianismo. Tem por finalidade fixar princípios, critérios e diretrizes gerais a respeito da organização social e política dos povos e das nações. (Nota da IHU On-Line)

11 Sobre o Pontifício Conselho da Justiça e da Paz o sítio do IHU já publicou amplo material, dentre o qual está o artigo “É preciso uma nova autoridade financeira mundial”. As propostas econômicas do Vaticano, publicado em 25-10-2011 e disponível em <http://bit.ly/QJuxPS> (Nota da IHU On-Line)

# Um ato profético e um “evento linguístico”

“O cerne da questão é: estamos ainda convencidos de que a “participação ativa” de todos os batizados na única ação ritual é o ponto de virada para a consciência eclesial do novo milênio?”, pergunta Andrea Grillo

POR MÁRCIA JUNGES E LUIS CARLOS DALLA ROSA | TRADUÇÃO DE MOISÉS SBARDELOTTO

Para o teólogo Andrea Grillo, o Concílio Vaticano II é um “grande ato profético com o qual a Igreja tentou retomar o fio da sua melhor tradição, superando a crise de identidade que os séculos XIX e XX haviam profundamente manifestado”. Na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o estudioso argumenta que o Concílio buscava “restituir à liturgia toda a riqueza que a tradição havia experimentado nela”. Por isso, acentua, “teve que pensar grande não apenas segundo as lógicas do segundo milênio, mas também segundo as do primeiro milênio. Por isso ele falou uma linguagem muito mais bíblica e patristica do que sistemática; pensou mais em termos de experiência comunitária do que nos termos de ‘salvação da alma’”. E vale-se

de uma afirmação do historiador norte-americano O’Malley, ponderando que esse evento foi, acima de tudo, um “evento linguístico”.

Andrea Grillo é filósofo e teólogo italiano, especialista em liturgia e pastoral. Doutor em teologia pelo Instituto de Liturgia Pastoral de Pádua, é professor do Pontifício Ateneu S. Anselmo, de Roma, do Instituto Teológico Marchigiano de Ancona e do Instituto de Liturgia Pastoral da Abadia de Santa Giustina, de Pádua. Desde 2007, leciona como professor convidado na Faculdade Teológica de Lugano, e, desde 2008, na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Também é membro da Associação Teológica Italiana e da Associação dos Professores de Liturgia da Itália.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Que análise o senhor faz do Concílio Vaticano II, aberto pelo Papa João XXIII em 11 de outubro de 1962, a partir da perspectiva litúrgica?**

**Andrea Grillo** – O Concílio Vaticano II, considerado 50 anos depois sobre o plano do seu “magistério litúrgico”, aparece verdadeiramente como um grande ato profético com o qual a Igreja tentou retomar o fio da sua melhor tradição, superando a crise de identidade que os séculos XIX e XX haviam profundamente manifestado. Obviamente, a 50 anos de distância, permanece intacta – e talvez ainda mais urgente – a necessidade de compreender até o fim a intenção “tradicional” do Concílio. Assegurar a continuidade da tradição mediante algumas abençoadas “descontinuidades”. Acerca disso, nos últimos anos,

a consciência eclesial entrou em dificuldades, perdeu a lucidez. Ao menos nas suas cúpulas. O cerne da questão é: estamos ainda convencidos de que a “participação ativa” de todos os batizados na única ação ritual é o ponto de virada para a consciência eclesial do novo milênio?

**IHU On-Line – Qual é o sentido e a importância da reforma litúrgica que foi promovida pelo Concílio, para a caminhada da Igreja?**

**Andrea Grillo** – Justamente para a vida da Igreja de hoje e de amanhã é importante, sobretudo, amadurecer uma consciência lúcida sobre esse fato: a Reforma Litúrgica foi – e continua sendo – um ato de serviço à possibilidade de que toda a Igreja, em todas as suas expressões, possa sempre recomeçar e se culminar (*fons et*

*culmen*) em uma ação simbólico-ritual de comunhão com o seu Senhor Jesus. Restituir aos ritos a primeira e a última palavra: esse foi o grande propósito que a Reforma se prefixou e que, hoje, põe em jogo as boas (ou más) intenções de todos aqueles que, no rito, devem se perder para se reencontrar, devem “tomar a iniciativa de perder a iniciativa”, como escreveu o grande filósofo Marion<sup>1</sup>. Nessa “espoliação de si”, a liturgia espera muito de clérigos e de leigos, de homens e de mulheres.

<sup>1</sup> **Jean-Luc Marion**: intelectual de renome, reconhecido internacionalmente. Leia uma entrevista com ele, publicada no sítio do IHU em 03-01-2011, intitulada “O Natal e o fracasso do pensamento”, disponível em <http://bit.ly/Pg2MaU> (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line – A partir do Vaticano II, que perspectivas litúrgicas se abriram?**

**Andrea Grillo** – No discurso com o qual Paulo VI inaugurou a segunda sessão do Concílio em setembro de 1963 – a sessão da qual brotaria o texto definitivo da SC [Sacrosanctum Concilium] –, ele afirmava que a Igreja com o Concílio devia dar a melhor expressão ao que pensa de si mesma. A redescoberta de que, na ação litúrgica, “continua a obra da redenção”, continua o “ofício sacerdotal de Cristo”, se institui uma experiência de comunhão, de louvor, de ação de graças, de bênção, que nela todos os batizados descobrem o “dom” de serem convidados e que toda a Igreja se desdobre marcada por esse ministério de anúncio do Evangelho: toda essa perspectiva de compreensão da liturgia parece ser capaz de renovar profundamente não tanto a própria liturgia – que, contudo, tinha uma grande necessidade disso –, mas sim a qualidade das relações eclesiais, do estilo espiritual e da vida testemunhal dos discípulos de Cristo.

**IHU On-Line – Dentre os objetivos relativos à liturgia (Sacrosanctum Concilium), o Concílio propôs um resgate de importantes princípios litúrgicos das primeiras comunidades cristãs. Que princípios eram esses e qual foi a importância de resgatá-los?**

**Andrea Grillo** – Evidentemente, o Concílio, ao visar a restituir à liturgia toda a riqueza que a tradição havia experimentado nela, teve que pensar grande não apenas segundo as lógicas do segundo milênio, mas também segundo as do primeiro milênio. Por isso ele falou uma linguagem muito mais bíblica e patrística do que sistemática; pensou mais em termos de experiência comunitária do que nos termos de “salvação da alma”; olhou positivamente para a riqueza das diferenças, em vez de negativamente para a alteração da verdade; escolheu a profecia de “ventura” contra os profetas da desventura; fez prevalecer a redescoberta do uso em lugar da denúncia do abuso. Desse ponto de vista, não há no Concílio nenhuma tendência “arqueológica”, mas sim um interesse fundamental pelo enriquecimento de uma prática ritual que havia assumi-

do estilos, palavras e formas fechadas demais, autorreferenciais demais e, muitas vezes, sem mais capacidade de comunicação.

**IHU On-Line – Entre esses princípios, o senhor poderia aprofundar a categoria de ‘mistério pascal’? Quais os desdobramentos desse conceito para a reflexão teológica e pastoral?**

**Andrea Grillo** – As consequências dessa redescoberta são, ao mesmo tempo, institucionais e espirituais. Do ponto de vista institucional, a recuperação da centralidade da categoria de “mistério pascal” recolocou no centro da experiência eclesial o dom da graça recebido por todos, ao mesmo tempo por clérigos e leigos. Ao redimensionamento das pretensões de uma *societas perfecta*, correspondeu a redescoberta da qualidade espiritual da vida laical, marcada também por uma relação estrutural – batismal e eucarística – com o mistério pascal. Para favorecer esse desenvolvimento, no entanto, a Igreja apenas começou a desenvolver novas formas de linguagem e novas formas de relação. Aqui tem razão o historiador norte-americano O’Malley<sup>2</sup>: o Concílio foi acima de tudo um “evento linguístico”. Ele modificou o modo de se expressar da Igreja. E, contudo, como a linguagem não é só expressão, mas também, e sobretudo, experiência, ele modificou a experiência da Igreja, contanto que permaneçamos conscientes de poder e ter que mudar de linguagem.

**IHU On-Line – Qual a importância da celebração comunitária, na perspectiva do Vaticano II?**

**Andrea Grillo** – O Concílio Vaticano II, retomando algumas intuições importantes elaboradas pelo Movimento Litúrgico ao longo dos séculos XIX e XX, começou, com autoridade, a superar um “paradigma individualista” da relação com Cristo e com a Igreja. Tal paradigma havia brotado do impacto entre o modelo clássico e tradicional de vida cristã e o mundo moderno. Se o Concílio de Trento<sup>3</sup> havia

– em 1500 – favorecido a passagem “da comunidade ao indivíduo”, 400 anos depois, o Vaticano II demarcou a retomada do primado da comunidade sobre o indivíduo. Isso significou um reequilíbrio profundo e complexo entre vida espiritual, estruturas institucionais e ações rituais. Tal processo de calibragem ainda está em plena elaboração e implica grandes sacrifícios, seja para os indivíduos, seja para as comunidades, mas também oportunidades muito grandes.

**IHU On-Line – Para a vivência celebrativa, qual o significado e o alcance da Igreja ‘Povo de Deus’ e da Igreja ‘Comunhão’?**

**Andrea Grillo** – A compreensão da Igreja como “povo de Deus” e como “comunhão” com o Pai mediante o Filho no Espírito começou, lenta mas irreversivelmente, a modificar a perspectiva de toda celebração litúrgica, mudando profundamente o modo de pensar e de experimentar os dados mais basilares da celebração. Pense-se na tríade clássica com a qual pensamos o sacramento: forma, matéria e ministro. Para a concepção clássica e também pós-tridentina, havia sacramento válido quando o ministro competente pronunciava a fórmula sobre a matéria. Agora, tudo isso é muito parcial e unilateral. A forma não é mais, sobretudo, fórmula, entendida como uma série limitada de palavras “sagradas”, mas é toda a sequência ritual. A matéria não é mais um objeto quimicamente definido, mas é um bem histórica e simbolicamente determinado. O ministro não é um cargo singular, mas está articulado na relação complexa e rica entre presidência, ministérios e assembleia. Essa releitura, como fica evidente até mesmo por essa breve referência, leva a uma expressão muito mais rica e articulada, que determina – inevitavelmente, de geração em geração – uma experiência litúrgica e eclesial diferente.

fundamentais na Igreja Católica. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado também de Concílio da Contra-Reforma. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Confira uma entrevista inédita com ele publicada nesta edição. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Concílio de Trento: realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. É considerado um dos três concílios

**IHU On-Line – Numa análise geral, como a Igreja pós-conciliar levou a efeito as decisões do Concílio, particularmente ao que se refere à liturgia?**

**Andrea Grillo** – A “recepção” do Concílio Vaticano II teve uma história muito diferenciada, já na Europa e depois todo o restante dos continentes. Em geral, podemos considerar que houve uma orientação de profunda convicção nas escolhas conciliares, que chegou até os últimos anos do papado de João Paulo II. Justamente nestes últimos anos (digamos, a partir do Jubileu do ano 2000), manifestaram-se alguns sinais de menor convicção, sobretudo por parte da Cúria Romana, mas aqui e acolá, também na periferia. Além disso, os últimos anos também viram manifestar um conflito de interpretações bastante significativo que ainda não conseguiu pôr em questão os dados irreversíveis de uma “reforma” litúrgica que, em grande parte da Igreja, se tornou um fenômeno capilar, irrefreável e fecundo, determinando uma mudança profunda tanto das formas de vida como das experiências formativas dos cristãos do terceiro milênio.

**IHU On-Line – Levando em conta as recentes decisões de Bento XVI, dentre outras, em reintegrar os seguidores do bispo tradicionalista Marcel Lefebvre, em retomar ritos litúrgicos de tradição tridentina, como o senhor analisa atual momento da Igreja?**

**Andrea Grillo** – A resposta à pergunta anterior já se encaminhava para essa questão posterior. Como fica evidente, esse desenvolvimento, motivado pela nobre intenção de favorecer uma comunhão mais ampla na Igreja, determina muitas vezes um fenômeno diferente, quando não oposto. Ou seja, não produz de fato mudanças significativas na relação com o tradicionalismo, mas concede renúncias no plano geral em torno de princípios não disponíveis, introduzindo fatores de nova e generalizada dilaceração no corpo universal da Igreja. Quero dar um exemplo. Se um documento de 2007 afirma, de modo geral, que todo padre, sem necessidade de nenhuma autorização, quando celebra sem

povo, pode utilizar indiferentemente o rito ordinário ou o rito extraordinário, introduz-se sub-repticiamente na Igreja ao mesmo tempo um princípio de “anarquia do alto” – como chamou o grande vaticanista Zizola<sup>4</sup> – e se subverte o primado da “missa com o povo”, trazendo novamente à tona uma espécie de autonomia do clero com relação à assembleia, o que constituiria uma negação explícita da reforma desejada pelo Vaticano II. Nesse caso, poder-se-ia falar de uma nova contestação dirigida ao Concílio, que minaria a própria ideia da “necessidade” da Reforma Litúrgica, transformando-a em uma espécie de “opcional” com relação ao qual a tradição poderia tentar se imunizar completamente. Como fica evidente, essa conclusão não estaria muito distante das posições que os tradicionalistas sustentam há 50 anos. Mas o acordo que eventualmente se obteria constituiria, de fato, uma negação do caminho percorrido comunitariamente nesses 50 anos.

**IHU On-Line – Tendo presente o atual contexto de Igreja e de mundo, ao celebrarmos os 50 anos de abertura do Concílio, o que é importante ser resgatado e que pode ajudar a própria Igreja a se abrir aos novos desafios?**

**Andrea Grillo** – No contexto eclesial e civil contemporâneo, a retomada da “profecia conciliar” constitui um desafio de muito valor para os cristãos de 50 anos depois. Profecia significa acima de tudo “esperança”. E, como já diziam os antigos, o contrário da esperança é tanto o desespero como a presunção. As tentações que hoje afligem a Igreja mais facilmente – tanto na sua cúpula como na sua base – é uma perigosa mistura desses dois “vícios”. Desesperar-se com a Igreja pós-conciliar e ter a presunção de encontrar no pré-Concílio as soluções já prontas para a nossa condição crítica é um pecado que, hoje, está muito ao alcance das mãos, quase aconselhável!

Por outro lado, o sentimento mais perigoso da Igreja de hoje é o

medo. Por medo, nos encastelamos em evidências que se tornaram não evidentes nesse meio-tempo; por medo, nos consolamos com as pequenas coisas de antigamente; por medo, não descontentamos ninguém e acabamos descontentando a todos; por medo, assumimos mais facilmente a atitude do julgamento em vez do da comunhão. Para remediar essa arriscada situação de fechamento litúrgico e eclesial, devido essencialmente a um excesso de medo, pode ser útil começar a partir da documentação histórica: mostrando que a Igreja chegou a identificar o seu próprio percurso de Reforma Litúrgica na base de uma crise ritual e sacramental que ela experimentava já desde a primeira metade do século XIX. Mesmo um simples exercício da memória como esse pode ser capaz de desligar aqueles mecanismos de generalização e de falsificação que impedem de captar a profecia conciliar pelo seu lado justo e, ao contrário, tendem a confundir as causas com os efeitos, responsabilizando o Concílio Vaticano II por aquela crise que é ao menos 100 anos mais velha do que ele, esquecendo que os problemas litúrgicos não começam com o Concílio, mas, no mínimo, com o Concílio começam a ser resolvidos.

## Leia mais...

>> **Andrea Grillo** já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**. Confira:

- *Por uma Ecclesia verdadeiramente Universa*. Edição 363 da revista **IHU On-Line**, de 30-05-2011, disponível em <http://bit.ly/igwDN3>

>> Ele também é autor dos **Cadernos**

**Teologia Pública** número 56,

intitulado “Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio”, publicado em

2011 e disponível para download em

<http://bit.ly/NBrEAJ>

<sup>4</sup> Sobre Giancarlo Zizola leia o seguinte artigo publicado no sítio do IHU: <http://bit.ly/QJx2BB> (Nota da **IHU On-Line**)

# O Concílio Vaticano II e a ética cristã na atualidade

Para José Roque Junges, o Concílio Vaticano II se caracterizou por um cunho pastoral de compreensão sobre a presença da Igreja e dos cristãos católicos no mundo de hoje. Este é o seu legado primordial

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA

O Concílio Vaticano II não foi um fenômeno eclesial extemporâneo, mas respondeu a anseios internos da Igreja e recolheu os frutos teológicos e pastorais de uma intensa movimentação intelectual e prática de volta às origens do cristianismo e de abertura ao mundo moderno durante a primeira metade do século XX.

Na sociedade contemporânea, é exigida “uma atitude de humildade e principalmente de testemunho por parte da Igreja no anúncio da mensagem cristã, numa cultura e sociedade que já não é mais cristã em sua identidade, mas pós-cristã. Muitos ainda não se deram conta disso, criando ruídos e entraves para a presença pública da fé cristã. A teologia pública é justamente aquela perspectiva de reflexão que complementa, mas não se identifica com o enfoque eclesiástico, por não ter como objetivo precípuo animar os fiéis da comunidade eclesial, mas tentar justificar e explicitar a fé cristã no espaço público da sociedade para quem professa uma cultura que já não é mais cristã, mas que é aberta para o diálogo e para as inter-

faces com o mundo espiritual”, afirma José Roque Junges, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo o teólogo, “se a Igreja quer ser ouvida em sua mensagem na sociedade, ela não pode fazer uma bioética de sacristia, mas participar dos fóruns públicos com uma abertura de diálogo crítico, com a construção de argumentos contundentes dentro de uma racionalidade lógica e comunicativa”.

José Roque Junges possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidad Católica de Chile e doutorado em Teologia Moral pela Pontifícia Università Gregoriana de Roma, Itália. Tem experiência na área de Teologia, Filosofia e Ética, com ênfase em Bioética. Entre seus livros publicados citamos *Bioética: perspectivas e desafios* (São Leopoldo: Unisinos, 1999); *Ecologia e Criação: resposta cristã à crise ambiental* (São Paulo: Loyola 2001); *Ética ambiental* (São Leopoldo: Unisinos, 2004); e *Bioética: hermenêutica e casuística* (São Paulo: Loyola, 2006).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Como o senhor compreende o Concílio Vaticano II a partir do ponto de vista da teologia moral?**

**José Roque Junges** – O Concílio Vaticano II não foi um fenômeno eclesial extemporâneo, mas respondeu a anseios internos da Igreja e recolheu os frutos teológicos e pastorais de uma intensa movimentação intelectual e prática de volta às origens do cristianismo e de abertura ao mundo moderno durante a primeira metade do século XX. Assim tivemos um Movimento Bíblico que possibilitou uma nova compreensão da revelação divina e uma

hermenêutica mais adequada da Sagrada Escritura; um Movimento Litúrgico que desembocou no novo modo de conceber e celebrar os sacramentos e especialmente a eucaristia; um Movimento Ecumênico de aproximação das outras expressões eclesiais da fé cristã, superando antigos conflitos para uma denominação de Igrejas irmãs; um movimento de volta às fontes da fé cristã, principalmente pela redescoberta da patrística; e, por fim, um movimento de renovação teológica que superou o imobilismo intelectual da Escolástica moderna, tentando pensar o dado da revelação a partir de novas lógicas e

paradigmas teóricos. Esse movimento aconteceu também na teologia moral através da renovação trazida por teólogos da chamada Escola de Tübingen, que tentaram repensar a moral cristã a partir de uma antropologia personalista e de uma fundamentação bíblica que ponha o foco do agir do cristão nas exigências do Reino de Deus e no seguimento de Cristo, e não tanto na lei natural. O teólogo moralista que soube sistematizar essa renovação da moral foi Bernhard Häring<sup>1</sup> com o seu célebre

<sup>1</sup> **Bernhard Häring** (1912-1998): teólogo moralista alemão, pioneiro da renovação eclesial. (Nota da **IHU On-Line**)

livro *A Lei de Cristo*<sup>2</sup> publicado em 1954 no qual se formaram muitos bispos que participaram do Concílio. Não é por nada que Häring foi um dos grandes assessores teológicos do Concílio Vaticano II. Essa nova compreensão está presente, por exemplo, no documento conciliar *Optatam Totius* que trata da renovação da formação do clero, quando afirma que “*se consagre cuidado especial ao aperfeiçoamento da Teologia Moral cuja exposição científica mais alimentada pela doutrina da Sagrada Escritura evidencie a sublimidade da vocação dos fiéis em Cristo e sua obrigação de produzir frutos de caridade para a vida do mundo*” (OT 16). É possível destacar três elementos importantes dessa definição: inspirar-se mais na Sagrada Escritura, evidenciar a vocação dos fiéis em Cristo, trazer frutos de caridade para o mundo, afirmações revolucionárias para a renovação da teologia moral, pois não faziam parte do discurso escolástico da moral. Esse novo espírito da centralidade de Cristo, da visão antropológica positiva do ser humano e da abertura e diálogo com o mundo perpassou todo o Concílio e aparece em todos os seus documentos, trazendo novos ares, renovação e jovialidade para a prática da fé cristã dos católicos.

**IHU On-Line – De forma mais específica, qual foi relevância do documento conciliar *Gaudium et Spes* e como ele impulsionou o pensamento ético na Igreja pós-conciliar?**

**José Roque Junges** – Um dos principais documentos conciliares em que aparece esse novo espírito é *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. Bernhard Häring teve um papel fundamental na assessoria e redação desse documento. Trata-se de uma constituição pastoral e não dogmática como são, por exemplo, a constituição *Lumen Gentium* (Luz das nações) sobre a natureza da Igreja e a constituição *Dei Verbum* (Palavra de Deus) sobre a revelação divina na história humana de salvação, que abordam os próprios fundamentos da Igreja. A *Gaudium et Spes* (Alegrias e esperanças) formula a visão e os princípios que devem reger o modo

de agir da Igreja no mundo. O documento expressa a concepção da Igreja sobre o ser humano (GS 12-22); sobre o sentido da comunidade (GS 23-32) e da atividade humanas no mundo (GS 33-39); e sobre a função da Igreja no mundo de hoje (GS 40-45). Por fim, são abordados alguns problemas urgentes como a família e o matrimônio compreendidos a partir de uma visão renovada (GS 47-52), a promoção da cultura com critérios para que ela seja integral (53-62), a vida econômico-social com princípios sobre o desenvolvimento e a destinação dos bens terrenos (GS 63-72), a comunidade política centrada numa compreensão do bem comum (GS 73-76), a paz e a comunidade das nações com novas diretrizes sobre a ocorrência de guerras (GS 77-90). O documento exprime uma visão positiva do ser humano e uma abertura e diálogo com o mundo, superando uma perspectiva condenatória de anátemas que caracterizava até esse momento a Igreja no seu modo de encarar o mundo moderno. Por isso inicia dizendo que *as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo*. A Igreja se deu conta de que para anunciar o Evangelho que é uma Boa Nova, uma Boa Notícia, ela não podia ter uma atitude condenatória; se tem um anúncio de salvação a dar ela não deve condenar, mas saber acolher e convencer pelo testemunho. João XXIII ao convocar o Concílio queria que fosse diferente dos anteriores, que servissem mais para dar anátemas. Por isso ele insistiu que o Vaticano II deveria ser mais de cunho pastoral com uma abertura ao mundo como esse se apresenta, sendo *Gaudium et Spes* a máxima expressão dessa perspectiva. Esse novo modo de encarar o ser humano e de agir no mundo exigiu uma renovação da reflexão moral da Igreja, obrigando a repensar os parâmetros, às vezes estreitos, que até esse momento regiam o agir dos cristãos católicos. Certamente não se soube ainda tirar as últimas consequências para o comportamento moral, por exemplo, relativo à sexualidade, dessa nova concepção antropológica de cunho mais personalista.

**IHU On-Line – Qual a concepção de ser humano que emerge do Concílio e quais as decorrências para a antropologia e a ética cristã?**

**José Roque Junges** – Os números 16 e 17 da *Gaudium et Spes* sobre a consciência moral e a liberdade são centrais para entender a concepção do ser humano que emerge do concílio. Quanto à consciência moral, é afirmado que o ser humano descobre uma lei escrita por Deus no seu coração, e obedecer a ela é a sua própria dignidade. Essa consciência é o *núcleo secretíssimo e o sacrário do ser humano onde ele está sozinho com Deus e onde ressoa sua voz. Pela consciência, descobre-se, de modo admirável, aquela lei que se cumpre no amor de Deus e do próximo* (GS 16). Essa visão revolucionária totalmente a concepção sobre a consciência moral presente na tradicional moral escolástica que a reduzia a uma pura instância de aplicação da norma, mas nunca como um lugar de discernimento da vontade Deus. Portanto, a consciência é o núcleo íntimo da pessoa que deve ser respeitado onde ressoa a voz de Deus. Nela descobre-se por conaturalidade a única lei interpelante e imperativa que é o amor, da qual as outras normas são puras decorrências para orientar no amor.

**A livre escolha pelo bem**

O número seguinte dá a verdadeira dimensão do que foi dito sobre a consciência: *O ser humano não pode, porém, voltar-se para o bem, a não ser livremente* (GS 17). O texto aponta para a grandeza da liberdade que tem a sua base na imagem de Deus impressa no ser humano: *A verdadeira liberdade é um sinal eminente da imagem de Deus no ser humano. Pois Deus quis deixar ao ser humano o poder de decidir, para que, assim, procure espontaneamente o seu Criador, a Ele adira livremente e chegue à perfeição plena e feliz* (GS 17). Em continuação, o texto parece assumir uma tese típica da ética moderna kantiana, isto é, a autonomia como fundamento da dignidade: *Portanto, a dignidade do ser humano exige que possa agir de acordo com uma opção consciente e livre, isto é, movido e levado por convicção pessoal, e não por força de um impulso interno cego ou debaixo de mera coação externa* (GS 17). Nesse texto, a dignidade humana significa, ao mesmo tempo, exigência e cumpri-

2 HÄRING, Bernhard C. S.S. R. *A Lei de Cristo: Teologia Moral para Sacerdotes e Leigos*. Tomo I, Teologia Moral Geral. São Paulo: Herder, 1960. (Nota da IHU On-Line)

mento, ou condição e vocação que se realiza através da liberdade. Em outras palavras, a liberdade está intimamente ligada à dignidade, sendo a indispensável condição de sua realização. Assim, a grandeza da liberdade tem um duplo conteúdo: como valor em si enquanto liberdade e, como dinâmica de liberdade que visa à realização da dignidade humana.

Quem não conheceu a visão antiga pré-conciliar não consegue avaliar o que essa reflexão sobre a consciência e a liberdade significa como mudança e virada copernicana na concepção antropológica da Igreja. Essa visão está na base de uma das declarações mais revolucionárias do concílio que foi a *Dignitatis Humanae*<sup>3</sup> sobre a liberdade religiosa. Significou aceitar que toda pessoa deve ser respeitada em sua opção religiosa feita em sã consciência, nunca se podendo impor a ninguém um credo religioso. Esse posicionamento e a visão antropológica que o fundamenta foram o motivo, além de outras afirmações, da não aceitação da totalidade do concílio Vaticano II pelo movimento ultratradicionalista do bispo Marcel Lefebvre<sup>4</sup>, suspenso de suas funções episcopais por João Paulo II, mas cujo movimento está em processo de reabilitação por Bento XVI, o que é preocupante por suas possíveis consequências para a recepção do concílio que ainda está em curso ao interno da Igreja.

### IHU On-Line – Como o Concílio entendeu a questão da dignidade da pessoa humana?

3 *Dignitatis humanae* (dignidade humana): declaração sobre a liberdade religiosa, aprovada pelo Concílio Vaticano II e promulgada por Paulo VI no dia 7 de dezembro de 1965. Esse documento, aprovado na última sessão do Concílio, versa sobre o direito da pessoa e das comunidades à liberdade social e civil em matéria religiosa. Este documento faz diversas referências às encíclicas *Pacem in terris* e *Mater et magistra*, de João XXIII. (Nota da IHU On-Line)

4 **Marcel Lefebvre**: francês, foi arcebispo na África e liderou, durante o Concílio Vaticano II, juntamente com os bispos brasileiros Geraldo Sigaud e Antonio de Castro Mayer, o Coetus Internationalis Patrum que reunia o grupo mais conservador da Igreja. Marcel Lefebvre nunca aceitou o Concílio Vaticano e fundou a Fraternidade Pio X que rompeu com a Igreja Católica. Tanto João Paulo II como Bento XVI negociam com a Fraternidade o fim do cisma. (Nota da IHU On-Line)

**José Roque Junges** – A Constituição pastoral *Gaudium et Spes* é o primeiro documento oficial da Igreja com uma explicitação mais formal sobre a dignidade humana. Para a fé cristã, todo ser humano é imagem de Deus e sua semelhança divina é o fundamento de sua dignidade. Isso está explicitado quando a constituição afirma: *As Sagradas Escrituras ensinam que o ser humano criado 'à imagem de Deus' é capaz de conhecer e amar seu Criador, que o constituiu senhor de todas as coisas terrenas, para que, dominando-as para seu uso, glorifique a Deus... Deus não criou o ser humano solitário. Desde o início, 'Deus os criou varão e mulher' (Gn 1,27). Esta união constituiu a primeira forma de comunhão de pessoas. O ser humano é, com efeito, por sua natureza íntima, um ser social. Sem relações com os outros, não pode nem viver nem desenvolver seus dotes (GS 12).*

### Deus, o mundo e o outro

A imagem divina no ser humano é analisada sob três aspectos: *capacidade de conhecer e amar a Deus, de ser senhor de todas as coisas e de viver em comunhão com os outros*. Trata-se de uma descrição do conteúdo do conceito de imagem de acordo com os três referenciais da pessoa: Deus, o mundo e o outro. A imagem expressa um projeto para o ser humano; não um simples dado, mas um dinamismo de realização, que o abre para as três relações. Nessas relações, efetiva a sua vocação: entrar em comunhão com Deus, com o outro e com o mundo. A dignidade humana consiste nessa efetivação. É importante salientar que na GS 12 o termo “dignidade” é usado em estreita ligação com o termo “vocação”. O sentido preciso dessa relação aparece no início da GS 19: *A razão principal da dignidade humana consiste na vocação do ser humano para a comunhão com Deus*. A imagem se expressa nessa comunhão a que o ser humano é chamado e que fundamenta a sua dignidade. A relação com Deus, com o outro e com o mundo é o caminho de realização da vocação. Nessa vocação, está a sua dignidade. A vocação, como termo de mediação entre a imagem divina e a dignidade humana, somente é compreensível na dimensão cristológica, pois o conceito de “imagem de Deus” é vazio e sem conteúdo sem a referência à reconciliação operada em Cristo. O ser huma-

no, criatura nova, é chamado a viver o amor salvífico experimentado em sua vida por obra e graça de Cristo. Daí a importância do título de GS 22 “Cristo, um Ser humano novo”, que termina o capítulo sobre dignidade com um fecho de ouro: *Na realidade, o mistério do ser humano só se torna verdadeiramente claro no mistério do Verbo encarnado. Com efeito, Adão o primeiro ser humano era figura daquele que haveria de vir, isto é, de Cristo Senhor. Novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e de seu amor, Cristo manifesta plenamente o ser humano ao próprio ser humano e lhe descobre a sua altíssima vocação. Não é, portanto, de se admirar que, em Cristo, estas verdades encontrem sua fonte e atinjam seu ápice (GS 22)*. Em Cristo, o ser humano é convidado a entrar em comunhão de amor com Deus, sendo, pela graça, regenerado em sua dignidade para viver como reconciliado.

### Glorificar a Deus no corpo: exigência da própria dignidade

A imagem de Deus no ser humano e, portanto, sua vocação e sua dignidade realizam-se numa unidade estrutural corpóreo-espiritual (GS 14). A condição corporal e a vida interior são as mediações para a realização da vocação e a base para a efetivação da dignidade. O ser humano é imagem de Deus e portador de dignidade, não somente no aspecto espiritual, mas igualmente no corporal como dimensões de uma unidade pessoal. *Não é, portanto, lícito ao ser humano desprezar a vida corporal, mas, ao contrário, deve estimar o seu corpo, porque criado por Deus e destinado à ressurreição no último dia (GS 14)*. O corpo participa da redenção pela ressurreição e deve ser considerado como uma realidade redimida, porque o Verbo assumiu a carne humana. Tendo presente, porém, a possibilidade da presença do pecado na realidade corporal, o texto lembra que o ser humano é convidado a glorificar a Deus no seu corpo, como exigência da própria dignidade. Contudo, o ser humano supera a condição corporal pela emergência da interioridade: *Com efeito, por sua vida interior, o ser humano excede a universalidade das coisas. Ele penetra nesta intimidade profunda, quando se volta ao seu coração, onde o espera Deus, que perscruta os corações, e onde ele*

*pessoalmente sob os olhares de Deus, decide sua própria sorte* (GS 14).

O texto conciliar não apenas trata da essência da dignidade, mas descreve também sua condição histórica: o pecado (GS 13) e a morte (GS 18). Essa preocupação pela situação histórica é compreensível quando se entende a dignidade como vocação ou como cumprimento, e não apenas como exigência formal, como acontece em Kant. O pecado e a morte são um contínuo desafio para a efetivação da dignidade humana, regenerada em Cristo para a graça e a vida. A reconciliação operada por Cristo no batismo cria as condições, para que o ser humano possa dar uma resposta e vencer o pecado, como força desestruturadora, e a morte, como destruição definitiva, que ferem e negam a realização da dignidade. Reconciliado com Deus e agraciado pelo seu amor, o ser humano já não peca nem morre, pois venceu a potência do pecado e a morte eterna pela força da graça de Cristo. Nisso consiste a grandeza da dignidade humana para o humanismo cristão.

**IHU On-Line – De maneira geral, qual a relevância do Vaticano II para a fundamentação teológica dos direitos humanos?**

**José Roque Junges** – Para W. Huber<sup>5</sup>, os direitos humanos se fundamentam em três valores básicos que os constituem em sua doutrina: liberdade, igualdade e participação que não devem ser separados, mas levados em consideração em sua condicionalidade e correlação mútuas. Essa afirmação institui uma regra hermenêutica para compreender os direitos humanos, pois cada um deve ser explicitado em relação aos três valores, embora determinado direito esteja mais próximo de um dos valores. Essa doutrina dos valores inseparáveis da liberdade, da igualdade e da participação como base de interpretação para os direitos aparece também na *Gaudium et Spes* ao explicitar o fundamento da dignidade humana na imagem e semelhança divina que justifica o respeito pela liberdade da consciência, a consideração de todos seres humanos como iguais em dignidade e o direito à participação de todos na herança hu-

mana e nos bens da natureza criados por Deus. Essa imagem e semelhança só adquirem conteúdo e expressão na encarnação do Verbo, quando o Filho do Pai eterno se faz homem em Jesus de Nazaré e se identifica com a humanidade. Em Cristo como homem novo é que a dignidade humana recebe o seu selo e sua garantia de realização, porque na identificação com o Filho, todo ser humano goza da liberdade dos filhos de Deus, aceita os outros como irmãos na igualdade e participa da herança do Reino de Deus que são a base teológica dos direitos humanos. Jesus fazendo-se irmão e semelhante a todo ser humano elevou a dignidade humana à condição de semelhança divina. Cristo tornou-se humano para que o ser humano possa tornar-se divino. Assim os direitos humanos são uma expressão dessa condição que é fruto da identificação do humano e do divino em Cristo. Assim o desrespeito aos direitos humanos é uma ofensa direta a Deus, porque lesa a sua imagem no ser humano.

**IHU On-Line – Em sua opinião, depois de 50 anos da abertura, em que medida o Concílio continua atual, levando em conta os novos desafios implicados na chamada segunda modernidade?**

**José Roque Junges** – Por vontade explícita de João XXIII, o Concílio Vaticano II não teve um caráter apologético de condenações como os anteriores, mas se caracterizou essencialmente por um cunho pastoral de compreensão sobre a presença da Igreja e dos cristãos católicos no mundo de hoje. Esse espírito e essa nova perspectiva são o legado primordial do concílio, mais do que a pura letra dos documentos. Essa é a verdadeira recepção do concílio, conceito teológico que expressa como documentos oficiais são historicamente assimilados ao interno da Igreja. Todo concílio lega determinado espírito e mentalidade para a Igreja do seu tempo que está para além da letra dos documentos aprovados. O Concílio de Trento no século XVI configurou uma mentalidade muito própria na Igreja. Nessa perspectiva, pode-se afirmar com toda certeza que o Concílio Vaticano II deixou como herança um novo espírito e novo modo de posicionar-se no mundo e na sociedade, caracteri-

zado essencialmente por uma atitude de abertura colaborativa e dialogante, embora possa e deva em muitos casos ser também questionadora e crítica, mas nunca condenatória. Hoje faz parte da identidade cristã ser aberto ao diálogo com as culturas e as religiões numa atitude colaborativa em prol da justiça e da fraternidade entre os povos e na construção de uma sociedade democrática e emancipadora. Esse legado do concílio continua extremamente atual, passados 50 anos, no sentido de saber se posicionar na cultura contemporânea da segunda modernidade com atitude dialogante e postura inculturada e crítica.

### **Autonomia e secularização**

Outra característica do concílio foi reconhecer a autonomia das realidades sociais terrestres que não devem ser sacralizadas e depender da autoridade da Igreja. Essa é a base do assim chamado fenômeno da secularização, lamentado por tradicionalistas, mas que trouxe um grande bem e autonomia para o testemunho e a ação da Igreja no mundo e na sociedade. Esse legado do concílio continua a ser muito importante. Ocupar um papel político de poder sempre foi desastroso para o Evangelho, pois nunca pode ser anunciado a partir de uma posição de poder seja qual for e muito menos imposto com argumentos de autoridade. Ele só pode ser acolhido pelo convencimento interno e porque é compreendido como uma boa notícia de sentido e de salvação para a existência. Isso exige uma atitude de humildade e principalmente de testemunho por parte da Igreja no anúncio da mensagem cristã, numa cultura e sociedade que já não é mais cristã em sua identidade, mas pós-cristã. Muitos ainda não se deram conta disso, criando ruídos e entraves para a presença pública da fé cristã. A teologia pública é justamente aquela perspectiva de reflexão que complementa, mas não se identifica com o enfoque eclesial, por não ter como objetivo precípuo animar os fiéis da comunidade eclesial, mas tentar justificar e explicitar a fé cristã no espaço público da sociedade para quem professa uma cultura que já não é mais cristã, mas que é aberta para o diálogo e para as interfaces com o mundo espiritual.

5 W. HUBER, Direitos humanos: um conceito e sua história. *Concilium* n. 144. 1979, p. 7-17. (Nota do entrevistado)

**IHU On-Line – A partir do atual contexto de mundo, quais são as grandes questões éticas e morais que interpelam a Igreja por respostas?**

**José Roque Junges** – No atual contexto, a Igreja enfrenta dois grandes desafios éticos que a interpelam e para os quais ela é convidada a contribuir com os tesouros simbólicos da fé cristã. O primeiro é a questão da vida para o qual ela está muito acordada e preocupada, mas é necessário compreender o transfundo simbólico de macroproblemas dos microproblemas morais como aborto, eutanásia, procriação assistida. A reflexão fica muitas vezes reduzida a essas microbatalhas com seus argumentos às vezes limitados, quando está em jogo uma batalha muito mais ampla de gestão da vida, para a qual esses microproblemas morais são apenas sintomas do que se manifesta em todo mundo das biotecnologias que se configuram sempre mais como estruturas de biopoder que criam e disseminam dinâmicas biopolíticas. A mentalidade sobre o aborto e a eutanásia é movida por essas dinâmicas e, por isso, elas devem ser o foco. É imperioso saber situar-se nesse contexto mais amplo de reflexão, sabendo, por exemplo, dialogar com autores como Giorgio Agamben<sup>6</sup>,

Roberto Esposito<sup>7</sup> e outros que estão trazendo elementos importantes para refletir, hoje, sobre as dinâmicas da gestão da vida. Se a Igreja quer ser ouvida em sua mensagem na sociedade, ela não pode fazer uma bioética de sacristia, mas participar dos fóruns públicos com uma abertura de diálogo crítico, com a construção de argumentos contundentes dentro de uma racionalidade lógica e comunicativa.

### Aquecimento global

Uma segunda questão ética que aflige atualmente a humanidade e para a qual a Igreja ainda está pouco desperta e poderia colaborar muito mais com iniciativas globais é o problema ambiental e, especificamente, o aquecimento climático global (este ano tivemos, inclusive, o Encontro Internacional Rio+20). Assumindo essa preocupação com ações concretas de colaboração global em favor de iniciativas em defesa do meio ambiente, ela ampliaria o seu posicionamento de promoção da vida, ganharia em autoridade moral para reivindicar uma atitude de proteção da vida em toda sua amplitude e de coerência ecológica diante de uma criação que geme e sofre dores de parto, esperando pela libertação final escatológica.

**IHU On-Line – O senhor gostaria de acrescentar algum aspecto que não foi abordado?**

**José Roque Junges** – Alguns afirmam, com certa razão, que o Concílio Vaticano II foi ingênuo em sua abertura ao mundo moderno, faltando uma visão mais crítica dos pressupostos da modernidade, especialmente em seu acento no indivíduo e no esvaziamento do senso comunitário, mas que só numa época já pós-moderna foi possível dar-se conta de suas consequências. Por um lado, o surgimento da modernidade foi possibilitado pelos condicionamentos criados pelo cristianismo, mas, por outro, as dinâmicas desenvolvidas pela mentalidade moderna podem esvaziar uma experiência de fé que está baseada unicamente nos reforços de um contexto cultural cristão. Ora, esse contexto está desaparecendo devido à pressão cultural das dinâmicas da autonomia. Esse fato pode ser libertador para uma evangelização que não está primariamente baseada em práticas rituais, mas na construção de convicções interiores. Nesse sentido pode-se falar da necessidade de uma autonomia teológica que conjuga graça e liberdade na configuração existencial da fé. Isso aponta para a necessidade urgente de uma fé fundada na experiência e vivência da graça e do amor de Cristo. Como dizia o teólogo Rahner, o cristão do século XXI ou será místico ou não será mais cristão.

## Leia mais...

>> José Roque Junges já contribuiu outras vezes com a **IHU On-Line**. Confira:

- “Se o aborto é um problema, a sua solução não é o próprio aborto”. Entrevista publicada na edição número 219, de 14-05-2007, disponível em <http://bit.ly/hQXETy>
- *Agenciamentos imunitários e biopolíticos do direito à saúde*. Entrevista publicada na edição número 344, de 21-09-2010, disponível em <http://bit.ly/Ln0ZX7>
- *Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica*. Artigo publicado nos **Cadernos Teologia Pública** número 7, disponível para download em <http://bit.ly/NIDmDr>

<sup>6</sup> **Giorgio Agamben** (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do Collège International de Philosophie de Paris. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (Belo Horizonte: UFMG, 2002); *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: UFMG, 2005); *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007); *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: UFMG, 2007); e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007 o site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível para download em <http://migre.me/uNk1>. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin. Para conferir o material, acesse <http://migre.me/uNkY>. Confira, também, a entrevista *Compreender a atualidade através de Agamben*, realizada com o filósofo Rossano Pecoraro, disponível

para download em <http://migre.me/uNme>. A edição 81 da revista **IHU On-Line**, de 27-10-2003, tem como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: A lei política moderna*, disponível em <http://migre.me/uNo5>. Leia, ainda, as edições 344, de 21-09-2010, intitulada *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <http://migre.me/5WjQm> e 343, de 13-09-2010, *O (des) governo biopolítico da vida humana*, disponível em <http://migre.me/5WjSa>, bem como o Cadernos IHU número 10, intitulado “A sacralidade da vida na exceção soberana, a testemunha e sua linguagem. (Re) leituras biopolíticas da obra de Giorgio Agamben”, de autoria de Cartor Bartolomé Ruiz, disponível em <http://bit.ly/T9Sxwy>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>7</sup> **Roberto Esposito**: filósofo italiano, especialista em filosofia moral e política. De sua vasta produção bibliográfica, citamos *Pensiero vivente. Origine e attualità della filosofia italiana* (2010), *Bios. Biopolítica e filosofia* (2008), *L'origine della politica. Hannah Arendt o Simone Weil?* (1996). Leia também os artigos “Para onde vai a cultura europeia?”, disponível em <http://bit.ly/OyuzXf>; e “Os valores dos símbolos”, disponível em <http://bit.ly/IH7P7D>. (Nota da **IHU On-Line**)

# “Estamos em um período de encastelamento”

Para Maria Benedetta Zorzi e Armando Matteo, todos os Concílios de grande reviravolta, como o Vaticano II, levam anos para serem realmente digeridos. “Hoje se acredita que a proposta de uma identidade forte, quase a ser contraposta ao mundo e à cultura, é a escolha vencedora. Deixemos que a história julgue”, concluem

POR GRAZIELA WOLFART | TRADUÇÃO DE MOISÉS SBARDELOTTO

Que o Concílio Vaticano II continua ecoando na vida da Igreja até hoje é algo inquestionável. E um dos pontos debatidos aqui é a questão do espaço da mulher na Igreja. Esse é um dos assuntos debatidos na entrevista a seguir, concedida por e-mail pela irmã Benedetta Zorzi, monja beneditina e teóloga, e pelo padre e teólogo Armando Matteo. Segundo eles, “há algumas décadas estamos como que parados, acomodados: talvez não tenhamos a coragem de continuar trabalhando ao longo daquelas intuições e ir até o fim. Certamente, ainda não houve uma passagem de bastão para as novas gerações, que agora já prospectam mentalidades e horizontes muito diferentes daqueles de quem fez o pós-Concílio”. Sobre a divisão dos papéis entre homens e mulheres na Igreja Católica, Zorzi e Matteo são enfáticos: “diante de uma reflexão secular da mulher sobre a sua identidade, sobre os seus papéis e sobre a mudança da sua autopercepção, não houve uma reflexão equivalente do homem sobre si mesmo, sobre o seu papel, sobre quem ele deve ser com respeito a essa mulher que mudou. Se, como diz o Magistério, a antropologia católica é dual, então, se um polo muda, o outro também deve mudar necessariamente. Cada vez mais temos homens jovens incapazes de fazer frente a uma relação com as jovens adultas de hoje, capazes, afirmadas socialmente, livres, autodeterminadas, pessoal, física e projetualmente... com todas as consequências que

isso implica. A Igreja Católica ainda parece ser o único baluarte em que um jovem ocidental pode continuar não pondo em discussão a sua identidade masculina. Se pensarmos no que o padre deveria fazer na Igreja Católica, no modo em que esse papel é hoje apresentado, não é de se admirar que esse papel atraia pessoas com dificuldades identitárias”.

Nascida em Roma, em 1970, Maria Benedetta Zorzi, OSB vive há 20 anos em um mosteiro em Fabriano, em Marche, na Itália. Estudou Teologia e fez doutorado em Filosofia. Ela faz parte da Coordenação das Teólogas Italianas, da qual administra o site oficial ([www.teologhe.org](http://www.teologhe.org)). Pertence à ordem de São Bento ou Ordem Beneditina (em latim *Ordo Sancti Benedicti*, sigla OSB). Trata-se de uma ordem religiosa católica de clausura monástica que se baseia na observância dos preceitos destinados a regular a convivência comunitária.

Armando Matteo, teólogo e padre, é assistente nacional da Federação Universitária Católica Italiana – FUCI. É autor de muitos artigos e estudos sobre a pós-modernidade e sobre a relação entre os jovens e a fé, alguns dos quais traduzidos no estrangeiro. Seu mais recente livro intitula-se *La fuga delle quarantenni. Il difficile rapporto delle donne con la chiesa* (Roma: Ed. Rubbettino, 2012) ((A fuga das mulheres de 40 anos. A difícil relação das mulheres com a Igreja).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Em que sentido as lacunas deixadas pelo Vaticano II contribuem para o episódio da chamada fuga das “quarentonas” da fé?**<sup>1</sup>

**Maria Benedetta Zorzi e Armando Matteo** – Os liturgistas disseram que a Reforma Litúrgica foi necessária, mas não suficiente, porque a mudança dos ritos não levou à reforma da própria estrutura da Igreja, da qual a liturgia é expressão. É hora, de fato, de passar para uma transformação “a partir” dos ritos, isto é, a partir do que a sua reforma pôs em maior evidência: pense-se, particularmente, na centralidade da palavra na vida dos fiéis, no sentido da participação de todos na eucaristia, na assunção mais consciente da categoria de povo de Deus à espera do Reino. Podemos encontrar isso em outros âmbitos eclesiais, incluindo a vida religiosa. Tentamos fazer mudanças que permaneceram em um primeiro nível ou talvez permaneceram dentro do horizonte vislumbrado por aqueles que fizeram a reforma no pós-Concílio. Porém, não houve uma mudança propriamente dita de paradigma mental. Há algumas décadas estamos como que parados, acomodados: talvez não tivemos a coragem de continuar trabalhando ao longo daquelas intuições e ir até o fim. Certamente, ainda não houve uma passagem de bastão para as novas gerações, que agora já prospectam mentalidades e horizontes muito diferentes daqueles de quem fez o pós-Concílio.

**IHU On-Line – Como entender a distância entre os auspícios do Vaticano II, com as suas aberturas ao mundo e à contribuição criativa das mulheres, e uma cultura do poder ainda “machista” na Igreja hoje?**

**Maria Benedetta Zorzi e Armando Matteo** – O pós-Concílio teve que pagar preços que foram considerados muito altos. Certamente, correu-se o risco de jogar o bebê fora junto com

a água suja. Em certo ponto, portanto, sentiu-se a necessidade de parar, talvez para refletir; mas muitos hoje, mais do que refletir juntos, parecem desesperadamente ocupados tentando voltar ao “como se nada tivesse acontecido”. Na realidade, o mundo não para, e a Igreja, ao fazer isso, corre o risco de perder o compromisso com essa geração e com as posteriores. Também não pode ser silenciado o fato de que a maior e mais chocante revolução cultural do século XX – a de 1968<sup>2</sup> – aconteceu com o Concílio encerrado. Com relação às instâncias que ali vieram à luz (liberdade, singularidade, princípio de autenticidade e de autodeterminação, sensibilidade profundamente democrática, corporeidade, sexualidade, etc.), o cristianismo difundido custa muito a se dar conta da beleza de ser crente e viver hoje uma temporada muito fatigante, que encontra a sua demonstração mais eloquente exatamente na relação cada vez mais difícil com as (jovens) mulheres.

**IHU On-Line – Quais as dificuldades para se tentar construir uma Igreja “a duas vozes”, com homens e mulheres participando da mesma forma?**

**Maria Benedetta Zorzi e Armando Matteo** – De um lado, certamente há uma mentalidade segundo a qual o laicato e, portanto, obviamente, as mulheres – duas vezes leigas – são chamadas a participar plenamente da gestão da vida eclesial; de outro, as próprias mulheres não fazem o suficiente para mudar essa mentalidade e muitas vezes, tendo introjetado valores femininos androcêntricos, são as mais estrênuas defensoras de um sistema que as penaliza. Outro elemento é a ignorância dos padres, sobretudo dos mais jovens, em nível histórico e teológico. Acrescente-se a isso a desorientação identitária do homem jovem ocidental. Diante de uma reflexão secular da mulher sobre a sua identidade, sobre os seus papéis e sobre a mudança da sua autopercepção, não houve uma reflexão equivalente do

homem sobre si mesmo, sobre o seu papel, sobre quem ele deve ser com respeito a essa mulher que mudou. Se, como diz o Magistério, a antropologia católica é dual, então, se um polo muda, o outro também deve mudar necessariamente. Cada vez mais temos homens jovens incapazes de fazer frente a uma relação com as jovens adultas de hoje, capazes, afirmadas socialmente, livres, autodeterminadas, pessoal, física e projetualmente... com todas as consequências que isso implica. A Igreja Católica ainda parece ser o único baluarte em que um jovem ocidental pode continuar não pondo em discussão a sua identidade masculina. Se pensarmos no que o padre deveria fazer na Igreja Católica, no modo em que esse papel é hoje apresentado, não é de se admirar que esse papel atraia pessoas com dificuldades identitárias. Também não devemos nos admirar se o resultado desse conúbio emerja com consequências muitas vezes desagradáveis.

**IHU On-Line – Por que, apesar dos inúmeros textos eclesiais do Concílio Vaticano II sobre a importância das mulheres, ainda existe na Igreja uma forte tensão entre as declarações de princípio e a prática em confiar a elas funções de responsabilidade?**

**Maria Benedetta Zorzi e Armando Matteo** – Porque não se refletiu o suficiente sobre o papel do padre, sobre as modalidades de gestão do poder, das paróquias, porque não se promove explicitamente e com força a formação teológica das mulheres, porque se conecta ainda muito estreitamente a liderança à ordenação ministerial. As aberturas da Igreja para as mulheres de 50 anos atrás nos parecem apenas tímidas hoje, mas eram apropriadas para as mulheres e para o mundo de 50 anos atrás. Hoje, depois de um Magistério que falou de gênio feminino, sim, mas tudo somado por uma perspectiva marcada também geoculturalmente, seria preciso dar mais um passo para compreender a fundo as demandas do mundo das mulheres que está mudando rapidamente.

**IHU On-Line – O que marca a relação das mulheres com a fé e com a Igreja atualmente, em comparação com o contexto social e religioso de**

<sup>1</sup> Trata-se de um “progressivo afastamento do catolicismo das novas gerações femininas”, um “elemento de novidade particularmente significativo e alarmante em um país em que a transmissão da fé sempre foi matrilinear”. O sítio do IHU publicou, nas Notícias do Dia, amplo material sobre o tema. Saiba mais em <http://bit.ly/PoJl6q> (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Sobre o tema, leia a IHU On-Line número 250, de 10-03-2008, intitulada Maio de 1968: 40 anos depois, disponível em <http://bit.ly/9vDKmb> (Nota da IHU On-Line)

## 50 anos atrás, quando foi realizado o Concílio Vaticano II?

**Maria Benedetta Zorzi e Armando Matteo** – Ocorreram mudanças verdadeiramente importantes tanto na autopercepção das mulheres e do seu papel na sociedade, perante os homens e perante os seus desejos, como no contexto cultural. Basta mencionar aqui um dado muito simples: há um número cada vez mais crescente de mulheres jovens com alta taxa de escolarização (na Itália seguramente maior do que o dos seus coetâneos masculinos) e, portanto, com expectativas, com respeito à sua formação como crentes e ao exercício da fé, maiores do que no passado. Para dizer de forma bem-humorada, não podemos nos permitir certas homilias e liturgias improvisadas.

## IHU On-Line – A senhora percebe que continua ecoando o gesto do Concílio Vaticano II, de opção da Igreja pelo caminho do diálogo com a sociedade contemporânea?

**Maria Benedetta Zorzi e Armando Matteo** – Estamos em um período de encastelamento. Esperamos que se trate de uma fase normal a ser lida com os tempos de uma história muito maior do que nós. Todos os Concílios de grande reviravolta, como o de Niceia, envolveram longuíssimos anos antes de serem realmente “digeridos”. O mesmo vale para o Vaticano II. Hoje se acredita que a proposta de uma identidade forte, quase a ser contraposta ao mundo e à cultura, é a escolha vencedora. Deixemos que a história julgue.

## IHU On-Line – 50 anos depois da realização do Concílio Vaticano II, o que, em sua opinião, não ficou bem resolvido? Quais as dificuldades de compreensão que as diferentes hermenêuticas abertas pelo concílio colocam para a caminhada da Igreja?

**Maria Benedetta Zorzi e Armando Matteo** – Basta estudar a história para constatar que a Igreja sempre se encontrou em um contexto cultural com o qual soube dialogar. A capacidade de negociar os conceitos e as linguagens, mentalidades e demandas no diálogo com a cultura foi a sua força e determinou a sua sobrevivência às mudanças epocais. Até o *logos* era um

# “Basta estudar a história para constatar que a Igreja sempre se encontrou em um contexto cultural com o qual soube dialogar”

conceito que foi mediado pela cultura pagã. O Papa Bento XVI destacou que a fidelidade à Tradição não é exercida nos conteúdos doutrinários como tais, mas sim no caminho do sujeito único que é a Igreja através da história.

## IHU On-Line – Qual sua opinião sobre o processo de revisão doutrinária publicado pela Congregação para Doutrina da fé – CDF, intitulado “Avaliação Doutrinária da Conferência de Liderança das Mulheres Religiosas”, nos Estados Unidos? (Leadership Conference of Women Religious – LCWR)?<sup>3</sup> O que poderia fazer parte de uma reforma no âmbito da Liderança da Conferência?

**Maria Benedetta Zorzi e Armando Matteo** – Acompanhamos com muita apreensão a questão, porque, na Europa, deveremos de algum modo sentir um contragolpe com relação ao que for acontecer nos EUA, mas teremos menos capacidade de reação, ao menos na Itália. A Europa tem uma maior consciência das mudanças históricas de longo porte e, portanto, mais paciência, mas também mais lentidão. No entanto, não estamos no direito de dar uma opinião, porque nos escapam os detalhes desse longo processo, que não começou hoje e que, da forma como nos foi apresentado pelos meios de comunicação, ultimamente parece ter sido instrumentalizado para objetivos puramente políticos. O certo é que, a partir do que se lê também na teologia, o feminismo

na Igreja Católica ainda não foi recebido e compreendido ou, melhor, às vezes parece ser culpavelmente mal compreendido pela hierarquia. Talvez nem todas as irmãs norte-americanas tenham problemas doutrinários, e nem todas são feministas radicais; por outro lado, é claro que os homens da Cúria não têm facilidade para agir com destreza entre as várias teologias feministas. Mas certamente a Igreja Católica se encontra hoje com sérios problemas pastorais que as religiosas bem identificaram. É justamente das irmãs – como testemunha a sua gloriosa história desde o século XIX – o carisma de compreender e de enfrentar as situações de maior mal-estar e sofrimento presentes nos fatos humanos. Há um “estar ao lado” que vem antes de qualquer julgamento e que nem por isso significa imediatamente partilha do sentimento de vida com as pessoas que sofrem. Mas sem essa compaixão, sem essa presença, toda verdade, todo princípio abandona o tempo que encontra. Na presença das irmãs, além disso, joga-se um jogo importante para o futuro da Igreja: o da oportunidade de oferecer uma confirmação verdadeiramente feminina sobre o rosto público da comunidade eclesial. Esperamos, com ansiedade, pelos resultados dessa questão que temos certeza de que tem um porte muito maior do que parece: não é um simples chamado à ordem doutrinária. Talvez seja mais fácil pensar que aqui dois polos se enfrentam: de um lado, padres da cúria ocupados em escrever as suas cartas a partir de escritórios em Roma, muitas vezes não muito versados em história (das mulheres) e não muito sensíveis às mudanças culturais contemporâneas; e, de outro, um exército de mulheres conscientes de si mesmas, das mudanças rumo às quais o mundo vai, e acima de tudo formadas naquela liberdade de consciência evangélica (e pós-conciliar) que as torna tão determinadas. Confiamos que as coisas sejam mais articuladas do que essas polarizações fáceis, porque já há homens e mulheres, padres e religiosas, na Igreja Católica, que se encontram em sintonia e que têm o desejo de percorrer a estrada juntos rumo a uma Igreja a duas vozes.

<sup>3</sup> Sobre o tema, leia mais em <http://bit.ly/RP0BjQ> (Nota da IHU On-Line)

# As mulheres e a Igreja: “sinais dos tempos”

Na visão de Margit Eckholt, o chamado aggiornamento do Concílio Vaticano II com os temas do serviço ao Evangelho e a abertura frente ao moderno, justamente para as mulheres, é o ponto de partida decisivo para o seu posicionamento na Igreja Católica

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA | TRADUÇÃO DE REGINA REINART

O que a teóloga alemã Margit Eckholt deseja atualmente é “um estudo profundo e diferenciado dos textos e dos impulsos seguintes ao Concílio Vaticano II, que contribuam para que as portas da Igreja permaneçam abertas a serviço do Evangelho e do ser humano”. Na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line** ela argumenta que “em uma sociedade mundial cada vez mais polarizada e dividida, a Igreja é autêntica quando abre fronteiras, constrói pontes, oferece reconciliação, pratica hospitalidade, e quando ela permite a si mesma ser continuamente aberta pelo ‘estranho’”. Justamente isso, con-

tinua, o Concílio pode nos ensinar: “viver do Espírito do ‘novo Pentecostes’, na profunda ancoragem no movimento da encarnação do Evangelho”.

Margit Eckholt é professora de Teologia Dogmática e Fundamental na Universidade de Osnabrück, Alemanha. Estudou teologia católica, línguas românicas e filosofia na Universidade de Tübingen. Ela estará na Unisinos no próximo mês de outubro, participando como painelistas do Congresso Continental de Teologia, abordando o tema “O Concílio Vaticano II e as mulheres”. Saiba mais em <http://bit.ly/q7kwpT>.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Neste ano em que celebramos o 50º aniversário de abertura do Concílio Vaticano II, como a senhora avalia esse importante acontecimento da Igreja a partir da ótica da mulher?**

**Margit Eckholt** – O Concílio Vaticano II é tido como um novo Pentecostes. Foi um “evento do Espírito”, especialmente da perspectiva das mulheres. Devemos enfatizar isso junto com João XXIII e os muitos intérpretes do Concílio em relação a seu traço nos tempos atuais de conflito da interpretação do próprio evento. O Vaticano II tem construído os pontos definidores para o diálogo da Igreja com o mundo moderno, assim como tem posicionado a Igreja em um novo relacionamento com este. Ele tem articulado os sinais dos tempos e, pela análise destes, a Igreja tem que determinar a sua forma social de uma nova maneira. Nesse sentido, a questão da mulher foi entendida por João XXIII e pelo Concílio como um sinal dos tempos. Desde o

Vaticano II, as mulheres foram se tornando mais e mais visíveis dentro da Igreja. Elas lutaram por novos lugares e espaços na instituição. Por um lado, o *aggiornamento* do Concílio significava que a Igreja novamente deveria se entender a partir de suas fontes, que estivesse a serviço do Evangelho e da transmissão da Palavra de Deus que dá vida; por outro lado, ele significou que a Igreja deve se posicionar de uma maneira nova frente às questões do mundo moderno – a liberdade, os direitos humanos, a democracia, o pluralismo. No entanto, a questão da mulher na Igreja e na sociedade está longe de ser resolvida. Por isso este *aggiornamento* do Concílio com os dois temas de referência mencionados, o serviço ao Evangelho e a abertura frente ao mundo, justamente para mulheres, é o ponto de partida decisivo para o seu posicionamento na Igreja Católica.

**IHU On-Line – Qual foi a influência das mulheres para o destino**

**do Concílio, tendo em conta os movimentos laicais oriundos da Ação Católica?**

**Margit Eckholt** – O Concílio Vaticano II não foi um concílio das mulheres nem sobre mulheres, mas pela primeira vez falou-se delas. Certamente isso se deu graças à visibilidade e presença delas no Concílio. Ainda na fase de preparação, mulheres isoladas como a suíça Gertrud Heinzelmänn, bem como associações e organizações, como as duas principais associações de mulheres católicas alemãs – a Associação Feminina Católica Alemã (Katholischer Deutscher Frauenbund, KDFB) e a Comunidade Feminina Católica Alemã (Katholische Frauengemeinschaft Deutschlands, KFD) – participaram da comissão de preparação. Pela primeira vez num Concílio na era moderna participaram mulheres como convidadas e auditoras presentes. Paulo VI nominou no dia 20 de setembro de 1964, para o terceiro período das reuniões do Con-

cílio, oito religiosas e sete mulheres presidentes de organizações católicas – solteiras e viúvas – como auditoras. No dia 25 de setembro de 1964, a francesa Marie Louise Monnet, irmã do pensador e lutador francês pela Europa, Jean Monnet<sup>1</sup>, e fundadora e presidente do movimento internacional para o apostolado em meios sociais independentes, participou como a primeira mulher em uma reunião conciliar. Entre as religiosas participaram predominantemente superiores e conselheiras gerais, como a Ir. Mary Luke Tobin, a geral das Irmãs de Loreto e presidente da Conferência das Instituições Religiosas dos Estados Unidos, ou a irmã M. Juliana de Nosso Senhor Jesus Cristo, a superiora das Servidoras Pobres e secretária geral da União das Superiores da Alemanha. Durante o terceiro período das reuniões se juntaram mais três mulheres, entre elas Marie Vendrik, da Holanda, presidente da associação mundial católica de mulheres jovens e meninas, e durante o quarto período de reuniões mais cinco mulheres, entre elas uma religiosa da Índia, uma segunda auditora alemã, a presidente da associação feminina católica alemã, Dra. Gertrud Ehrle. Agora também uma mulher casada, a mexicana Luz-Marie Alvarez-Icaza, que junto com o seu esposo foi nominada. Além disso, mais duas mulheres latino-americanas foram convocadas como auditoras: a argentina Margarita Moyano Llerena, e a uruguaia Gladys Parentelli.

### Mulheres superativas no acontecimento do Concílio

Dos relatórios das mulheres se destaca que as auditoras foram tratadas como peritas e foram participantes superativas no acontecimento do Concílio. Elas se encontraram em grupos de trabalho, consultaram de maneira engajada com os bispos e participaram em subcomissões individuais, sobretudo nas consultas do decreto sobre o apostolado dos leigos e da

Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. A maioria das mulheres assumiu tarefas de liderança nas organizações da Ação Católica, em associações católicas de mulheres e congregações femininas; elas informaram intensivamente sobre os desenvolvimentos do Concílio nas suas terras de origem; as duas associações femininas católicas alemãs mantiveram informes regulares nas revistas das suas associações sobre o Concílio. Mesmo que o verdadeiro impacto das mulheres no Vaticano II fosse baixo – neste sentido certamente não foi um Concílio das mulheres –, ele tem tido um grande significado para as católicas; elas mesmas fizeram dele nos seus muitos caminhos da sua recepção – no nível da pastoral, do trabalho da associação e da teologia – um “Concílio de mulheres”, e podem contribuir assim, justamente hoje, pela releitura dos textos conciliares.

**IHU On-Line – Na constituição conciliar *Gaudium et Spes*, o Concílio expressou apoio à luta das “mulheres que reivindicam igualdade de direitos com os homens onde ainda não a obtiveram”. Como a senhora interpreta essa mensagem?**

**Margit Eckholt** – A constituição pastoral pertence aos textos mais controversos durante e depois do Concílio. À sua missão da evangelização, segundo *Gaudium et Spes*, pode a Igreja apenas atender quando a percebe com um olhar aos sinais dos tempos. Durante o período conciliar e durante o tempo imediatamente após o Concílio apareceram diversas publicações na Alemanha em relação à imagem e posição da mulher na sociedade e na Igreja. Nisso residiu uma revisão da antropologia teológica no centro – saindo da tese da “não derivação de ser-mulher do ser-homem” e da “mesma imediatez de ser-humano no homem como na mulher”, assim formulou a teóloga de Osnabrück, Elisabeth Goessmann: “nenhuma discriminação da mulher frente ao homem, seja na sua vida espiritual, seja nas novas funções descobertas no estado leigo, seja no reconhecimento da sua eficácia na sociedade moderna e vida pública. Os textos conciliares não falam em nenhum lugar de uma estrutura hierárquica do matrimônio, portan-

to descrevem verdadeiramente sob o pensamento de amor uma forma parceira de lidar com o matrimônio. O resultado dos textos conciliares para a mulher, então, é a igualdade de direitos com o homem no estado leigo, se queremos assim comentar”.

### Pouca percepção aos trabalhos teológicos das mulheres

Assustador é constatar quão pouco percebidos foram os significativos trabalhos teológicos que Elisabeth Goessmann, Elisabeth Schuessler e com elas muitas outras mulheres, já antes e durante o período do Concílio, apresentaram. Nos documentos eclesiais e textos mais recentes do Magistério – como a carta de João Paulo II às mulheres (1995) e a carta sobre a colaboração dos homens e das mulheres na sociedade e na Igreja (2004) – continua sendo transmitida uma imagem tradicional da mulher. Além disso, falta uma discussão diferenciada com os mais recentes desenvolvimentos nas ciências sociais e humanas; “estudos de gênero” científicos e qualificados não estão sendo recebidos. Certamente se deve criticar a categoria de gênero, quando ela – como em tentativas individuais deconstrutivistas – leva a uma dissolução dos conceitos de sujeito e identidade; mas ela pode ser útil quando se trata de um questionamento crítico de atribuições aos papéis de gênero culturalmente definidos e associados com poder. Por isso o desafio mencionado no texto *Gaudium et Spes* é importante ainda hoje. Mostra-se claramente quando associações femininas católicas participam no *equal pay day* e no processo atual de diálogo da Igreja Católica na Alemanha que coloca a “colaboração de parceria de homem e mulher na Igreja” em primeiro lugar da pauta.

**IHU On-Line – E a Igreja pós-concílio, que perspectivas se abrem para as mulheres, em termos de efetiva participação na vida e missão da Igreja? Depois de 50 anos da abertura do Concílio, como a senhora compreende o atual contexto de Igreja?**

**Margit Eckholt** – Na Igreja local da Alemanha – como também na maioria das outras Igrejas da Europa e dos Estados Unidos – as mulheres

<sup>1</sup> Jean Omer Marie Gabriel Monnet (1888-1979): político francês, visto por muitos como o arquiteto da unidade europeia (CEE). Nunca eleito para cargos públicos, Monnet atuou nos bastidores de governos europeus e americanos como um internacionalista pragmático bem relacionado. Foi o inspirador do Plano Schuman (Nota da IHU On-Line).

podiam se estabelecer em novas profissões como agentes comunitárias e pastorais, ou assumir responsabilidades nas associações do catolicismo leigo. A comunidade feminina católica e a associação feminina católica alemã convocaram mulheres para a posição de conselheira espiritual. Na Suíça, mulheres formadas como teólogas podem tomar a frente na liderança das comunidades. Assim também outras mulheres assumiram tarefas de liderança em agremiações de nível diocesano. Elas podem atuar no tribunal eclesial e nos escritórios pastorais. Os estudos da teologia e igualmente a carreira científica – o doutorado catédrico – estão abertos às mulheres. Elas foram convocadas às cadeiras teológicas dentro das faculdades, institutos e academias. Certamente, isso deveria ser visto como algo positivo, precisamente pensando no curto período que resultou em renovações. Portanto, com esta “história de sucesso” estão sendo associadas também muitas conhecidas – e ainda mais desconhecidas – histórias de luta e sofrimento, de rupturas e decepções profundas, e cada vez mais uma história de êxodo silencioso de, sobretudo, mulheres jovens saindo da Igreja. As imagens de mulheres fora – na sociedade e na cultura – e dentro da Igreja se distanciaram tanto que é muito difícil nos países europeus motivá-las para uma colaboração. A Igreja perdeu os seus trabalhadores durante o século XIX e no início do século XX; no século XXI ela corre o risco de perder as mulheres. Por isso a “questão das mulheres” é hoje ainda, mais do que durante os tempos do Concílio, um dos mais decisivos sinais dos tempos. A Igreja deve abrir espaços justamente para mulheres jovens nos quais elas possam viver a sua fé segundo as suas próprias experiências. As formas vividas da fé, a linguagem da liturgia e da confissão, devem reconquistar a fascinação de grande amor e amizade para as pessoas hoje a fim de que elas deixem tudo e se coloquem no caminho de Jesus de Nazaré. Mulheres em papéis de liderança e coordenação na Igreja são uma prova de sua autenticidade para mulheres jovens, independentemente se elas possam imaginar um papel assim para si mesmas.

**IHU On-Line – A senhora é signatária do manifesto “Igreja 2011: uma virada necessária”<sup>2</sup>, que teve ampla repercussão mundial. De modo geral, o que expressa o manifesto?**

**Margit Eckholt** – O manifesto “Igreja 2011: uma virada necessária” foi publicado no dia 4 de fevereiro de 2011. Um total de 144 professoras e professores de teologia foram os primeiros assinantes e depois outros colegas de países latino-americanos se juntaram a eles. O manifesto reagiu à crise na Igreja local da Alemanha, que, depois da descoberta dos abusos em muitas dioceses e congregações religiosas alemãs, chegou ao seu cúmulo. Segundo o presidente da Conferência dos Bispos da Alemanha, o arcebispo Dr. Robert Zollitsch, em sua colocação inicial durante a assembleia geral dos bispos alemães (sob o título *Futuro da Igreja – Igreja para o futuro. Discurso por uma Igreja peregrina, ouvinte e servidora*), o manifesto é um apelo à vitalidade da Igreja, à sua “capacidade de conversão, de uma nova virada e de uma nova evangelização”. A Igreja na sua autenticidade como portadora da evangelização está sendo desafiada. Teólogas e teólogos, como cientistas, estão a serviço da transmissão da fé, de uma tradução contemporânea da fala de Deus e da busca por formas vivas de ser-Igreja, que levam os sinais dos tempos a sério. Assim, o manifesto olha para as comunidades eclesiais que são maiores, as formas da participação e colaboração dos sacerdotes e leigos, dos homens e mulheres, a liberdade da consciência e a cultura da justiça, a busca das formas de reconciliação frente à culpa e à falha, e então se inscreve nos questionamentos do processo de diálogo da Igreja alemã. Em uma das publicações dos iniciantes do manifesto, estas questões referentes à teologia foram aprofundadas<sup>3</sup>. Certamente o manifesto reagiu à situação concreta no contexto alemão eclesial, mas é uma indicação de um “engarrafamen-

<sup>2</sup> Saiba mais sobre o documento em <http://bit.ly/Ou3oNc> (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Cf. Marianne Heimbach-Steins/Gerhard Kruij/Saskia Wendel (Hg.), “Kirche 2011: ein notwendiger Aufbruch”. Argumente zum Memorandum, Freiburg/Basel/Wien 2011 (Nota da entrevistada).

to de problemas” na Igreja do tempo presente, pelo qual as igrejas locais de outros continentes também estão sendo atingidas.

**IHU On-Line – Como o Vaticano II pode inspirar a Igreja, no contexto do século XXI, a buscar esse novo *aggiornamento* indicado pelo manifesto?**

**Margit Eckholt** – A auditora conciliar norte-americana, Ir. Mary Luke Tobin, escreveu: “‘o Concílio foi uma porta largamente aberta – larga demais para ser fechada.’ Renovação nunca para. Se é para continuar a dar vida, deve seguir adiante”. Exatamente isso é o que desejo para os nossos tempos: um estudo profundo e diferenciado dos textos e dos impulsos seguintes ao Concílio Vaticano II, que contribuam para que as portas da Igreja permaneçam abertas a serviço do Evangelho e do ser humano. Em uma sociedade mundial cada vez mais polarizada e dividida, a Igreja é autêntica quando abre fronteiras, constrói pontes, oferece reconciliação, pratica hospitalidade, e quando ela permite a si mesma ser continuamente aberta pelo “estranho”. Justamente isto o Concílio pode nos ensinar: viver do Espírito do novo Pentecostes, na profunda ancoragem no movimento da encarnação do Evangelho. A renovação da Igreja é um presente do Espírito: quando caminhamos nos caminhos do Bom Samaritano e nos convertemos novamente ao Deus da Vida, o Deus-conosco, Jesus Cristo, e à terna e sanadora sabedoria de Deus, quando pedimos novamente a bênção de Deus por nós, pelo mundo, pela Igreja, então Deus, assim nós esperamos, dá a força, que novos horizontes se abrem à Igreja, para que realmente possamos “ser Igreja em parceria”.

## Leia mais...

>> **Margit Eckholt** já publicou um artigo no sítio do IHU. Confira:

- *Ante o próximo Congresso de Teologia*. Artigo publicado em 25-08-2012, disponível em <http://bit.ly/TaM6Vp>

# Um acontecimento de graça e de novidade

Para a teóloga colombiana Olga Consuelo Velez, o Concílio Vaticano II trouxe novos ares à Igreja do continente, e, embora haja ventos de involução, o caminho percorrido nesses 50 anos foi forte e será capaz de continuar dando frutos em meio à perseguição que se possa viver hoje

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA | TRADUÇÃO DE MOISÉS SBARDELOTTO

“Foi fruto do Concílio a teologia da libertação, as comunidades eclesiais de base e, especialmente, a consciência social que se despertou na Igreja latino-americana, fazendo da opção preferencial pelos pobres uma opção central e um compromisso verdadeiro. É normal que, em 50 anos, esse horizonte tenha sofrido transformações, e não podemos esperar que ele mantenha a vitalidade e o impulso dos inícios”. A análise é da teóloga colombiana Olga Consuelo Velez, que concedeu a entrevista a seguir por e-mail à **IHU On-Line**. Além disso, continua, “sabemos que, passadas as primeiras duas décadas, começou uma verdadeira perseguição contra a Igreja latino-americana por alguns setores conservadores da Igreja. Essa situação de confrontação desconcertou alguns, desmotivou outros, encheu de medo e temor a outros setores eclesiais”. Para Consuelo Velez, é preciso “continuar denunciando as ‘tentações’ que chegam de todas as partes a uma ‘involução’ eclesial que oferece segurança, tranquilidade e, o que mais nos confunde, atração de muitas pessoas, incluindo os jovens, que parecem se sentir melhor com um tipo de ‘espiritualismo’ que os centra no

além, no cumprimento da norma, no centralismo eclesial”. E constata: “não acredito que o Vaticano tenha as respostas para este novo momento, porque as mudanças que estamos vivendo são aceleradas e talvez nem alcancemos o seu ritmo, mas a partir desse dinamismo temos que enfrentar desafios tais como o pluralismo cultural e religioso, que tende a se traduzir na pluralidade de teologias, de liturgias, de modelos eclesiais”.

Professora na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidad Javeriana – PUJ, da Colômbia, Consuelo Velez é doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É autora de, entre outros, *Reflexiones en torno al feminismo y al género* (Bogotá: Pontifícia Universidad Javeriana, 2004); *El método teológico. Fundamentos /especializaciones /enfoques* (Bogotá: Pontifícia Universidad Javeriana, 2008). Ela estará na Unisinos no próximo mês de outubro participando como painelistas do Congresso Continental de Teologia, abordando o tema “Teologia e novos paradigmas”. Saiba mais em <http://bit.ly/q7kwpT>.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – No ano em que o Concílio Vaticano II completa seu 50º aniversário de abertura pelo Papa João XXIII, qual sua leitura desse importante acontecimento eclesial, a partir da realidade latino-americana?**

**Olga Consuelo Velez** – Para mim, o Concílio trouxe novos ares à Igreja do continente, e, embora haja ventos de involução, o caminho percorrido nesses anos foi forte e será capaz de continuar dando frutos em meio à

perseguição que se possa viver hoje. Explico-me melhor: foi fruto do Concílio a teologia da libertação, as comunidades eclesiais de base e, especialmente, a consciência social que se despertou na Igreja latino-americana, fazendo da opção preferencial pelos pobres uma opção central e um compromisso verdadeiro. É normal que, em 50 anos, esse horizonte tenha sofrido transformações, e não podemos esperar que ele mantenha

a vitalidade e o impulso dos inícios. Além disso, sabemos que, passadas as primeiras duas décadas, começou uma verdadeira perseguição contra a Igreja latino-americana por alguns setores conservadores. Essa situação de confrontação desconcertou alguns, desmotivou outros, encheu de medo e temor a outros setores eclesiais. Mas hoje continuamos constatando que o Espírito não deixa de estar presente nesse caminhar, e não só essa teolo-

gia não morreu (como alguns queriam ou afirmam), mas também foi se enriquecendo com teologias contextuais que, inspiradas no horizonte libertador, foram se comprometendo com realidades como a mulher, os povos indígenas, os afrodescendentes, etc. Por tudo isso, o Concílio, para mim, foi um acontecimento de graça e de novidade que continua vivo e depende, em grande parte, da nossa fidelidade a esse espírito para que possa continuar dando frutos.

**IHU On-Line – Dentre os objetivos do Concílio estava o diálogo da Igreja com o mundo moderno. A partir da realidade latino-americana, o que significava a modernidade?**

**Olga Consuelo Velez** – Acredito que a América Latina soube dar um giro contextual a esse desafio. O maior problema no continente não era a modernidade como tal, mas sim a realidade de injustiça estrutural que se vive nessa realidade. E a América Latina soube pôr em diálogo essa situação com a vida eclesial e traduzir em evangelho o que a dinâmica social demandava, dinâmica que não era alheia à modernidade com a sua fé posta no progresso e na capacidade de resolver os problemas com as contribuições do desenvolvimento científico. A América Latina desenvolveu uma consciência crítica sobre os modelos sociais e os questionou a partir de seus pilares. Ela tentou dar respostas e deixar que a fé se enriquecesse com as contribuições da sociologia para sair de uma fé ingênua. Tudo isso lhe provocou críticas de “sociologismo” e esquecimento da espiritualidade, críticas que sinceramente consideradas são injustificadas, porque uma fé que não se apropria de forma científica da realidade nunca poderá ser uma fé encarnada que leva a sério o seu compromisso com o mundo.

**IHU On-Line – Em que medida o Vaticano II conseguiu superar o problema do eurocentrismo e responder aos desafios enfrentados pela Igreja presente, sobretudo, nos países empobrecidos?**

**Olga Consuelo Velez** – Como disse antes, a América Latina soube olhar para o que acontecia neste continente e traduzir o novo momento eclesial

“Uma fé que não se apropria de forma científica da realidade nunca poderá ser uma fé encarnada que leva a sério o seu compromisso com o mundo”

para essas preocupações. Não digo que tudo tenha sido perfeito, mas, sem dúvida, o seu caminhar foi tão decidido e real que despertou inquietação no centro, e por isso a perseguição não se fez esperar. Mas nem tudo está superado. Precisamente uma realidade atual é a “volta ao centro”. Comunidades religiosas e o clero diocesano voltam a olhar para a Europa, para a sua formação teológica, voltando ao continente com modelos importados do centro, trazendo sérios preconceitos contra o caminhar latino-americano e campanhas evangelizadoras para recuperar a “espiritualidade” perdida por culpa da preocupação social. Tudo isso é uma distorção da inculturação propiciada pelas Conferências Gerais do Episcopado na América Latina, mas revela que, precisamente porque ocorreu um caminho para a descentralização, hoje se quer frear e manter o poder central.

**IHU On-Line – De maneira geral, como as conferências de Medellín e Puebla traduziram o Vaticano II para a realidade latino-americana?**

**Olga Consuelo Velez** – A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* pode ser considerada central no giro dado pelo Vaticano II. Nesse sentido, o chamado que ela faz para olhar “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias” do mundo de hoje fez com que essas conferências olhassem para a realidade latino-americana e efetivamente a “vissem” (bem sabemos que às vezes se olha, mas não se

vê o essencial), e o que se viu foi esse “escândalo estrutural” do “enorme fosso entre ricos e pobres” e o imenso desafio que o evangelho tinha de responder a esse grito. A opção pelos pobres foi uma resposta concreta e encarnada para essa realidade, e a articulação da fé com a consciência social traduziu a inspiração conciliar de uma Igreja que deixa de olhar para si mesma para olhar para a realidade e tentar responder a ela. A emergência do rosto dos pobres como a urgência de inculturar a fé, a liturgia, a teologia nessa realidade foi se perfilando nessas conferências e, de alguma forma, foi se tornando realidade.

**IHU On-Line – Em que medida a teologia da libertação repercutiu, no contexto latino-americano, as inovações promovidas pelo Concílio?**

**Olga Consuelo Velez** – Se entendermos a teologia como “uma reflexão crítica à luz da fé da práxis histórica dos cristãos”, estamos dizendo que, na América Latina, a teologia da libertação foi capaz de articular a realidade social com a fé e buscou responder a ela de maneira criativa e comprometida. Bem conhecemos todo o agir das comunidades eclesiais de base com a sua renovação litúrgica, a sua centralidade na palavra de Deus, o seu formar comunidade e o seu compromisso social. Não se negam as deficiências e as distorções que foram vividas nesses ambientes, mas nada disso nega o espírito de Jesus que bateu asas e continua batendo entre os pobres e o dinamismo espiritual que despertaram não só na prática pastoral, mas também na academia. De fato, a Faculdade de Teologia da Universidad Javeriana – nos tempos em que eu era estudante – foi questionada por alguns personagens da hierarquia eclesial, e em certo sentido esta perseguição não era infundada: a teologia era comprometida, e as reflexões que fazíamos buscavam responder à realidade social. Esse impulso se perdeu um pouco, mais do que no corpo professoral, em muitos estudantes que chegam para a faculdade prevenidos contra essa teologia e/ou ignorando o caminhar latino-americano, o que torna necessário buscar

meios para recuperar a “memória” e continuar impulsionando uma fé comprometida com a vida.

**IHU On-Line – Após 50 anos de abertura do Concílio, entre o recuo e o avanço, como a senhora analisa o atual momento da Igreja, sobretudo tendo presente a realidade da América Latina?**

**Olga Consuelo Velez** – Acredito que há motivos para continuar sonhando “outro mundo possível” e “outra Igreja possível” – como se cunhou nas edições do Fórum Social Mundial –, porque o Espírito continua presente, e a fidelidade ao evangelho não pode ser derrotada. O Congresso Continental que será celebrado em outubro deste ano<sup>1</sup> é uma aposta na vitalidade de uma fé comprometida e em uma teologia encarnada que tenha no centro da sua reflexão os mais pobres deste tempo – com toda a pluralidade de rostos e de situações das quais hoje temos mais consciência. No entanto, é preciso continuar denunciando as “tentações” que chegam de todas as partes a uma “involução” eclesial que oferece segurança, tranquilidade e, o que mais nos confunde, atração de muitas pessoas, incluindo os jovens, que parecem se sentir melhor com um tipo de “espiritualismo” que os centra no além, no cumprimento da norma, no centralismo eclesial. Para mim, essas são tentações reais e fortes às quais é preciso estar muito atentos, buscando revelá-las e não cair nelas.

**IHU On-Line – Quais as perspectivas e desafios que se apresentam para a Igreja no contexto do século XXI? Como responder a essa nova realidade vigente à luz do Concílio Vaticano II?**

**Olga Consuelo Velez** – A Igreja não pode renunciar ao retorno constante ao evangelho e a manter a vitalidade que o Espírito de Jesus, ao abrir novos horizontes, lhe comunica. Para mim, esse é o Espírito do Vaticano II, e, na medida em que o mantenhemos, estaremos em comunhão com ele. Não acredito que o Vaticano tenha as respostas para este novo momento, porque as mudanças que estamos

“É urgente um compromisso com um povo de Deus que, na realidade, seja sujeito do caminhar eclesial e não mero destinatário”

vivendo são aceleradas e talvez nem alcancemos o seu ritmo, mas a partir desse dinamismo temos que enfrentar desafios tais como o pluralismo cultural e religioso, que tende a se traduzir na pluralidade de teologias, de liturgias, de modelos eclesiais, etc. Também é urgente um compromisso com um povo de Deus que, na realidade, seja sujeito do caminhar eclesial e não mero destinatário. Também é importante continuar trabalhando pela inclusão da mulher em todas as esferas eclesiais e por um papel mais decidido de renovar a Igreja à luz da teologia atual, propiciando mais encontros do que suspeitas. E o maior desafio é o de recuperar a capacidade profética que a Igreja deve ter, porque, antes de uma estrutura de culto e religião, ela é uma dinâmica de vida que busca tornar presente o reinado de Deus nesta história – reinado que é sempre graça e dom –, mas que precisa da nossa fidelidade e compromisso para se tornar efetivo.

## Leia mais...

>> Olga Consuelo Velez publicou um artigo nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Confira:

- *Acompanhando nosso caminhar teológico latino-americano*. Artigo publicado em 21-08-2012, disponível em <http://bit.ly/SOA3gq>

Leia as  
entrevistas

do dia no

sítio do IHU:

[www.ihu.](http://www.ihu.unisinos.br)

[unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

<sup>1</sup> Saiba mais em <http://bit.ly/q7kwpT> (Nota da IHU On-Line)

# O ecumenismo para a fulguração da unidade entre os cristãos

José Oscar Beozzo faz uma retrospectiva do contexto histórico, social e eclesial, de cinquenta anos atrás, que proporcionaram a convocação do Concílio Vaticano II por João XXII

POR CLEUSA ANDREATTA, GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA

Os pontos nodais das discussões do Concílio Vaticano II em torno ao esquema relativo à Igreja, na opinião de José Oscar Beozzo, foram quatro: “a definição da Igreja como povo de Deus, a afirmação de que esta se encontra a serviço do reino de Deus, a doutrina da colegialidade episcopal e de que junto com Pedro, o colégio episcopal detém o supremo poder sobre a Igreja. Finalmente, o reconhecimento de que há uma única Igreja de Jesus Cristo que subsiste na Igreja católica, mas que se encontra presente nas outras Igrejas”. Na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line** Beozzo esclarece que “define-se, portanto, o ecumenismo como tarefa imprescindível para que se restabeleça e fulgure a unidade entre todos os cristãos, como semente da unidade entre todos os seres humanos, que foram parte da única família

da qual Deus é o Pai comum”.

José Oscar Beozzo é padre, teólogo e coordenador geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular – Cesep. Tem mestrado em Sociologia da Religião, pela Université Catholique de Louvain, Bélgica, e doutorado em História Social, pela Universidade de São Paulo – USP. Faz parte do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina – CEHILA/Brasil, filiado à Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina e no Caribe – CEHILA. Também é sócio-fundador da Agência de Informação Frei Tito para a América Latina – Adital. É autor de inúmeros livros, entre os quais *A Igreja do Brasil* (Petrópolis: Vozes, 1993) e *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965* (São Paulo: Paulinas, 2005).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line - O que o senhor destaca como os principais aspectos do contexto histórico, social e eclesial, de cinquenta anos atrás que proporcionaram a convocação do Concílio Vaticano II por João XXII? Como isso repercute na preparação e realização do Concílio?**

**José Oscar Beozzo** - João XXIII assinalou três “sinais dos tempos” aos quais o Concílio devia estar atento, respondendo a eles positivamente:

- o de dezenas de povos que acediam na África e Ásia à sua independência política, alguns deles depois de séculos do colonialismo europeu;
- o da ascensão das classes trabalhadoras como atores sociais e políticos nas sociedades industrializadas;
- o da emancipação das mulheres que faziam seu ingresso no trabalho profissional e na vida pública.

A guerra fria criou um mundo bipolar, em que opunham ideológica,

econômica, política e militarmente, Estados Unidos e União Soviética, nações líderes do campo capitalista e socialista. A Conferência de Bandung na Indonésia (1955) reuniu países da África e da Ásia, recém-descolonizados e desejosos de escapar do alinhamento automático com um dos blocos. Esses 29 países, 23 da Ásia e 06 da África se denominaram não alinhados e tentaram criar sob a liderança de Nehru da Índia, de Sukarno da Indonésia e de Nasser do Egito, um espaço de manobra mais autônomo, extraindo, quando possível, vantagens dos dois lados em confronto. As propostas da conferência levaram à criação do movimento dos países não-alinhados (1961). Ao conflito entre ocidente e oriente, Bandung acrescentou a percepção de um conflito de interesses e de visões entre o norte e o sul do mundo, entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos. A problemática ali delineada

inspirou em parte a *Gaudium et Spes* (1965) e, de modo direto, a *Populorum Progressio* de Paulo VI, logo após o Concílio (1967). Bandung introduziu o conceito de Terceiro Mundo, situado entre o Primeiro mundo desenvolvido (Estados Unidos, Europa ocidental e Japão) e o Segundo Mundo (União Soviética e países socialistas do leste europeu e Ásia). A China participou de Bandung e seguiu com um pé no movimento dos não-alinhados e outro no campo socialista liderado pela URSS.

Os anos do Concílio estiveram inseridos no contexto das duas décadas de espetaculares avanços técnicos e científicos e da acentuada prosperidade econômica, que se seguiram à grande depressão de 1929 e às ingentes destruições de vidas e bens materiais da segunda guerra mundial (1939-1945). Havia um clima de otimismo, incapaz, porém, de ocultar que a frágil paz entre as superpotências repousa-

va sobre o medo e no assim chamado “equilíbrio do terror”, em que uma ameaçava a outra com o holocausto nuclear. Suas rivalidades foram transferidas para a periferia do mundo, onde intermináveis e sanguinolentos conflitos por elas financiados e armados opunham os dois sistemas nas guerras da Indochina (1946-1954), Coreia (1950-1953), Vietnã (1959-1975) e que se estendeu ao Laos, Camboja, no conflito árabe-israelense (1948 em diante) e do canal de Suez (1956), na guerra da Argélia (1954-1962), nas muitas insurreições pela independência dos países africanos e asiáticos ou na revolução cubana (1956-1959).

João XXIII, perante o aprofundamento das desigualdades e desequilíbrios entre o norte e o sul do mundo, e sensível ao clamor desses povos, apontava como tarefa da Igreja às vésperas do Concílio:

“Em face dos países subdesenvolvidos, a Igreja apresenta-se – tal qual é e quer ser – como a Igreja de todos e particularmente a Igreja dos pobres”<sup>1</sup>.

### Um trabalho missionário comum

No campo religioso cristão, o evento mais significativo foi a confluência de várias iniciativas em favor de um trabalho missionário comum (Conferência Missionária de Edinburgo – 1910); de um testemunho cristão vivo nos ambientes universitários secularizados, do empenho em favor da paz, do combate à fome, às doenças e ao analfabetismo (Movimento Vida e Ação) e da superação das diferenças doutrinárias e práticas (Movimento Fé e Constituição), que desembocaram na criação do Conselho Mundial de Igrejas em 1948, em Amsterdam, na Holanda. Convidada, a Igreja Católica deixou de participar ao mesmo tempo em que o Santo Ofício emitia um *Monitum* (1948), proibindo os católicos de tomarem parte em iniciativas ecumênicas e contrastando com o convite do episcopado holandês para que todas as paróquias católicas orassem pelo êxito da Assembleia ecumênica de Amsterdam.

Pio XII foi um Papa que abriu o diálogo com as ciências modernas;

legou-nos a encíclica *Mistici Corporis* (1943), que ultrapassou a visão meramente jurídica da Igreja; a *Mediator Dei* (1947), que estimulou o movimento litúrgico. Restabeleceu a Vigília Pascal (1951) e implantou a reforma litúrgica da Semana Santa (1954). Deu-nos a encíclica *Divino Afflante Spiritu* (1943), a carta magna dos estudos bíblicos no campo católico; estimulou a Ação Católica, inclusive a especializada que floresceu entre os jovens com a JOC (Juventude Operária Católica), JAC (Agrária), JEC (Estudantil), JUC (Universitária); convocou o 1º Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos (1951) e, ao término do XXXIV Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro (1955), a primeira Conferência geral do Episcopado Latino-americano da qual nasceu o Conselho Episcopal Latino-americano, o CELAM (1955). Em 1957, fez o apelo para os países da Europa e dos Estados Unidos enviassem como missionários não só religiosos e religiosas, mas também padres diocesanos, às jovens igrejas da África e América Latina.

Por outro lado, Pio XII reprimiu a *Nouvelle Théologie* (Encíclica *Humani Generis*, 1950), colocando no ostracismo teólogos do porte de Yves Congar, Henri de Lubac ou pensadores reconhecidos nos meios científicos, como Teilhard de Chardin. Proibiu igualmente o movimento dos padres operários, deixando um grande trauma na Igreja da França. Seus esforços pela paz foram dificultados de um lado pela virulenta perseguição religiosa nos países comunistas e, de outro, pelo alinhamento quase automático da Santa Sé a um dos lados da guerra fria, o campo ocidental. Ao não substituir o secretário de estado, Cardeal Luigi Maglioni à sua morte (1944); ao perder seu auxiliar mais direto, Mons. Giovanni Battista Montini, substituído da Secretaria de Estado, nomeado arcebispo de Milão (1954), ao não criar novos cardeais desde então e ao não substituir os postos vacantes à frente dos dicastérios romanos, os últimos anos de seu pontificado foram marcados por estagnação, intrigas e desânimo. A partir de 1961, com a peça de teatro, o Vigário, lançou-se uma sombra sobre sua figura pelo alegado silêncio durante a II Guerra Mundial, frente ao Holocausto, em que pesem sua decidida atua-

ção para oferecer abrigo e proteção nos conventos e mesmo no Vaticano a milhares de judeus perseguidos na Itália e o ativo papel de núncios e delegados apostólicos, como Roncalli na Turquia, responsável pelo salvamento de dezenas de milhares de crianças judias retiradas dos países ocupados pelos nazistas no leste europeu e encaminhadas para o então Protetorado britânico da Palestina.

**IHU On-Line - Dada a situação eclesial naquele contexto histórico, quais os principais desafios para por em prática, no Concílio, o desejo de João XXIII de um *aggiornamento* eclesial e de uma abertura pastoral ao mundo contemporâneo?**

**José Oscar Beozzo** - Havia desafios de ordem interna e externa. Internamente, um longo percurso histórico havia levado a uma crescente centralização eclesial. Perdeu-se na Igreja latina, ao consumir-se a ruptura entre o oriente e ocidente cristãos (1054), o contrapeso da tradição oriental de caráter mais sinodal e não monárquico.

As reformas de Gregório VII (1073-1084) desequilibraram em favor dos clérigos e em detrimento dos leigos a balança do poder na Igreja.

A contrarreforma católica no Concílio de Trento (1545-1563) enrijeceu a doutrina tanto do lado católico quanto do protestante. Empobreceu de certo modo ambas as tradições. As afirmações centrais da reforma (só a escritura, só a graça, só a fé, só o Cristo e glória somente a Deus), todas elas justas, salvo em sua ênfase exclusivista, colocavam em cheque o papel da tradição, de outra autoridade que não fosse a das Escrituras, do papel das obras como concretização na ordem prática da fé e da graça, do papel da comunidade eclesial de ser sinal na palavra e nos sacramentos da presença viva do Cristo.

No plano eclesial, o Concílio Vaticano I havia levado a um exacerbamento da autoridade pontifícia em detrimento daquela própria do colégio dos bispos e de cada pastor em sua diocese; do centralismo romano em prejuízo da legítima autonomia das igrejas particulares; a uma exaltação da Igreja latina em desfavor das Igrejas católicas orientais, submetidas a constante pressão para se “latinizarem”.

1 JOÃO XXIII, *Nuntius Radiophonicus* (11 sept. 1962). ADP II/1, 348-354. Tradução portuguesa: KLOP II, 299-305, p. 301. (Nota do entrevistado)

Na ordem externa, a Igreja esta confrontada com a modernidade. Retomo as palavras do atual Papa, teólogo no concílio e que assim descreve esta problemática:

“No grande debate sobre o homem, que distingue o tempo moderno, o Concílio (segundo Paulo VI) devia dedicar-se de modo particular ao tema da antropologia. Devia interrogar-se sobre a relação entre a Igreja e a sua fé, de um lado, e o homem e o mundo de hoje, de outro (*Discurso de encerramento do Concílio*, pp. 1066ss.). A questão torna-se ainda mais clara, se em vez do termo genérico de “mundo de hoje” escolhêssemos outro mais exacto: o Concílio devia determinar de modo novo a relação entre a Igreja e a era moderna. Esta relação tinha tido um início muito problemático com o processo a Galileu. Rompeu-se depois totalmente, quando Kant definiu a “religião no contexto da pura razão” e quando, na fase radical da revolução francesa, se difundiu uma imagem do Estado e do homem que para a Igreja e para a fé praticamente não desejava conceder qualquer espaço. O conflito da fé da Igreja com o liberalismo radical e também com as ciências naturais que pretendiam envolver com os seus conhecimentos toda a realidade até aos seus extremos, propondo-se insistentemente de tornar supérflua a “hipótese de Deus”, tinha provocado no Século XIX, sob Pio IX, por parte da Igreja ásperas e radicais condenações de tal espírito da era moderna. Portanto, aparentemente não havia mais qualquer espaço aberto para uma compreensão positiva e frutuosa, e eram igualmente drásticas as rejeições por parte daqueles que se sentiam os representantes da era moderna. Enquanto isso, porém, também a era moderna conheceu desdobramentos. Percebia-se que a revolução americana tinha oferecido um modelo de Estado moderno diferente daquele teorizado pelas tendências radicais originadas na segunda fase da revolução francesa. As ciências naturais começavam, de modo sempre mais claro, a refletir sobre o próprio limite, imposto pelo seu próprio método que, mesmo realizando coisas grandiosas, todavia não era capaz de compreender a globalidade da realidade. Assim ambas as partes começavam progressivamente a abrir-se uma à outra. No

período entre as duas guerras mundiais, e ainda mais depois da segunda guerra mundial, homens de Estado católicos demonstraram que pode existir um Estado laico moderno, que porém não é neutro em relação aos valores, mas vive haurindo das grandes fontes éticas abertas pelo cristianismo. A doutrina social católica, pouco a pouco desenvolveu-se e tornou-se um modelo importante entre o liberalismo radical e a teoria marxista do Estado. As ciências naturais, que sem reserva professaram um método próprio no qual Deus não tinha acesso, percebiam cada vez mais claramente que este método não compreendia a totalidade da realidade e abriam portanto novamente as portas a Deus, sabendo que a realidade é maior do que o método naturalista e daquilo que ele possa abranger. Poder-se-ia dizer que se formaram três círculos de perguntas, que agora no momento do Vaticano II, esperavam uma resposta. Antes de mais, era preciso definir de modo novo a relação entre fé e ciências modernas; isto dizia respeito, finalmente, não apenas às ciências naturais mas também à ciência histórica pois numa determinada escola, o método histórico-crítico reclamava para si a última palavra na interpretação da Bíblia e, pretendendo a plena exclusividade para a sua compreensão das Sagradas Escrituras, opunha-se em pontos importantes da interpretação que a fé da Igreja tinha elaborado. Em segundo lugar, era preciso definir de modo novo a relação entre a Igreja e o Estado moderno, que abria espaço aos cidadãos de várias religiões e ideologias, comportando-se em relação a estas religiões de modo imparcial e assumindo simplesmente a responsabilidade por uma convivência ordenada e tolerante entre os cidadãos e pela sua liberdade de exercer a própria religião. A isto, em terceiro lugar, estava ligado de modo geral o problema da tolerância religiosa uma questão que exigia uma nova definição sobre a relação entre a fé cristã e as religiões do mundo. Em particular, diante dos recentes crimes do regime nacional-socialista e, em geral, num olhar retrospectivo a uma longa e difícil história, era preciso avaliar e definir de modo novo a relação entre a Igreja e a fé de Israel”<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Bento XVI, DISCURSO DO PAPA BENTO XVI

A lacuna nesta visão e a percepção de que a modernidade e o século das luzes na Europa produziram em outras partes do mundo um implacável colonialismo que dizimou e submeteu politicamente e explorou economicamente povos em todos os quadrantes do mundo, das Américas à Ásia, passando pela África de onde foram tirados e transportados para a América cerca de 12 milhões de escravos. Esta face obscura da modernidade emergiu de maneira fragmentada e menor no Concílio, embora fosse resgatada no Grupo Igreja dos Pobres que conclui o Concílio com o célebre Pacto das Catacumbas. Parte da angústia e clamor desses povos aparece em alguns pontos da *Gaudium et Spes* e encontra-se no entro da encíclica *Populorum Progressio* (1967) e nos documentos de *Medellín* (1968).

**IHU On-Line - Sabe-se que nas 10 Comissões preparatórias dos trabalhos do Concílio, mesmo havendo presença internacional, a maioria dos participantes era europeia. Como isso incidiu no desenvolvimento do Concílio e para a presença e atuação dos bispos provenientes do Terceiro Mundo, em ascensão naquele momento?**

**José Oscar Beozzo** - O grande feito de João XXIII foi determinar, ao contrário do que sucedeu no Vaticano I, uma ampla consulta para se estabelecer a agenda do Concílio. Envolveu a escuta de todos os bispos, prelados ou prefeitos apostólicos com responsabilidade sobre alguma circunscrição eclesial; dos superiores maiores das ordens e congregações religiosas mais importante; das faculdades de teologia e universidades católicas e de todos os organismos da Cúria Romana. É sobre este vastíssimo material, uma vez analisado e sistematizado, que se debruçaram as dez comissões nomeadas por João XXIII no dia 05 de junho de 1960:

- Comissão dos Bispos e governo das dioceses;
- Comissão para a disciplina do clero e do povo cristão;
- Comissão dos Religiosos;

AOS CARDEAIS, ARCEBISPOS E PRELADOS DA CÚRIA ROMANA NA APRESENTAÇÃO DOS VOTOS DE NATAL, Roma, 22 de Dezembro de 2005, pp. 2 (Nota do entrevistado)

- Comissão da disciplina dos Sacramentos;
- Comissão da Sagrada Liturgia;
- Comissão dos Estudos e dos Seminários;
- Comissão da Igreja Oriental;
- Comissão das Missões;
- Comissão do Apostolado dos leigos, para todas as questões que dizem respeito à ação católica, religiosa e social.<sup>3</sup>

As comissões tinham à frente o Cardeal Prefeito do respectivo dicastério romano encarregado ordinariamente daquela temática. Com isto, conseguiu o Papa que a Cúria se envolvesse com a preparação conciliar. Por outro lado, essa decisão condicionou todo o trabalho preparatório, que ficou quase que por inteiro sob o controle da Cúria Romana. De modo especial, a Comissão Teológica estava em mãos do Santo Ofício e era dirigida pelo todo poderoso e temido Cardeal Alfredo Ottaviani.

Outro problema que afetou as comissões foi a sua composição. Em um primeiro relance, tem-se a impressão de que o desejo de João XXIII de que o conjunto da Igreja — geográfica, cultural e teologicamente, na diversidade de suas escolas e tendências — estivesse envolvido na preparação, fora cumprido. Na realidade, porém, não foi o que aconteceu de todo. Não se pode negar a grande diversidade geográfica e canônica dos 846 integrantes dos organismos preparatórios, divididos entre membros (466) e consultores (380).<sup>4</sup>

Geograficamente, repartindo-se estas pessoas por local de trabalho, o resultado é o seguinte:

Membros e consultores das comissões conciliares preparatórias

REGIÃO	NÚMEROS	PERCENTUAL
Europa	636	75,09%
Estados Unidos e Canadá	52 + 22 = 74	8,77%
América Latina	52	6,13%
Ásia	52	6,13%
África	21	2,48%
Oceania	11	1,29%
<b>TOTAL</b>	<b>847</b>	<b>100,00%</b>

O quadro não deixa dúvida quanto ao peso excepcional dos europeus no processo de preparação. Ocupam três quartos das posições, ficando os 25% restantes para os demais continentes. Dentro da Europa, a Cidade do Vaticano (319) e a Itália (72) somados (391) perfazem 61% dos integrantes das comissões. Certos países europeus ganharam uma representação importante em relação aos países dos demais continentes: França (62); Alemanha (50); Espanha (33); Bélgica (18); Grã-Bretanha (16), Holanda e Áustria, 11 cada um. É minguada a representação latino-americana e muito mais ainda a africana e a oceânica. A Ásia, com quatro vezes menos o número de católicos em relação à América Latina, igualava a sua representação.

Canonicamente, estavam as pessoas assim distribuídas:

- 73 cardeais (dez dos quais religiosos);
- 5 patriarcas (dois dos quais religiosos);
- 127 arcebispos, 85 como membros e 43 consultores (24 dos quais religiosos);
- 135 bispos, 80 membros e 55 consultores (31 dos quais religiosos);
- 212 sacerdotes do clero secular, 102 membros e 110 consultores;
- 286 religiosos, 114 membros e 172 consultores;
- 8 leigos, 7 membros e 1 consultor.<sup>5</sup>

Outro elemento que salta à vista é o restritíssimo número de leigos. Entre estes não havia nenhuma mulher! Comenta Komonchak:

Sete leigos serviam no secretariado administrativo, mas em todas as Comissões Preparatórias que elaboraram textos para o Concílio havia apenas um leigo, F. Vito, que servia na ST [Comissão de Estudos e Seminários]. De fato, apesar dos esforços de seu presidente e secretário, nenhum leigo

foi nomeado sequer para o Apostolado dos Leigos, a comissão criada para discutir seu apostolado.<sup>6</sup> Nem é preciso dizer, nenhuma mulher, religiosa ou leiga, prestou serviços em qualquer uma das Comissões Preparatórias.<sup>7</sup>

Neste grande conjunto de 846 pessoas havia apenas dez brasileiros: 4/466 como membros (0,85%) e 6/380 como consultores (1,57%). No conjunto geral, a participação brasileira alcança pouco mais do que 1% (1,18%). Damos abaixo a lista dos membros brasileiros:

- Dom Jaime de Barros Câmara, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, RJ, na Comissão Central e, dentro desta, na Subcomissão do Regulamento;
- Dom Alfredo Vicente Scherer, arcebispo de Porto Alegre, RS, na Comissão Teológica;
- Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, arcebispo auxiliar de São Paulo, SP, na Comissão da Disciplina dos Sacramentos;
- Mons. Joaquim Nabuco, na Comissão Litúrgica;

## Consultores

- Dom Helder Pessoa Camara, arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, RJ, na Comissão dos Bispos e do Governo das Dioceses;
- Dom Geraldo Fernandes Bijos, bispo de Londrina, PR, na Comissão dos Bispos e do Governo das Dioceses;
- Dom Alfonso M. Ungarelli, Prelado *Nullius* de Pinheiro, MA, na Comissão da Disciplina dos Sacramentos;
- Frei Boaventura Kloppenburg OFM, na Comissão Teológica;
- Pe. Estevão Bentia,<sup>8</sup> na Comissão das Igrejas Orientais;
- Dom José Vicente Távora, bispo de Aracaju, SE, no Secretariado da Imprensa e do Espetáculo.

<sup>3</sup> *Superno Dei Nutu*, n. 7; KLOP I, p. 56. (Nota do entrevistado)

<sup>4</sup> INDELICATO assinala que o número real de membros era de 842, pois 4 deles encontravam-se em duas comissões, perfazendo o total de 846. Há, entretanto, uma discrepância entre este número à página 46 do seu estudo e os números exibidos na tabela da página 67, cujo total é de 847 pessoas. Não me foi possível localizar o erro para corrigir uma das duas somas que discrepam de 1 pessoa. INDELICATO, Antonino, "Formazione e composizione delle commissioni preparatorie", in ALBERIGO, Giuseppe, *Verso il Concilio Vaticano II (1960-1962)*, Genova, Marietti, pp. 43-69. (Nota do entrevistado)

<sup>5</sup> INDELICATO, art. cit., pp. 46-47. (Nota do entrevistado)

<sup>6</sup> Muitas das associações nacionais e internacionais de leigos, porém, apresentaram seus votos e foram representadas na AL por sacerdotes há muito tempo associados a seu trabalho. TURBANTI, Giovanni, "I laici nella chiesa e nel mondo", in *Verso il Concilio Vaticano II*, pp. 212-218. (Nota do entrevistado)

<sup>7</sup> KOMONCHAK, J., "A Luta pelo Concílio durante a preparação", in ALBERIGO, *História*, I, p. 181. (Nota do entrevistado)

<sup>8</sup> Pe. Estevão Bentia era professor da Faculdade de Teologia N. S. da Assunção, em São Paulo, na época da preparação do Concílio. (Nota do entrevistado)

O espinhoso problema da fase preparatória só foi superado com a rejeição na primeira congregação geral ordinária da proposta feita pelo Secretário geral de que fossem eleitos para as comissões conciliares, boa parte daqueles que haviam integrado as comissões preparatórias. A proposta foi rejeitada e procedeu-se três dias depois a eleição de 34 listas elaboradas pelos episcopados. Nesse momento, o controle do Concílio deslocou-se da Cúria Romana para a assembleia conciliar. O resultado prático foi de que dos 72 esquemas preparatórios, apenas um, o da Liturgia, sobreviveu. Todos os demais foram rejeitados pela assembleia conciliar como base para os seus trabalhos.

**IHU On-Line - Entre os padres conciliares que atuaram nos trabalhos do Concílio, quais foram figuras-chave nos debates, encaminhamentos e tomadas de decisão? Por quê?**

**José Oscar Beozzo** - Emergiram figuras chave, por conta do seu papel institucional, seja porque ocupavam a secretaria geral, como Mons. Pericle Felici, seja porque faziam parte do Conselho de Presidência, como os cardeais Tisserant, seu presidente, ou os cardeais Achille Lienart de Lille na França, o Cardeal alemão Frings de Colônia ou o Cardeal Alfrink de Utrecht na Holanda. Outros ainda por integrarem, a partir do segundo período conciliar, o quarteto dos moderadores encarregados de presidir rotativamente as congregações gerais: o Cardeal Agagianian dos armênios e membro da Cúria Romana, o cardeal Giacomo Lercaro de Bologna, na Itália, o Cardeal Julius Dopfner de Munique na Alemanha e o Cardeal Leo-Joseph Suenens de Malinas-Bruelas na Bélgica. Deve ser destacado o Cardeal Suenens, por sua personalidade que se impunha, por contar com um grupo de teólogos de primeira linha vindos da Universidade de Lovaina, por seu fácil acesso ao Papa e por estabelecer, via Dom Hélder Câmara, uma ponte com os episcopados do terceiro mundo e com as conferências episcopais dos diferentes países.

Outros eram reconhecidos por sua competência ou autoridade moral e intelectual ou por representarem determinadas correntes teológicas ou pastorais. Cabe especial destaque ao Cardeal Agostino Bea, por presidir o

Secretariado para a União dos Cristãos e encarnar o propósito ecumênico do Concílio, estar em contato praticamente diário com os observadores das outras igrejas cristãs e por integrar as várias comissões mistas encarregadas de reelaborar esquemas cruciais como os da Dei Verbum, Dignitatis Humanae, Nostra Aetate e Gaudium et Spes. Num sentido oposto encontrava-se o Cardeal Ottaviani que presidia o Santo Ofício, a Comissão Teológica e era visto como o principal representante e guardião da doutrina tradicional e opositor dos novos rumos tomados pelo Concílio. Finalmente, havia figuras representativas de articulações que se formaram ao longo do Concílio. Pela minoria conciliar, impôs-se figura do ex-arcebispo de Dakar no Senegal e ex-superior geral dos padres espiritanos, Marcel Lefebvre, embora quem carregasse o peso do secretariado do Coetus Internationalis Patrum fosse o brasileiro, Dom Geraldo Proença Sigaud, arcebispo de Diamantina, MG e o que mais intervenções fez em nome do grupo fosse Dom Antonio de Castro Mayer, bispo de Campos e Dom Carli, bispo de Segni na Itália.

Dentre os brasileiros a figura maior foi Dom Hélder Câmara por ocupar até 1964 a secretaria geral da CNBB e a vice-presidência do CELAM, por haver tomado a iniciativa de organizar um encontro semanal dos presidentes ou secretários das conferências episcopais. Esse grupo converteu-se em referência para todos os debates e decisões conciliares, tendo sido reconhecido como o que mais influência exerceu sobre a marcha do Concílio. Dom Hélder tornou-se rapidamente uma das figuras mais solicitadas da mídia internacional, tanto pelas rádios e televisões, como pelos jornais e revistas.

No plano latino-americano, o mais influente foi Dom Manuel Larraín, bispo de Talca no Chile, um dos vice-presidentes e depois presidente do CELAM que congregava os mais de 600 bispos da América Latina e do Caribe. Contava com o apoio irrestrito do seu amigo Hélder Câmara e do cardeal de Santiago, Dom Silva Henríquez.

**IHU On-Line - Quais foram os pontos nodais das discussões em torno ao esquema relativo à Igreja? Como se chegou à estruturação da**

**Lumen Gentium como a recebemos no final do Concílio?**

**José Oscar Beozzo** - Os pontos nodais foram quatro: a definição da Igreja como POVO de DEUS, a afirmação de que esta se encontra a serviço do REINO DE DEUS, a doutrina da COLEGIALIDADE EPISCOPAL e de que junto com Pedro, o colégio episcopal detém o supremo poder sobre a Igreja. Finalmente, o reconhecimento de que há uma única Igreja de Jesus Cristo que subsiste na Igreja católica, mas que se encontra presente nas outras Igrejas. Define-se, portanto, o ecumenismo como tarefa imprescindível para que se restabeleça e fulgure a unidade entre todos os cristãos, como semente da unidade entre todos os seres humanos, que foram parte da única família da qual Deus é o Pai comum.

**Leia mais...**

>> Confira outras entrevistas concedidas por José Oscar Beozzo à

**IHU On-Line:**

- “O Vaticano II é o elemento estruturante da teologia de João Batista Libânio”. Entrevista publicada na IHU On-Line número 394, de 28-05-2012, disponível em <http://bit.ly/JLJaeL>
- “A Mater et Magistra deu vigoroso impulso à linha do compromisso social”. Entrevista publicada na IHU On-Line número 360, de 09-05-2011, disponível em <http://bit.ly/l6mvzk>
- “O retrato de um Brasil muito diferente”. Entrevista publicada nas Notícias do Dia em 29-07-2009, disponível em <http://bit.ly/aQxiu4>
- “Dom Helder, pastor da libertação em terras de muita pobreza”. Entrevista publicada nas Notícias do Dia em 07-02-2009, disponível em <http://migre.me/4sG26>
- “A política tornou-se, o mais das vezes, um teatro”. Entrevista publicada nas Notícias do Dia em 20-06-2008, disponível em <http://migre.me/4sG6N>
- “Giuseppe Alberigo”. Entrevista publicada na IHU On-Line, número 225, de 25-06-2007, disponível em <http://migre.me/4sGbO>

# O melhor e o pior do Vaticano II no corpo e na vida de irmãs companheiras

“Os ares de abertura do Vaticano II expressam novas relações de poder dentro da igreja romana, mas também na sociedade de um modo geral”, aponta Nancy Cardoso Pereira

Questionada pela **IHU On-Line** sobre a percepção feminina do Concílio Vaticano II e sobre o papel e lugar da mulher em seus documentos e decisões que ecoam até hoje na Igreja, a teóloga e filósofa Nancy Cardoso Pereira escreveu o artigo a seguir especialmente para a presente edição da revista. A seu ver, “para alguns o Vaticano II era um ponto final no processo de concessões e abertura da Igreja com o mundo moderno, para outros e, em especial, para muitas, era o ponto de partida para uma caminhada de reposicionamento da fé. Este conflito estava presente no Concílio e se manteve (e se mantém) atual”. Ela explica que foi justamente no corpo e na vida das irmãs, suas companheiras de luta, que viu o melhor do Concílio Vaticano II, mas também o “pior da manutenção dos esquemas de centralização e clericalização”. E explica: “o que movia minhas irmãs

companheiras não era o Concílio como ‘coisa’ na história da Igreja, mas o espaço de conflito que o evento representou na vida de uma cristandade que se queria una & santa & inquestionável”.

Teóloga e filósofa, Nancy Cardoso Pereira é mestre e doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo – Umesp, e pós-doutora em História Antiga pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Ela é pastora da Igreja Metodista. É membro do Palestine Israel Ecumenical Forum – PIEF/World Council of Churches – WCC e secretária de Publicações do Centro de Estudos Bíblicos – Cebi, além de assessora de Formação da Comissão Pastoral da Terra – CPT. Nancy Cardoso Pereira foi escolhida em agosto como reitora da Universidade Bíblica Latino-Americana – UBL. A sua gestão vai de 2013 a 2017.

Confira o artigo.

Não são as ideias que movem a história e não são as ideias que circularam no Concílio Vaticano II e nos documentos que fizeram história. A força que empurra a história é a história mesma. Assim seria possível fazer uma história das ideias do Vaticano II, mas então nos manteríamos no nível de idealização teológica e histórica que nos aprisionaria aos cenários pré-conciliares. É porque este momento da história teve importância nos processos de disputa de poder dentro do cristianismo que criou as condições objetivas e subjetivas da minha caminhada de fé pastoral popular e feminista no Brasil e na América Latina. Entretanto, estamos sempre ameaçadas, de modo muito concreto, de que o ponto de vista dos vencedores domine e suplante, de novo, a história das mu-

lheres, dos subalternos e de suas lutas de libertação.

A Igreja pré-conciliar se caracterizava por:

1. centralização de toda a instituição católica;
2. a clericalização que perpassava essa organização eclesiástica;
3. o fortalecimento da Igreja Católica Romana, apresentada como uma instituição paralela aos estados modernos (Azzi)<sup>1</sup>.

1 **Rioldo Azzi**: paulistano, formouse em Teologia pelo Pontifício Ateneu Salesiano e em História da Igreja pela Pontifícia Universidade Gregoriana, ambos em Roma. Mestre e doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde também leciona, é pesquisador do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro e membro da Comissão de Estudos da História da Igreja Latino-Americana -

Estas dinâmicas tinham uma interferência muito direta na vida das mulheres, não só nas fiéis católico-romanas, mas também na manutenção do status de minoridade das mulheres na cultura cristã-ocidental. Os ares de abertura do Vaticano II expressam novas relações de poder dentro da Igreja Romana, mas também na sociedade de um modo geral. Nesse sentido, o Concílio Vaticano II não era um ponto de partida, mas um ponto de articulação e interação entre forças pastorais e políticas que ressoavam dentro da Igreja Romana.

De acordo com Dussel<sup>2</sup>, as guerras mundiais na Europa e suas resoluções

CEHILA (Nota da IHU On-Line).

2 **Enrique Dussel** (1934): filósofo argentino radicado (exilado) desde 1975 no México. É um dos maiores expoentes da Filosofia da Libertação e

por dentro do capitalismo levaram à consolidação de novas hegemonias políticas que criaram as condições para que os cristãos, ou parte deles, assumissem decididamente o projeto burguês – e da pequena burguesia como efeito de afirmação da democracia liberal na Europa e na América.

Do mesmo modo, o impacto e a recepção do Concílio Vaticano II foi diferenciada não só pelos contextos geográficos, mas também e principalmente por conta das oscilações e disputas em torno desta nova hegemonia.

Assim, para alguns o Vaticano II era um ponto final no processo de concessões e abertura da Igreja com o mundo moderno, para outros e, em especial, para muitas, era o ponto de partida para uma caminhada de reposicionamento da fé. Este conflito estava presente no Concílio e se manteve (e se mantém) atual.

### Posicionamento do movimento feminista

Um dos pontos de questionamento a partir da década de 1950 e, em especial, na década de 1960 era o de posicionamento do movimento feminista. Tanto na dimensão teórica como nas práticas de luta por direitos, as mulheres já tinham acúmulo significativo que interferiam nestes novos arranjos de poder. Assim, o desejo de diálogo do Vaticano II repercutiu de modo diferenciado em segmentos diferenciados de mulheres. A ausência efetiva das mulheres no processo conciliar já é problemático e compromete muito das resoluções e encaminhamentos, porque não se colocam fora do esquema de centralização, clericalização e não superam a visão estatal do Vaticano.

Sem dúvida alguma, as novas perspectivas teológicas do Concílio, de participação do laicato no culto e na ação social da Igreja, o reforço à inspiração bíblica na reflexão teológica e a abertura ao diálogo ecumênico criaram possibilidades de ação e participação mais significativas das

mulheres, também no contexto latino-americano. Entretanto, somente as estruturas dentro do catolicismo romano que abriram mão do poder centralizado, clerical e estatal é que puderam radicalizar as possibilidades de encarnação: as experiências de igreja popular, as teologias da libertação, os novos modos de ser igreja, as reinvenções litúrgicas e ministeriais. Estas respostas (dimensionadas e projetadas na América Latina em Medellín e Puebla) criaram as condições de sobrevivência das teologias feministas e de práticas eclesiais inclusivas.

O movimento feminista mudou muito nos últimos 50 anos e recolocou suas questões e suas práticas. E estas oscilações interpretativas e pastorais continuam perpassando as teologias feministas, que passaram da reivindicação de igualdade entre homens e mulheres para uma reivindicação da diferença entre elas e eles, e daí para a de uma política das identidades, com o acréscimo dos deslocamentos: “do marco macrosociológico, de cunho modernista, para os estudos locais; das análises transculturais do patriarcado à complexa e histórica interação de sexo, raça e classe; de noções de uma identidade feminina ou de interesses das mulheres à instabilidade da identidade feminina, com as ativas criações e recriações das mulheres a partir de reais necessidades” (Cecília Domezi).

As três dimensões (centralização, clericalização e interferência como Estado) continuam operando de modo hegemônico na Igreja Romana em particular e nas igrejas cristãs em geral dificultando novas conversas em torno da agenda sempre atualizada das feministas. Assim, a questão dos modelos interpretativos é fundamental nos processos de revisão da história.

Eu me considero uma teóloga que – mesmo protestante – recebeu um impacto importante do Concílio Vaticano II. Minha formação teológica nos anos 1980 participou tanto dos novos modos de ser esquerda como dos novos modos do feminismo e de ser Igreja. Minha prática profundamente ecumênica – de formação e ação – me colocou em contato com religiosas e leigas católicas impactadas pelo Vaticano II, mas principalmente impactadas pela realidade comum, pelas alternativas de transformação

dos modos de poder em todos os níveis e relações. Com as irmãs inseridas e com as teólogas leigas e religiosas fiz minha caminhada e foi justamente no corpo e na vida dessas irmãs companheiras que vi o melhor do Concílio Vaticano II, mas também o pior da manutenção dos esquemas de centralização e clericalização.

Mas o que movia minhas irmãs companheiras não era o Concílio como “coisa” na história da Igreja, mas o espaço de conflito que o evento representou na vida de uma cristandade que se queria una & santa & inquestionável.

O que movia e move as irmãs companheiras feministas é esta visualização do caráter provisório e histórico que o Vaticano II deixou ver na formação pesada do catolicismo e do cristianismo ocidental. Esta “abertura” não foi concedida do alto, nem forjada pelo poder mesmo, mas revelou as pressões do mundo e suas gentes, dos pobres e das mulheres para cima de todas as estruturas de poder das elites e seus clubes exclusivos de empresários, banqueiros, bispos, maridos e patrões.

Nas palavras de Cecília Domezi, as mulheres comeram embaixo da mesa do Vaticano II, assim com na história de Jesus e da sírio-fenícia (Marcos 7). As mulheres, nestes 50 anos, tomaram estas migalhas e convidaram Jesus para debaixo da mesa, invertendo a lógica de manutenção do poder clerical de alguns homens poderosos. É essa leitura que cria as condições para “virar a mesa” na afirmação da experiência do Deus dos pobres – mulheres e homens.

Estas práticas libertadoras de viver a fé continuam insistindo na colegialidade, na opção pelos pobres (mulheres e homens) e na superação no modelo de cristandade na afirmação do Estado laico.

## Leia mais...

>> Nancy Cardoso já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**. Confira:

- *Palestina e Israel: caminhos para uma paz justa*. Entrevista publicada na edição número 400, de 27-08-2012, disponível em <http://bit.ly/NZ9h4a>

do pensamento latino-americano em geral. Autor de uma grande quantidade de obras, seu pensamento discorre sobre temas como filosofia, política, ética e teologia. Tem se colocado como crítico da pós-modernidade chamando por um novo momento denominado transmodernidade. É um crítico do pensamento eurocêntrico contemporâneo. (Nota da **IHU On-Line**)

# Vaticano II: a batalha pelo significado

POR RODRIGO COPPE CALDEIRA

Publicamos a seguir a resenha de Rodrigo Coppe Caldeira, doutor em Ciências da Religião e professor da PUC Minas, autor do livro *Os baluartes da tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II* (Curitiba: CRV, 2011), sobre o livro Vaticano II: the battle for meaning [Vaticano II: A batalha pelo significado], de Massimo Faggioli. Para Coppe Caldeira, “a obra de Faggioli é uma oportunidade de adentrarmos, nesse início da segunda década do novo milênio, nos meandros historiográficos, teológicos e hermenêuticos dos debates em torno do Con-

cílio Vaticano II e seus inúmeros desafios”.

Massimo Faggioli é doutor em história da religião e professor de história do cristianismo da University of St. Thomas, em Minneapolis-St. Paul, nos EUA.

As citações em inglês, que estão nas notas publicadas no final do texto, foram traduzidas por Moisés Sbardelotto. Este texto foi publicado originalmente nas **Notícias do Dia** 07-07-2012, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU e está disponível em <http://bit.ly/RBovhH>

Eis o artigo.

Nestes quase cinquenta anos de início do Concílio Vaticano II, cresce e aprofunda-se a discussão em torno dos seus significados, transparecido nos debates em torno da procura de adequada interpretação dos documentos promulgados. Neste início de século, estes debates foram perpassados por um novo vigor, especialmente pela elevação de Joseph Ratzinger ao sólio papal, deixando claro, desde seus primeiros discursos, que a recepção do Vaticano II seria uma das preocupações centrais de seu papado. De fato, está sendo, já que, além da presença do tema em inúmeros de seus discursos, o seu movimento em vista de finalizar o cisma pós-conciliar de 1988, levado a cabo pela radicalização de Marcel Lefebvre e Antônio de Castro Mayer, pisa no terreno da hermenêutica do concílio. Alguns analistas vêem a situação atual como uma verdadeira “batalha”.

É o caso da obra publicada nos Estados Unidos por Massimo Faggioli intitulada *Vatican II: the battle for meaning*<sup>1</sup>. Faggioli busca, em seis capítulos, apresentar o ponto em que nos encontramos nesta “quaestio disputata”, tentando demonstrar as forças em jogo,

reconstruindo, mesmo que brevemente, os principais momentos e desafios da recepção conciliar. Certamente, refletir sobre o catolicismo atual sem referenciar a realidade do Vaticano II seria incorrer em erro. Como Faggioli afirma, “a melhor forma de refletir sobre o estado do catolicismo no mundo global do século XXI é recuperar a posse do evento que moldou a Igreja de uma forma que só é comparável ao impacto do Concílio de Trento no catolicismo europeu” (p. 2)<sup>2</sup>.

Dessa forma, a preocupação de Faggioli é contextualizar o evento conciliar a partir dos significados advindos de sua recepção, ou seja, desde seu desenvolvimento entre o anúncio por parte de João XXIII e, particularmente, as fases posteriores, que serão fundamentais no processo dinâmico de sua receptio. Para tanto, o historiador italiano divide este período entre 1960-65 (“What Vatican II said about Vatican II”), apontando para a realidade do Vaticano II como aquele primeiro concílio realmente global, assinalado por pendor ecumênico e pela reno-

vação patrística; 1965-80 (“Vatican II: acknowledged received, refused”), no qual aponta para os debates que surgem sobre o concílio, e que tem entre os seus principais comentadores Yves Congar, Henri de Lubac, Joseph Ratzinger, Edward Schillebeeckx; os sínodos nacionais (por exemplo, o de Medellín em 1968); a fundação das revistas Concilium (Hans Küng, Yves Congar, Karl Rahner, Edward Schillebeeckx) e Communio (Joseph Ratzinger, Hans Urs von Balthasar, Henri de Lubac) sinalizando para o fato de que as interpretações em torno do concílio não seriam unânimes; 1980-90, marcado por cada vez menos contribuições da academia e mais influência da política doutrinária da Santa Sé, especialmente com a recodificação da lei canônica, o Sínodo dos Bispos de 1985, que oferecia as diretrizes para se interpretar o Vaticano II, além da publicação do livro-entrevista de grande impacto, publicado no Brasil com o título “A fé em crise? O cardeal Ratzinger se interroga”<sup>3</sup>; 1990-2000, no qual a preocupação com a historicização do concílio aparece no projeto de envergadura encabeçado por Giuseppe

2 No original: “The best way to reflect on the state of catholicism in the twenty-first-century global world is to regain possession of the event that shaped the Church in a way that is comparable only to the impact of the Council of Trent on European catholicism”. (Nota do autor)

3 RATZINGER, Joseph e Messori, Vittorio. *A fé em crise?: o cardeal Ratzinger se interroga*. (São Paulo: EPU. 1985) (Nota da IHU On-Line)

1 Faggioli, Massimo. *Vatican II: The Battle for Meaning* (New York: Paulist Press, 2012). (Nota da IHU On-Line)

Alberigo<sup>4</sup>, assinalado por uma perspectiva hermenêutica que afirma o concílio como “evento”.

De 2000 até hoje, Faggioli pergunta: “Rumo a uma nova luta em torno do Vaticano II?”. A morte de João Paulo II e a eleição de Bento XVI constituem dois elementos importantes no campo teológico e eclesial no paisagem dos debates sobre o Vaticano II nos últimos anos. Faggioli cita o documento “Responses to Some Questions Regarding Certain Aspects of the Doctrine on the Church” (29 de junho de 2007), que tratou de como deve ser interpretado o “subsist in” (*Lumen Gentium*, 8), o moto próprio *Summorum Pontificum* (2007), que permitiu o uso da missa tridentina de forma ampla e, em 2009, o levantamento das excomunhões dos quatro bispos ordenados por Marcel Lefebvre<sup>5</sup> como momentos da última década que vão dar novo impulso aos debates em torno da hermenêutica do concílio.

Faggioli levanta três posições interpretativas no pós-concílio que partiam da ideia do Vaticano II como um concílio de reforma: a primeira em torno da revista *Concilium*, que tinha como palavra de ordem a expressão “beyond the council”, entendendo o concílio como um início e não simplesmente um fim; a segunda representada pela ideia de uma recepção reformista dos documentos conciliares; e a terceira que marca a importância dos documentos conciliares para que sejam colocadas em andamento as reformas, como aquela da Cúria Romana, a litúrgica, a da colegialidade. Faggioli também aponta para os tradicionalistas, que rejeitam o concílio, entendido por eles como heresia, o que leva ao cisma de 1988.

Momento interessante da obra é aquela que traz a situação da teologia no período pós-conciliar, marcada pe-

las posições das mais importantes revistas teológicas do mundo, *Concilium* e *Communio*. Segundo Faggioli, a divisão do que foi a “maioria conciliar” nos tempos da assembleia demonstrou as tensões que existiam no campo hermenêutico: “O assunto polêmico era a ideia da *Communio* sobre o Vaticano II de validar o *ressourcement* como um método para favorecer o trabalho na teologia versus a ideia da *Concilium* sobre o Vaticano II como o *incipit* de uma *reformatio*, uma atualização mais abrangente da Igreja Católica em sua teologia e estruturas” (p. 52)<sup>6</sup>.

Faggioli, assim, vê duas tendências no pós-concílio, que irão refletir, sem sombra de dúvida, nas linhas interpretativas dos significados do concílio: a primeira representada pelos neo-agostinianos (filosoficamente próximos do platonismo); a segunda, a dos neo-tomistas (filosoficamente próximos de Aristóteles).

Segundo o historiador, estas duas linhas já estavam delineadas no próprio concílio, não sendo assim resultado da dinâmica pós-conciliar. A escola agostiniana, como afirma Ormond Rush, citado por Faggioli, “está querendo definir a Igreja e o mundo em uma situação de rivais; ela vê o mundo em uma luz negativa; o mal e o pecado abundam de tal forma no mundo que a igreja deve sempre suspeitar e desconfiar dele. Qualquer abertura ao mundo seria um ‘otimismo ingênuo’” (p. 68-69)<sup>7</sup>. Esta tendência teria atraído inúmeros teólogos, não só aqueles ligados à orbe conservadora e/ou tradicionalista, mas também aqueles ligados à *nouvelle theologie*, como Henri de Lubac, Jean Daniélou, Hans Urs von Balthasar<sup>8</sup>, Louis Bouyer e Joseph Rat-

zinger. Importante afirmar com o autor que “a biografia intelectual de muitos neoagostinianos críticos do Vaticano II tem sido muito mais complexa do que a defesa de uma agenda meramente conservadora” (p. 69)<sup>9</sup>. Von Balthasar, por exemplo, em seu *Razing the Bastions*, publicado dez anos antes do concílio, “expressou a necessidade de a Igreja não se ‘entrincheirar’ mais contra o mundo” (p. 69)<sup>10</sup>.

Depois do concílio, o teólogo compreenderá os vários aspectos da teologia pós-conciliar como o resultado do casamento entre o deísmo inglês (Herbert of Cherbury), o historicismo alemão e o idealismo (Hegel) às custas de Tomás de Aquino. Henri de Lubac, por seu turno, já deixa transparecer no próprio Vaticano II, de acordo com Faggioli, ao analisar seu diário do concílio, seu ceticismo em relação à antropologia do evento conciliar, e a *Gaudium et spes* especialmente. Em sua *Augustinisme et théologie moderne*, de 1971, escreve: “Hoje somos testemunhas de um esforço que quer dissolver a Igreja no mundo... A maré de imanentismo está crescendo irresistivelmente” (p. 71)<sup>11</sup>. Para o teólogo, “o equilíbrio teológico entre natureza e graça foi interrompido em favor de uma confiança ingênua na natureza e no mundo contra a necessidade da graça e da fé, e contra a ideia de transcendência” (p. 71)<sup>12</sup>.

tura modernas, especialmente a franco-germana. Criou sua própria Teologia, síntese original do pensamento patristico e contemporâneo. Entre suas obras destacam-se *O cristianismo e a angústia* (1951), *O mistério das origens* (1957), *O problema de Deus no homem atual* (1958) e *Teologia da história* (1959). A edição 193 da IHU On-Line, de 28-08-2006, Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério publicou uma entrevista com Ignácio J. Navarro, intitulada Borges e Von Balthasar. Uma leitura teológica, disponível em <http://migre.me/4Hkbv>. (Nota da IHU On-Line)

9 No original: “The intellectual biography of many neo-Augustinian critics of Vatican II has been far more complex than the advocacy of a merely conservative agenda”. (Nota do autor)

10 No original: “Expressed the need for the Church to no longer be ‘barricaded’ against the world”. (Nota do autor)

11 No original: “Today we are witnesses of an endeavour that wants to dissolve the Church in the world... The tide of immanentism is growing irresistibly”. (Nota do autor)

12 No original: “The theological balance between nature and grace had been disrupted in favor of a naïve confidence in nature and the world against the need

6 No original: “The divisive issue was *Communio*’s idea of Vatican II as validating *ressourcement* as a method for further work in theology versus *Concilium*’s idea of Vatican II as the *incipit* of a *reformatio*, a more comprehensive updating of the Catholic Church in its theology and structures”. (Nota do autor)

7 No original: “Is wanting to set church and world in a situation of rivals; it sees the world in a negative light; evil and sin so abound in the world that the church should be always suspicious and distrustful of it. Any openness to the world would be ‘naïve optimism’”. (Nota do autor)

8 Hans Urs Von Balthasar (1905-1988): teólogo católico suíço. Estudou Filosofia em Viena, Berlim e Zurique, onde doutorou-se em 1929, e em Teologia em Munique e Lyon. Destacou-se como investigador dos santos padres e da Filosofia e Litera-

4 Giuseppe Alberigo (1926-2007): importante historiador da Igreja Católica. Sua obra mais importante foi a direção da iniciativa editorial *Storia del Concilio Vaticano II*. (Nota da IHU On-Line)

5 Marcel Lefebvre: francês, foi arcebispo na África e liderou, durante o Concílio Vaticano II, juntamente com os bispos brasileiros Geraldo Sigaud e Antonio de Castro Mayer, o *Coetus Internationalis Patrum* que reunia o grupo mais conservador da Igreja. Marcel Lefebvre nunca aceitou o Concílio Vaticano e fundou a Fraternidade Pio X que rompeu com a Igreja Católica. Tanto João Paulo II quanto Bento XVI negociam com a Fraternidade o fim do cisma. (Nota da IHU On-Line)

Joseph Ratzinger, por seu turno, concorda com a tese de fundo sobre a situação pós-conciliar de De Lubac, e como prefeito para a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé entre 1981 e 2005 – e como papa depois de sua eleição em abril de 2005 – teve várias oportunidades de reforçar seus posicionamentos. Segundo Faggioli, o agostinismo de Ratzinger data de seus anos na escola secundária, na Alemanha nazista, quando a ideia da obra “Cidade de Deus” era pensada como um antídoto para o totalitarismo. Porém, para o historiador, o seu trabalho pós-doutoral sobre São Boaventura ajuda a compreender a avaliação de Ratzinger da antropologia e eclesiologia do Vaticano II e sua evolução no pós-concílio. O então Cardeal salientou desde o início deste período a importância de uma correta interpretação do concílio.

Sempre segundo Faggioli, Ratzinger dizia que as afirmações da *Gaudium et spes* “‘respiram um otimismo surpreendente’, resultando em nada mais do que ‘uma revisão do Syllabus de Pio IX, uma espécie de contra-syllabus’, que se destinava a inverter a posição negativa adotada por Pio IX contra os ‘erros’ políticos e doutrinários da modernidade listados no Syllabus de 1864” (p. 74)<sup>13</sup>. Para o historiador, o agostinismo de Ratzinger está na base de sua compreensão, não só da *Gaudium et spes*, mas também, por exemplo, da Teologia da Libertação<sup>14</sup> e das teologias de Jürgen Moltmann e de Johann Baptist Metz<sup>15</sup>. Faggioli ad-

jetiva como “áspera” a opinião sobre o Vaticano II de Ratzinger, que segundo o autor, está ligada à sua defesa do agostinismo.

A segunda tendência fundamental de interpretação do concílio é a chamada pelo historiador como “‘progressistas’ neo-thomistas”. Entre eles estariam Yves Congar, Marie-Dominique Chenu, Edwad Schillebeeckx, Karl Rahner e Bernard Lonergan. Utilizando-se da análise de Gerald McCool, Faggioli afirma que a partir do tomismo estes teólogos defendiam o lugar da história e do pluralismo na teologia, olhando para eles como fatores positivos. Chenu (1895-1990), por exemplo, “propôs uma historicização fundamental da teologia de Tomás de Aquino - que a teologia católica do século XX deveria fazer com a filosofia moderna e as ciências sociais o que Tomás havia feito com Aristóteles no século XIII” (p. 76)<sup>16</sup>.

Para Chenu, a interpretação do Vaticano II deve estar ligada inextricavelmente com a percepção do “fim da era constantiniana”, o fim do acordo entre o Altar e o Trono, entre a Igreja e o Estado. Tal mudança, segundo o teólogo, é um fenômeno que aponta para as mudanças não só históricas e culturais do Ocidente cristão, mas também requer uma mudança nas relações entre história e teologia. Yves Congar (1905-1995), por seu turno, o mais influente teólogo do concílio, focou inúmeras vezes a relevância da história para a teologia. Sobre a influência de Tomás de Aquino em sua teologia, Faggioli cita trecho de seus diários: “O que eu vejo me faz entender por que São Tomás era tão atento aos árabes e aos gentios. Eu imagino um São Tomás muito atento, aberto e

ativo com relação ao mundo ao qual ele se voltava”<sup>17</sup>.

## Neo-escolasticismo

Em outro trecho afirma: “uma teologia ao serviço da Igreja pelas necessidades do seu tempo, de acordo com a missão de São Tomás” (p. 79)<sup>18</sup>. A aproximação com o tomismo se daria na compreensão do papel histórico de Tomás de Aquino na Igreja, ao realizar a releitura de Aristóteles no século XIII, pois, sobre a tentativa da Cúria Romana de reintroduzir certo neo-escolasticismo como caminho nas escolas e universidades católicas, Congar era bem crítico: “Seria como usar Tomás de Aquino contra ele mesmo” (p. 79)<sup>19</sup>. Para o teólogo, “o Vaticano II alcançou algo semelhante ao que a revolução tomista alcançou no século XIII”<sup>20</sup>. Faggioli também cita Karl Rahner (1904-1984) como um teólogo que se situaria nesse grupo, além de Bernard Lonergan (1904-1984).

Momento de central importância no pós-concílio foram os debates no Sínodo Episcopal de 1985, que teria como objetivo, intentado por João Paulo II, de demonstrar os limites da recepção do Vaticano II. O documento final do Sínodo – que foi dado os créditos ao cardeal Godfried Danneels e ao teólogo e secretário do Sínodo, Walter Kasper<sup>21</sup> – trouxe seis princípios para a interpretação do concílio. Segundo Faggioli, “de um ponto de vista histórico, a leitura da recepção do Vaticano II foi muito mais próxima do ‘otimismo’ do próprio concílio do que do ‘ceticismo’ que muitos bispos e teólogos católicos [...] apesar das visíveis ‘reversões’ impostas pelo Sínodo dos Bispos de 1985 sobre como a eclesiologia do Vaticano II já havia sido recebida entre 1965 e 1985” (p. 85)<sup>22</sup>.

of grace and faith, and against the idea of transcendence”. (Nota do autor)

13 **No original:** “Breathe an astonishing optimism’, resulting in nothing more than ‘a revision of the Syllabus of Pius IX, a kind of counter-syllabus’, which was intended to reverse the negative stance adopted by Pius IX against the political and doctrinal ‘erros’ of modernity listed in the Syllabus of 1864”. (Nota do autor)

14 **Teologia da Libertação:** escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da IHU On-Line, de 02-04-2007, intitulada Teologia da libertação, disponível para download em <http://bit.ly/bsMG96>. (Nota da IHU On-Line)

15 **Johann Baptist Metz** (1928): teólogo católico alemão, professor de Teologia Fundamental, professor emérito na Universidade de Münster, Alemanha. Aluno de Karl Rahner, desfilou-se da

teologia transcendental de Rahner, em troca de uma teologia fundamentada na prática. Metz está no centro de uma escola da teologia política que influenciou fortemente a Teologia da Libertação. É um dos teólogos alemães mais influentes no pós Concílio Vaticano II. Seus pensamentos giram ao redor de atenção fundamental ao sofrimento de outros. As chaves de sua teologia é memória, solidariedade, e narrativa. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15-04-2002, disponível em <http://migre.me/2zn3s>. (Nota da IHU On-Line)

16 **No original:** “Proposed a fundamental historicization of the theology of Thomas Aquinas - that twentieth-century Catholic theology should do with modern philosophy and social sciences what Thomas had done with Aristotle in the thirteenth century”. (Nota do autor)

17 **No original:** “What I see makes me understand why St. Thomas was so attentive to Arabs and gentiles. I imagine a St. Thomas very attentive, open and active towards the world he was facing”. (Nota do autor)

18 **No original:** “A theology at the service of the Church for the needs of its time, according to St. Thomas’s mission”.

19 **No original:** “It would be just like using Thomas Aquinas against himself”. (Nota do autor)

20 **No original:** “Vatican II had achieved something similar to what the Thomist revolution had achieved in the thirteenth century”. (Nota do autor)

21 **Walter Kasper** (1933): cardeal alemão e presidente-emérito do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos. (Nota da IHU On-Line)

22 **No original:** “From a historical point

Para o historiador, o Sínodo marcou uma virada, já que, segundo ele, se deu a emergência da compreensão da recepção conciliar a partir da chave neo-agostiniana. A Igreja do Sínodo seria assinalada pela visão de João Paulo II e sua interpretação do concílio: “Um claro desenvolvimento na questão ad extra (ensino social, ecumenismo, diálogo inter-religioso) e uma abordagem mais conservadora às questões ad intra” (p. 86)<sup>23</sup>. Tal complexidade tonase aparente no final de 1983, com o Código de Direito Canônico, “que uniu com uma grande ‘ambiguidade’ dois elementos diferentes, ou seja, a eclesiologia principalmente tridentina e jurídica da *societas* e a eclesiologia mais teológica da *communio*” (p. 86)<sup>24</sup>.

Para Faggioli, é possível ver nos debates do Sínodo e em seu documento final, que algumas decisões teológicas do concílio foram revisitadas e reinterpretadas por João Paulo II, como, por exemplo, a noção de “povo de Deus”, a ideia de um “catecismo universal”, “postas de lado pelo Concílio, foram ressuscitadas graças à sugestão vinda de algumas conferências episcopais” (p. 87). E o papel das Conferências episcopais foi “decisivamente reduzido a um mero instrumento e privado de significado eclesiológico real” (p.87)<sup>25</sup>. O texto final do Sínodo reflete, assim, algumas tensões que emergiram da recepção global do Vaticano II depois de 1965, revelando também as divergentes tendências hermenêuticas no pós-concílio. Faggioli concorda com Gilles Routhier<sup>26</sup>,

que entende que momento crucial no Sínodo foi “o início de um processo de gradual, mas certa desqualificação de algumas das interpretações do Vaticano II e de uma redução das possíveis interpretações dos documentos conciliares” (p. 88)<sup>27</sup>.

Para o historiador, o período pós-sinodal será assinalado por um embaite de narrativas a respeito do concílio e sua interpretação. Mesmo tendo delineado as diretrizes para a recepção, notou-se vibrante debate intelectual sobre as descobertas dos significados do concílio. Mais estudos históricos e teológicos, todavia, não levaram a um acordo sobre o papel da Igreja no milênio que se iniciava. A questão era sobre os significados do acontecimento. A tensão entre duas vertentes de compreensão já era visível no debate teológico nos anos 1980: de um lado havia o partido da descontinuidade, de outro, o partido da continuidade. O primeiro defendendo que a Igreja do pré-Vaticano II era uma, e a Igreja do pós-Vaticano II outra; o segundo afirmando a continuidade entre os dois momentos.

Cada partido com seus próprios princípios hermenêuticos. Esta divisão se tornou um convite para que historiadores e teólogos se engajassem em uma nova fase de pesquisa sobre o concílio. O teólogo alemão Hermann J. Pottmeyer marcou o início dessa nova fase de investigações. Assim escreveu em 1987: “Duas abordagens interpretativas estão em conflito, especialmente na segunda fase da recepção: uma olha exclusivamente para os novos começos produzidos pela maioria conciliar, a outra olha exclusivamente para as declarações que foram assumidas dos esquemas preparatórios por iniciativa da minoria e refletem a teologia pré-conciliar” (p. 93)<sup>28</sup>.

nesta edição. (Nota da IHU On-Line)

27 No original: “The beginning of a process of gradual but sure disqualification of some of the interpretations of Vatican II and of a reduction of the possible interpretations of the conciliar documents”. (Nota do autor)

28 No original: “Two interpretative approaches are in conflict, especially in the second phase of reception: one looks exclusively to the new beginnings produced by the conciliar majority, the other looks exclusively to statements that were taken over from the preparation schemata at the instigation of the minority and reflect preconciliar theology”. (Nota do autor)

Para o teólogo, o estudo das atas conciliares e de documentos como diários e cartas dos participantes do concílio abriria uma nova fase de sua recepção. A pergunta que se fazia no momento era sobre a possibilidade de um tratamento histórico rigoroso do Vaticano II e seus significados. Faggioli afirma que uma nova fase da recepção conciliar se abria com uma nova série de estudos dos significados históricos do concílio, apontando para as inúmeras conferências internacionais que se sucederam entre 1988 e 1999, em Paris, Bologna, Leuven, Houston, Lyon, Würzburg, Moscou e Strasbourg. Estas conferências deram a substância teórica para os fundamentos dos que seriam os cinco volumes da História do Concílio Vaticano II, organizada por Giuseppe Alberigo e com participação de uma comunidade internacional de estudiosos.

### Interpretação modernista

Segundo Faggioli, esta fase, aberta com o Sínodo de 1985, foi simbolicamente concluída em 2005, com o novo comentário dos documentos do concílio editado por Hilberath e Hünemann e com a eleição de Joseph Ratzinger ao papado em abril de 2005. Para o historiador, com a eleição de Ratzinger inaugurava-se “um novo tipo de relação entre o ensino papal e os documentos do Vaticano II, ao menos para o pontificado de Bento XVI” (p. 95)<sup>29</sup>. Interessante notar que foi neste momento em que apareceram mais fortemente as críticas à história do concílio de Alberigo, acusado de realizar uma interpretação ideológica do evento conciliar, “uma interpretação modernista do ‘espírito do Vaticano II’” (p. 96). Os múltiplos aniversários do Vaticano II – em 2003 a constituição litúrgica *Sacrosanctum Concilium* fez quarenta anos; em 2005, os quarenta anos da conclusão do concílio; em 2009 os cinquenta anos de seu anúncio e o aniversário de cinquenta anos de sua abertura –, juntamente do lugar central do Vaticano II na biografia de Bento XVI como teólogo, deram impulso a um rico debate nos últimos anos.

Faggioli aponta para a eclesiologia como a questão mais delicada e complexa do pós-Vaticano II, já que a interpretação teológica da recepção do

29 No original: “A new type of relationship between papal teaching and Vatican II documents, at least for Benedict XVI’s pontificate”.

of view, the reading of the reception of Vatican II was much closer to the ‘optimism’ of the council itself than to the ‘skepticism’ that many Catholic bishops and theologians [...] Despite the visible ‘reversals’ imposed by the 1985 Synod of Bishops on how Vatican II ecclesiology had already been received between 1965 and 1985”. (Nota do autor)

23 No original: “A clear development in the issue ad extra (social teaching, ecumenism, interreligious dialogue) and a more conservative approach to the issues ad intra”. (Nota do autor)

24 No original: “Which assembled with a great deal of ‘ambiguity’ two different elements, that is, the mainly Tridentine and juridical ecclesiology of *societas* and the more theological ecclesiology of *communio*”. (Nota do autor)

25 No original: “Set aside by the council, was revived, thanks to the suggestion coming from some episcopal conferences [...] decisively reduced to a mere tool and deprived of real ecclesiological meaning”. (Nota do autor)

26 Confira uma entrevista inédita com ele

concílio liga-se diretamente a ela. A primeira questão, e a mais delicada delas, é o balanço de poder entre o papado e os bispos. O legado do final dos debates em torno da *Lumen gentium* e a inesperada adição da Nota explicativa praevia – nota inserida por Paulo VI em novembro de 1964 antes do texto já aprovado pelos bispos, com o intuito de “clarificar” alguns aspectos da colegialidade episcopal – contribuiu para o debate pós-conciliar, no qual os eclesiologistas marcaram alguns elementos substanciais para uma hermenêutica da eclesiologia do Vaticano II.

Dois eclesiologias apareciam assim lado a lado: a eclesiologia de comunhão, advinda do Vaticano II, e a eclesiologia jurídica, advinda do concílio Vaticano I. O trabalho final de harmonizá-las não foi levado a cabo pelo concílio do século XX. O historiador observa que “os documentos do Vaticano II mantiveram o conceito de apostolado leigo próximo do ideal da Ação Católica – levemente mais independente da hierarquia eclesiástica, mas ainda na necessidade de um ‘mandato’ vindo dela” (p. 100)<sup>30</sup>.

Outra questão eclesiológica levantada por Faggioli e que traz inúmeros debates é aquele que versa sobre o “subsist in”, *Lumen gentium* número 8. Para o estudioso, as reinterpretações que passaram a surgir sobre este trecho do documento, que marcava os intuítos ecumênicos do concílio, “ignora a intenção do concílio sobre essa mudança na linguagem da constituição eclesiológica” (p. 101)<sup>31</sup>. Algumas delas vieram diretamente da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, como a declaração *Dominus Iesus*, de 2000, e o documento de junho de 2007 sobre alguns aspectos da doutrina sobre a Igreja.

A interpretação oficial do “subsist in” foi a faísca para inúmeros debates em torno da questão e do que chama de “crise do ecumenismo católico”, depois do sucesso da Declaração conjunta sobre a Doutrina da Justificação, assinado por católicos e luteranos em

30 No original: “The documents of Vatican II maintained the concept of lay apostolate next to the ideal of Catholic Action – slightly more independent of the ecclesiastical hierarchy but still in need of a ‘mandate’ coming from it”.

31 No original: “Ignores the intention of the council about this change in the language of the ecclesiological constitution”.

1999. Além da questão eclesiológica, aquelas envolvendo a liturgia também foram alvo de debates, especialmente a partir do moto proprio *Summorum Pontificum*<sup>32</sup> assinado por Bento XVI em 2007. A “reforma da reforma litúrgica” teria presença considerável no papado de Ratzinger.

Para Faggioli, nesse “clash of narratives” [choque de narrativas] que marca a primeira década do milênio em torno dos feitos e significados do concílio, é assinalado, incontestavelmente, pelo impulso da narrativa católica conservadora, especialmente devido à eleição de Joseph Ratzinger. De acordo com o historiador, por muitos anos o Vaticano foi expressão de uma contradição entre duas conflituosas visões sobre o concílio: aquela fundamentalmente positiva de João Paulo II e a do cardeal Ratzinger, “agudamente pessimista” ao ler o pós-concílio.

O conclave de 2005 colocou um fim neste diálogo “entre os dois intérpretes mais importantes do Vaticano II nos primeiros 50 anos da sua recepção e abriu uma nova fase, em que a interpretação de Ratzinger não é mais equilibrada pela de João Paulo II” (p. 106-107)<sup>33</sup>. Segundo o historiador, o tom do debate mudou com a eleição de Bento XVI, que deu seu primeiro passo no caminho de remodelar o papel do concílio com seu discurso à Cúria Romana em dezembro de 2005. Afirmava: “Duas hermenêuticas contrárias se embateram e disputaram entre si. Uma causou confusão, a outra, silenciosamente mas de modo cada vez mais visível, produziu e produz frutos” (p. 109-110)<sup>34</sup>.

As linhas mais visíveis que marcam o debate, como aponta Faggioli, sobre o Vaticano II, são as seguintes: a compreensão do Vaticano II como o fim ou o início da renovação; a visão

32 Sobre o tema leia os Cadernos Teologia Pública número 56, intitulado “Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio”, de autoria de Andrea Grillo, publicado em 2011 e disponível para download em <http://bit.ly/NBrEAJ>

33 No original: “Between the two most important interpreters of Vatican II in the first fifty years of its reception and opened a new phase, in which Ratzinger’s interpretation is no longer balanced by that of John Paul II”.

34 No original: “Two contrary opposite hermeneutics came face to face and quareled with each other. One caused confusion, the other, silently but more and more visibly, bore and is bearing fruit”.

sobre a dinâmica dos textos conciliares e sua posição no que concerne ao desenvolvimento da teologia católica; a questão da mudança e da historicidade na Igreja e na teologia. No que tange à primeira questão, o autor afirma que é “outra forma de descrever a oposição entre a concepção do catolicismo como um fenômeno dominado por uma cultura (greco-romana, europeia, ocidental e assim por diante) ou como uma comunhão guiada pelo Espírito e capaz de transcender e iluminar toda cultura particular” (p. 124-125)<sup>35</sup>.

Sobre o segundo ponto, duas correntes se abrem: a primeira advoga um “theological axis” [eixo teológico] para a interpretação do corpus do Vaticano II, tendo como seus principais representantes Christoph Theobald<sup>36</sup>. A segunda corrente, tendo como principais representantes John O’Malley<sup>37</sup>, Gilles Routhier e Peter Hünermann, focam o papel central dos documentos em sua constituição histórica, no seu gênero literário e seu estilo.

Concluindo: a obra de Faggioli é uma oportunidade de adentrarmos, nesse início da segunda década do novo milênio, nos meandros historiográficos, teológicos e hermenêuticos dos debates em torno do Concílio Vaticano II e seus inúmeros desafios. Vale a leitura!

35 No original: “Another way to describe the opposition between the conception of catholicism as a phenomenon dominated by a culture (Greco-Roman, European, Western, and so on) or as a communion guided by the Spirit and able to transcend and enlighten every particular culture”.

(Nota do autor)  
36 Christoph Theobald: teólogo jesuíta, professor da Faculdade de Teologia do Centre-Sèvres em Paris e especialista em questões de teologia fundamental e de história da exegese. Em 16-09-2009 esteve na Unisinos participando do X Simpósio Internacional IHU - Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e Impossibilidades. Confira a entrevista que concedeu à edição 308 da Revista IHU On-Line, de 14-09-2009, intitulada O cristianismo como estilo, disponível para download em <http://bit.ly/N8nezL>. Theobald é uma das presenças confirmadas no XIII Simpósio Internacional IHU - Igreja, cultura e sociedade: A semântica do Mistério da Igreja no contexto das novas gramáticas da civilização tecnocientífica, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU entre os dias 2 e 5 outubro de 2012. Saiba mais em <http://bit.ly/KRlwl8> (Nota da IHU On-Line)

37 Confira uma entrevista inédita com ele nesta edição. (Nota da IHU On-Line)

# Hermenêuticas em tensão: tempos sombrios para a teologia

POR FAUSTINO TEIXEIRA

“Há apenas cinquenta anos, a teologia católica era uma disciplina em grande parte fechada, ensinada por sacerdotes-professores em seminários controlados por ordens religiosas masculinas ou pelas dioceses. Os teólogos eram formados nas universidades pontifícias e faziam parte das mesmas comunidades clericais dos seus bispos. Mas o Vaticano II abriu fileiras da teologia aos leigos. As universidades começaram a ensinar a teologia como disciplina acadêmica, os teólogos não buscaram mais o imprimatur para o seu trabalho, e um laicato cada vez mais instruído tentou explorar as conceitualidades teológicas (que uma vez estavam bem além do seu alcance)”, constata Faustino Teixeira, professor no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de

Juiz de Fora - UFJF e autor, entre muitos outros livros, de *Teologia e Pluralismo Religioso* (São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012); *Caminhos da Mística* (São Paulo: Paulinas, 2012); e *Buscadores do Diálogo: Itinerários Interreligiosos* (São Paulo: Paulinas, 2012). Segundo ele, “é na linha dessa teologia de toque e sensibilidade leigas que pode haver um futuro propício e renovador para a reflexão teológica em nosso tempo”.

Faustino Teixeira é doutor e pós-doutor pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.

Este texto foi publicado originalmente nas Notícias do Dia 07-07-2012, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU e está disponível em <http://bit.ly/RBRWFe>

Eis o artigo.

*“Não há dúvida de que por vezes tem-se a impressão de que as nossas igrejinhas nos escondem a Terra”*

(Teilhard de Chardin)

Em recente editorial<sup>1</sup> da revista internacional de teologia, *Concilium* (2/2012) os teólogos Susan Ross e Felix Wilfred falam das antigas e recentes tensões que envolvem os teólogos com os bispos. O tema volta à tona em razão de novos desencontros entre a teologia e o magistério. Nas décadas que precederam o Concílio Vaticano II (1962) vários teólogos foram advertidos ou punidos pelo Santo Ofício em razão de sua pesquisa teológica. Podem ser citados os teólogos ligados à Nova Teologia Francesa, envolvendo também Pierre Teilhard de Chardin.

É conhecido o caso das punições sofridas por Henri de Lubac e Marie-Dominique Chenu. A clássica obra de Chenu, *Une école de théologie* (1937) foi colocada no Index e ele mesmo foi retirado de seu cargo de diretor em Le Saulchoir, acusado publicamente diante de sua comunidade. Na ocasião, o cardeal Suhard confortou-lhe dizendo: “Caro Padre, não se perturbe, daqui a vinte anos o mundo inteiro falará como você”. E vinte anos depois aconteceu o Vaticano II... Os sofrimentos com a repressão romana foram também destacados por Yves Congar em seu *Diário de um Teólogo*, publicado em 2000. Ali relata tudo o que passou entre os anos de 1952 e 1956. Em tom profético, nomeia o Santo Ofício como uma espécie de “Gestapo eclesial”. Anos difíceis, diria Eric Hobsbawm<sup>2</sup>.

O Concílio abriu novos espaços para a reflexão teológica e dilatou os “espaços da caridade”. Essa primavera, infelizmente, durou pouco. Vinte anos depois o clima muda e o antigo núcleo da “minoridade” conciliar ganha terreno na igreja e também novos adeptos. O ano de 1981 é simbólico para essa mudança, quando se registra a entrada de Joseph Ratzinger na Congregação para a Doutrina da Fé (CDF), ex Santo Ofício. Vem substituir o antigo Prefeito, o cardeal Franjo Seper (1968-1981). Com Ratzinger na frente da CDF uma

entre os quais *A Era dos Extremos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995), *A Era do Capital* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982), *A Era das Revoluções* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982), *A Era dos Impérios* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988), *Bandidos* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976) e sua autobiografia, *Tempos Interessantes: uma vida no século XX* (São Paulo: Companhia das Letras, 2002). (Nota da IHU On-Line).

<sup>1</sup> Saiba mais em <http://bit.ly/L5ZQNQ> (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Eric Hobsbawm: historiador marxista do século XX. Autor de inúmeros livros,

nova dinâmica vem firmada na vida eclesial, e a busca de uma “nova disciplina”. A plataforma de mudança vem lançada com o livro *Rapporto sulla fede* (1985). Ali estão os vivos traços da restauração eclesial. A obra reforça a “hermenêutica de continuidade” na leitura do Concílio, reagindo duramente contra as interpretações que falam em ruptura eclesial. O cardeal Ratzinger reage contra a “abertura indiscriminada” realizada no pós-concílio e fala em “certa eufórica solidariedade pós-conciliar”. Sublinha que a restauração, entendida como “busca de um novo equilíbrio” está em curso na igreja. Muitas das questões polêmicas que marcarão os decênios seguintes estão presentes nessa obra: as dificuldades do magistério com a teologia moral (identificadas como polo principal das tensões entre o magistério e os teólogos), com a teologia feminista e da libertação, com as Conferências Episcopais, com a teologia das religiões etc.

Passando os olhos na obra da Congregação para a Doutrina da Fé, *Documenta Inde a Concilio Vaticano Secundo – Expleto Edita* (1966-2005), vislumbra-se uma clara desconfiança face à chamada “hermenêutica da descontinuidade e da ruptura” e uma preocupação viva com a produção teológica realizada em certas áreas, envolvendo questões trinitárias e cristológicas, questões eclesiológicas, de antropologia teológica, questões morais, de teologia da libertação e teologia das religiões (*Praenotanda* de Angelo Amato).

No período pós-conciliar muitos teólogos foram advertidos e punidos, começando por Hans Küng (1975 e 1979), Jacques Pohier (1979), Edward Schillebeeckx (1981 e 1984), Leonardo Boff (1985), Tissa Balasuriya (1997), Antonii de Mello (1998), Jacques Dupuis (2001), Marciano Vidal (2001), Roger Haight (2004), Jon Sobrino (2006), Margareth Farley (2012). Curioso verificar que o campo de atuação desses teólogos está, em geral, relacionado aos temas de teologia moral, teologia da libertação e teologia das religiões.

O artigo de Ivone Gebara, sobre A inquisição de hoje e as religiosas americanas – publicado no Boletim

Rede (maio de 2012) –, chama a atenção para uma novidade problemática: não se acusa mais somente os teólogos, mas também a “uma instituição que congrega e representa mais de 55.000 religiosas norte americanas”. A Avaliação Doutrinal da Conferência Nacional das Religiosas (Leadership Conference of Women Religious), publicada pela CDF em abril de 2012, abre um novo precedente. Embora no mencionado livro-entrevista com o cardeal Ratzinger, de 1985, ele já assinalava sua dificuldade com as Conferências Episcopais, que a seu ver não tinham “base teológica”, mas só uma “função prática”. Se é assim com as Conferências de Bispos, o que diria das Conferências de Religiosos... Como indica Ivone Gebara, as religiosas “são acusadas de serem partidárias de um feminismo radical, de desvios em relação à doutrina católica romana, de cumplicidade na aprovação das uniões homossexuais e outras acusações (...)”. São dificuldades que aparecem igualmente na notificação do livro da irmã Margareth Farley: problemas no âmbito da moral sexual, envolvendo a masturbação, os atos e uniões homossexuais, a indissolubilidade do matrimônio e o divórcio e as segundas núpcias. As argumentações da teóloga são rebatidas e questionadas em razão de uma alegada “contradição com a doutrina católica”. Como vem ocorrendo em todos os processos que antecedem tais notificações, as argumentações dos teólogos em questão são sempre consideradas insuficientes ou não esclarecedoras por parte da CDF.

Tanto a Carta Apostólica *Porta Fidei* (2011), de Bento XVI, como a Nota com as Indicações pastorais para o ano da fé (CDF – 2012), falam na importância de uma “correta compreensão do Concílio”, e de uma “justa hermenêutica” que enquadre os textos conciliares num âmbito de qualificação normativa, “no âmbito da Tradição da Igreja”. Fala-se nos textos do Concílio, não há dúvida, mas toda a ênfase recai no Catecismo da Igreja Católica, que vem considerado como “um dos frutos mais importantes do Concílio Vaticano II”. O Catecismo ganha uma centralidade ainda maior do que os documentos

conciliares, sobretudo na quantificação das citações.

Diante desse “quadro sombrio” de enquadramento eclesiástico, que tende a se aprofundar nos próximos anos, surge o grande desafio de afirmação de uma teologia pública, mais comprometida com o reino de Deus (J.Moltmann) e com a causa do Evangelho (Joseph Moingt). Uma teologia menos eclesiástica e mais sintonizada com o mundo da academia (David Tracy) e dialogante com a sociedade (I. Neutzling). Esse é o grande desafio que se coloca para todos nós, sobretudo para os teólogos leigos. Como bem mostrou Inácio Neutzling em sua reflexão sobre a ciência e a teologia na universidade do século XXI, “a teologia, como discurso público, tem necessidade da liberdade institucional frente à igreja, assim como de um lugar no espaço público das ciências”. Muda-se o perfil da teologia, e também de suas tarefas nesse tempo das sociedades pós-tradicionais. As teólogas e teólogos são provocados a investimentos reflexivos mais ousados e corajosos, buscando trabalhar com criatividade os grandes desafios do século XXI à luz de suas experiências de fé e de comunidade. Para encerrar esse breve desabafo, cito uma passagem do editorial da *Concilium*: “Há apenas cinquenta anos, a teologia católica era uma disciplina em grande parte fechada, ensinada por sacerdotes-professores em seminários controlados por ordens religiosas masculinas ou pelas dioceses. Os teólogos eram formados nas universidades pontifícias e faziam parte das mesmas comunidades clericais dos seus bispos. Mas o Vaticano II abriu fileiras da teologia aos leigos. As universidades começaram a ensinar a teologia como disciplina acadêmica, os teólogos não buscaram mais o imprimatur para o seu trabalho, e um laicato cada vez mais instruído tentou explorar as conceitualidades teológicas (que uma vez estavam bem além do seu alcance)”. Creio que é na linha dessa teologia de toque e sensibilidade leigas que pode haver um futuro propício e renovador para a reflexão teológica em nosso tempo.

Tema  
de  
Capa

**Destques  
da Semana**

IHU em  
Revista

## Entrevista da Semana

# A emergência do indivíduo e as novas formas de viver a religião

Ao lado do que se pode pensar a respeito dos conteúdos do que está acontecendo, e o Censo 2010 imperfeitamente revela, é preciso refletir sobre quais formas de se crer, de se praticar e de se viver a religião estão sendo preservadas, transformadas ou surgindo, avalia Carlos Brandão

POR THAMIRIS MAGALHÃES

Carlos Brandão, em resposta à entrevista *Pluralismo, transformação, emergência do indivíduo e de suas escolhas*, concedida por Pierre Sanchis à edição 400 da **IHU On-Line** (disponível em <http://bit.ly/O6zTVo>), reitera suas ideias e frisa que “em primeiro lugar, sempre é preciso acreditar desconfiando das estatísticas”. E explica: “!Uma das minhas razões é que, quando estudei estatística no meu curso de Psicologia, o próprio professor disse que a melhor definição dela é esta: ‘estatística é a ciência segundo a qual você fica com dois, eu fico sem nenhum, e no fim das contas cada um ficou com um’”. A outra razão, para ele, é que, tanto as estatísticas

como as descrições “duras” e quantitativas de fenômenos sociais desenhavam com fidelidade o seu “esqueleto”, mas deixavam fora do desenho “a carne e o sangue”. E, o que é pior... “o espírito”.

Carlos Brandão é graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. É mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília - UnB e doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo – USP com a tese *Os deuses de Itapira*. Atualmente, é professor na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – De que maneira o senhor descreveria as principais características do mapa religioso brasileiro que emergem do Censo 2010?**

**Carlos Brandão** – Tendo a concordar com Pierre Sanchis. Não será a primeira vez, e espero que esteja longe de ser a última. A diferença é que talvez eu vá falar mais do que o mapa do Censo esconde do que do que ele revela (ou imagina que revela).

## Acreditar desconfiando

Em primeiro lugar – e imagino que várias outras pessoas terão já dito isso – sempre é preciso acreditar desconfiando das estatísticas. Uma das minhas razões é que, quando estudei

estatística no curso de Psicologia, o próprio professor disse que a melhor definição dela é esta: “estatística é a ciência segundo a qual você fica com dois, eu fico sem nenhum, e no fim das contas cada um fica com um”. A outra razão é que, para evocarmos as nunca esquecidas ideias de Bronislaw Malinowski<sup>1</sup>, logo no capítulo inicial do *Argonautas do Pacífico Ocidental*, tanto as estatísticas como as descrições

“duras” e quantitativas de fenômenos sociais desenhavam com fidelidade o seu “esqueleto”, mas deixavam fora do desenho “a carne e o sangue”. E, o que é pior... “o espírito”.

## Novas formas de viver a religião

Assim, penso que, ao lado do que se pode pensar a respeito dos conteúdos do que está acontecendo, e o censo imperfeitamente revela, é preciso refletir a fundo sobre quais formas de se ser, de se crer, de se praticar e de se viver a religião estão sendo preservadas; se elas estão se transformando ou estão surgindo.

Por exemplo, mais a fundo do que perguntar: “que tradições religio-

<sup>1</sup> Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942): antropólogo polaco, considerado um dos fundadores da antropologia social. Fundou a escola funcionalista. Suas grandes influências incluem James Frazer e Ernst Mach. (Nota da **IHU On-Line**)

sas estão crescendo e quais outras estão diminuindo, talvez uma outra pergunta importante seja: dentro de cada religião, tradição, confissão religiosa ou igreja confessional – e, sobretudo, entre elas e entre elas e outros sistemas de sentido (como a logosogia, a antroposofia, as neocologias cosmiçantes, e assim por diante... infinitamente), que formas, quais modalidades ou alternativas de crença e prática ‘em algo em nome de alguma coisa’ estão surgindo entre nós?”

## Religião, mundo mutável

Não há dúvidas de que o mundo da religião, mais do que o da academia ou o da política, talvez seja hoje (se não foi sempre), o mais mutável, o mais transformável entre todos. Assim, vejo que chegamos em nosso tempo, aqui no Brasil e em inúmeras outras nações do planeta, não apenas a uma aberta e interativa multipluralidade de opções de conteúdos de sentido e/ou de fé (no que eu creio de fato e qual o sistema de sentido que me traz esta crença ou me leva a ela?), mas igualmente a uma fecunda pluri-possibilidade de escolhas entre modos de ser, de crer e de viver o que eu creio, e o em que creio para ser quem sou.

Mais do que em outros tempos, hoje

a) você pode – confidente ou publicamente – viver uma única “minha crença” de forma absolutamente individual e separada de todos os outros;

b) você pode não apenas aderir a uma crença única de forma individualizada, mas também pode conectar sistemas completos de crenças ou fragmentos de algumas e realizar sua própria bricolagem confessional. Não é nada raro um estudante universitário de hoje com este perfil: raízes católicas sem qualquer adesão à Igreja Católica + crença tangencial no taoísmo, mesclado de algo de zen budismo + uma abertura para uma fé no reencarnacionismo espírita kardecista, sem qualquer adesão a esta religião + uma crescente simpatia pelo anarquismo, associado a uma confissão de que dentre todos os possíveis: “Gandhi e Che Guevara são os meus gurus preferidos” (pelo menos por agora);

c) em direção oposta, você pode não apenas crer na substância de uma

fé religiosa, mas também aderir de corpo e alma a sua unidade confessional de padrão sectário (no sentido Max Weber da palavra) e se tornar um crente absoluto de que “fora da minha religião não há salvação”;

d) você pode manter-se fiel a uma tradição religiosa “de origem”, separando-se de sua estrutura (como a da Igreja Católica segundo o Vaticano) e aderindo a regiões de *communitas* desta própria religião (para lembrar Victor Turner<sup>2</sup>). Eu acredito que de Pierre Sanchis a Leonardo Boff, passando por Marcos Arruda e Carlos Brandão, uma pluralidade de atuais ex-religiosos e leigos militantes como eu, da Ação Católica, vivem hoje de forma diferenciada esta mesma experiência de cristãos pluricatólicos, exatamente porque podem agora viver sua fé ampla, difusa e mutável em e entre pequenas comunidades de destino, como pessoas cristãs em diáspora;

e) você pode “do começo ao fim de minha vida” manter-se um fiel crente, praticante e participante de sua religião de origem, seja por convicção pessoal, seja por reprodução costumeira a uma tradição de família, aceitando-a como uma entre outras “agências sagradas da salvação”.

Essa relação de alternativas vai longe ainda. Observemos que até pouco tempo, poucas religiões abriam o seu leque de possibilidades de aderência, de permanência e de diferenciada participação. A Igreja Católica, seguindo tradições gregas e romanas, muito mais do que judaicas, sempre foi o seu melhor exemplo.

Agora mesmo na minissérie Gabriela, as prostitutas de Ilhéus reclamam dos dignitários da Igreja Católica o seu direito a uma “ala” na solene procissão. As “beatas” estão contra, mas se Lampião (fervoroso rezador de terços) e seu bando estivessem presentes, não só apoiariam as prostitutas como reclamariam também o seu lugar na procissão.

Durante muitos anos, o catolicismo – religião da puta ao padre – competia no Brasil apenas com pequenas

2 Victor Witter Turner (1920-1983): antropólogo britânico, muito conhecido por seu trabalho com símbolos, rituais e ritos de passagem. Trabalhou com Clifford Geertz e Richard Schechner. (Nota da IHU On-Line)

confissões de religião aberta-agenciada (como a umbanda e o espiritismo kardecista), ou religiões fechadas de tipo comunidade de salvação.

## Várias alternativas de ser e crer

Hoje, o mais importante no catolicismo não é que nele se canta, dança, fala em línguas e se recebe sem cerimônias o Espírito Santo, como algumas denominações pentecostais. O importante é que, para realizar isso e muito mais, a Igreja Católica se permite – entre as comunidades eclesiais de base e as missas-espetáculo do padre Marcelo – abrir-se a todas as alternativas possíveis e imagináveis do ser católico, e de se praticar sozinho, em pequenas comunidades de fé, ou em multidões de massa-espetáculo, uma dentre as muitas alternativas deste ser e crer.

**IHU On-Line – Em seu ponto de vista, por que a redução católica, que ocorreu em todas as regiões do país, teve queda mais expressiva registrada no Norte, de 71,3% para 60,6%?**

Carlos Brandão – Concordo com Pierre. É uma velha tradição teórico-empírica que vale tanto para as religiões como para artes e ciências, segundo a qual quanto mais uma nação, uma região cultural ou mesmo uma pequena comunidade é ou se transforma em uma pluriaberta “terra de ninguém”, tanto mais ela se abre para abrigar o novo e o diverso.

Não é preciso opor o Norte ao Sul. Oponha Taguatinga, no Distrito Federal, a Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Quem “fica” permanece em sua fé. Quem “vai embora” precisa encontrar outra. Ou outras.

## Jaguço Riobaldo

Recomendo a exemplar leitura de um momento de confissão do jaguço Riobaldo, logo no começo da obra *Grande sertão: veredas*<sup>3</sup>. Ele confessa

3 Grande Sertão: Veredas: uma das obras mais importantes de Guimarães Rosa. Ela foi tema de um evento promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 25 de abril a 25 de maio de 2006, por ocasião dos 50 anos da obra. A revista IHU On-Line dedicou seu tema de capa a este livro na edição de 02-05-2006, nº 178, intitulada *Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa*, disponível em <http://migre.me/qQX8>. (Nota da IHU On-Line)

a quem silenciosamente o escuta, dizendo que “reza é quem salva a gente da loucura”. E por isso é que deseja rezas e poderes de todas as religiões ao seu alcance. Grande parte de “todo o mundo” está hoje ficando mais ou menos como ele.

De resto, como estou dialogando com Pierre Sanchis, quero lembrar uma das citações memoráveis de Charles de Gaulle<sup>4</sup>. Ele dizia mais ou menos isto: “a grande diferença entre os Estados Unidos da América do Norte e a França é que lá existem 360 religiões e dois partidos políticos; enquanto na França há duas religiões e 360 partidos políticos”. Creio que no Brasil estamos tendendo a associar o número de religiões dos EUA com o número de partidos da França.

#### IHU On-Line – Como avalia o número dos sem religião, de acordo com os dados divulgados no último censo?

**Carlos Brandão** – Um dos livros mais interessantes que há para ler trata-se de uma longa entrevista com Umberto Eco<sup>5</sup> e com o Cardeal Martini<sup>6</sup>. Um ateu e um crente católico. Creio que o título do livro é *Em que creem os que não creem* (São Paulo: Record, 2000). Se não foi este, deve-

ria ser. Digo isso porque, a menos que um censo creia limitar a religião ao religioso e o religioso ao confessional, ele precisaria rever conceitos, ampliar categorias e alargar muito o leque de suas próprias classificações.

#### Rubem Alves, um “teólogo ateu”

Rubem Alves<sup>7</sup> vai me permitir estas confidências, porque elas são públicas: um dia identificou-se em uma entrevista de jornal de alta circulação, como um “teólogo-ateu”. Creio que em um de seus últimos livros ele retomou esse tema polêmico (não fosse de Rubem Alves).

Certa vez, quando entre só nós dois, eu abri o jogo com ele e disse algo assim: “Rubem, vamos deixar Deus, Santíssima Trindade, Espírito Santo de lado. Eu quero saber de você o seguinte: para onde é que você acha que vai quando morrer?” Ele me olhou sério e confiante, e com um gesto solene apontou para o chão entre os seus pés. E me respondeu: “eu vou para o lugar de onde eu vim há milhões de anos”. Mas Rubem, eu e Pierre, e Frei Betto, e Marcos Arruda, e Osmar Fávero, e Luis Eduardo Wanderley, e Lula, e Betinho e Paulo Freire, e tantas e tantos outros, de formas diversas e com intensidades diferentes, nunca fomos ou somos capazes de nos identificar propriamente como ateus (eu... longe disso!); sequer como agnóstico (idem).

Não acreditamos mais no que acreditávamos. Mas seguimos precisando acreditar no que acreditamos agora, para seguirmos vivendo uma vida... com algum sentido.

Creio que algo semelhante acontece com praticamente todas as pessoas. Clifford Geertz<sup>8</sup>, em um momen-

to de seus escritos, cita um alguém, cujo nome não lembro agora, para dizer o seguinte: “acreditamos em tudo o que podemos, e acreditaríamos em tudo, se pudéssemos”. Creio que é isso mesmo. Assim, penso que as pessoas que “não acreditam em um deus” não acreditam “nele” (e em tudo o que religiões fazem dele derivar), para poderem “acreditar em alguma coisa creditável”.

Acho que um Censo menos estatístico e mais qualitativamente humano deveria conter uma pergunta assim: “em que ou no que você acredita?” Exemplo: Todos nós sabemos que Albert Einstein<sup>9</sup> abandonou sua fé judaico-teísta de origem para crer no que ele mesmo chamava de uma religião cósmica. Eu mesmo me sinto hoje em dia entre D. Pedro Casaldáliga<sup>10</sup> (um querido amigo e mestre) e Einstein.

<sup>9</sup> **Albert Einstein** (1879-1955): físico alemão naturalizado americano. Premiado com o Nobel de Física em 1921, é famoso por ser autor das teorias especial e geral da relatividade e por suas ideias sobre a natureza corpuscular da luz. É, provavelmente, o físico mais conhecido do século XX. Sobre ele, confira a edição nº 135 da revista *IHU On-Line*, sob o título *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis*, disponível em <http://migre.me/16Mto>. A TV Unisinos produziu, a pedido do IHU, um vídeo de 15 minutos em função do *Simpósio Terra Habitável*, ocorrido de 16 a 19-05-2005, em homenagem ao cientista alemão, do qual o professor Carlos Alberto dos Santos participou, concedendo uma entrevista. Leia, ainda, a edição 130 da *IHU On-Line*, de 28-02-2005, intitulada *Einstein: 100 anos depois do Annus Mirabilis. João Paulo II. Balança e perspectivas*, disponível em <http://migre.me/16Mur> e a edição 141, de 16-05-2005, chamada *Terra habitável: um desafio para a humanidade*, disponível em <http://migre.me/16MuZ>. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>10</sup> **D. Pedro Casaldáliga**: bispo prelado de São Félix, Mato Grosso. É poeta e escritor de renome internacional. Quando assume a prelazia de São Felix, em pleno regime militar, denuncia veementemente o latifúndio e defende a reforma agrária e o direito indígena à terra. Foi duramente perseguido pelo regime militar. Pe. João Bosco Penido Burnier, jesuíta, foi assassinado ao lado dele, no dia 12 de outubro de 1976. A edição 137 da *IHU On-Line*, de 18 de abril de 2005, publicou uma entrevista com Casaldáliga: *O próximo pontificado será um tempo de transição significativo*. A edição 89, de 12 de janeiro de 2004, trouxe entrevista com o religioso, falando sobre a homologação de terra contínua para índios. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>4</sup> **Charles de Gaulle** (1890-1970): general e presidente da França de 1958 a 1969. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>5</sup> **Umberto Eco** (1932): autor italiano mundialmente reputado por diversos ensaios universitários sobre semiótica, estética medieval, comunicação de massa, linguística e filosofia, dentre os quais destacam-se *Apocalípticos e Integrados*, *A estrutura ausente e Kant e o ornitorrinco*. Tornou-se famoso pelos seus romances, sobretudo *O nome da rosa*, adaptado para o cinema. *A ilha do dia anterior*; *Baudolino* e *A misteriosa chama da Rainha Loana* são outras de suas obras. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>6</sup> **Carlo Maria Martini** (1927-2012): teólogo jesuíta, profundo conhecedor da Bíblia, cardeal italiano e arcebispo emérito de Milão falecido dia 31 de agosto de 2012. Confira a última entrevista que concedeu, disponível em <http://bit.ly/R8SdaX>, sob o título “*A Igreja retrocedeu 200 anos. Por que temos medo?*”. Confira, ainda, a cobertura dada pelo site do IHU à morte de Martini: *Morreu Martini, o bispo do diálogo*, em <http://bit.ly/TlgXZR>; *Martini, um homem de Deus. Artigo de Vito Mancuso*, em <http://bit.ly/NKt6uv>; “*A abertura de Martini aos não crentes foi um ato de responsabilidade*”. *Entrevista com Massimo Cacciari*, em <http://bit.ly/UkM4Np>; *A “dura viela” da morte, segundo Martini*, em <http://bit.ly/ThSJS>. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>7</sup> **Rubem Alves** (1933): psicanalista, educador, teólogo e escritor brasileiro, autor de livros e artigos sobre temas religiosos, educacionais e existenciais, além de uma série de livros infantis. Com Carlos Rodrigues Brandão é autor de *Encantar o mundo pela palavra* (São Paulo: Papyrus, 2006). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>8</sup> **Clifford James Geertz** (1926-2006): antropólogo estadunidense, professor emérito da Universidade de Princeton, em Nova Jérsei, nos Estados Unidos. Seu trabalho no “Institute for Advanced Study” de Princeton se destacou pela análise da prática simbólica no fato antropológico. Foi considerado, por três décadas, o antropólogo mais influente nos Estados Unidos. (Nota da *IHU On-Line*)

## Releitura não teísta

Quando converso com vários amigos que foram como eu cristãos católicos engajados em algum movimento de igreja, vejo que uma soma considerável deles (eu incluído) está precisando agora realizar uma espécie de releitura não teísta em sua fé para poder se manter ainda cristão, mesmo que já não mais restritamente... católico. Muitos de nós precisamos crer que o próprio Jesus nunca foi o Cristo; nunca foi um “deus enviado a Terra para nos salvar de nosso próprio pecado coletivo”, para acreditarmos não na mitologia, mas nas substâncias humana dos evangelhos.

Não precisamos mais de um deus-homem milagreiro que “morreu para nos salvar”, e depois ressuscitou para nos dizer que isso irá acontecer com todos nós (pelo menos com o pequeno rol “dos salvos”). Precisamos de um homem-deus (justamente porque humano) que, entre vários outros, nos diga palavras de sentido e nos envolva de gestos de ternura... para que saibamos como viver e para onde ir, mesmo que não haja “um céu para os eleitos”.

Entre meus alunos, entre amigos, e especialmente entre pessoas do povo com quem convivo, nunca encontrei alguém que diga: “eu não acredito em nada!” E creio mesmo que quando alguém diz isso, diz algo provisório. João Guimarães Rosa lamenta, ainda no *Grande sertão: veredas*, que “pra muita coisa falta nome”. No caso da religião e do círculo mais amplo (do qual ela faz parte) dos sistemas de sentido, penso que falta mais ainda.

## O ateu

Na sua própria fórmula tradicional, ateu é uma palavra que indica um negativo: “em que você não crê”. No entanto, a maioria dos ateus que conheço acredita profundamente em algo, que não raro me parece ultrapassar as fronteiras de minhas mutantes e indecisas crenças.

E entre aqueles que hoje vejo envolvidos no que no passado costumávamos chamar de obras cristãs, sobretudo as mais substancialmente comprometidas com o povo e a sua história, vejo que ateus, agnósticos, buscadores de fé e cristãos se misturaram e interagem muito mais preocupados com “qual o sentido de sua vida

e como você vive e age em nome disso?”, do que com “em que Deus você crê para estar aqui ao meu lado fazendo o que eu faço?” (e não faria sem você).

**IHU On-Line – Em entrevista anterior<sup>11</sup>, o senhor falava da “larga marcha do catolicismo”. Ela aparece nos dados do censo 2010? Como ela pode ser descrita?**

**Carlos Brandão** – Concordo com Pierre, e acho que acima falei algo sobre isso. Uma das peculiaridades do catolicismo de herança grega (língua em que ele foi originalmente difundido, quando ainda primitivamente cristão), bem mais do que em sua fechada herança judaica, é esta sua ainda viva e presente capacidade de se multifacetar. De não apenas abrir-se a “salvos e a pecadores” (na verdade mais a pecadores do que a salvos, ao contrário de várias pequenas igrejas evangélicas, ou de padrão mórmon ou testemunhas de Jeová), e de criar pluriespaços. Espaços de fé, crença e vida, que vão da mais solitária individualidade à mais explosiva multidão. Cenários destinados a abrigar, a cada lugar de cultura e em cada momento de sua trajetória na história, as mais diversas alternativas de:

a) ser cristão-católico sem ser católico confessante (algo diferente do “católico nominal”);

b) ser católico confessante (“eu sou católico”) sem ser católico praticante (“vivo minha religião à minha maneira e não preciso de papa nem padre”);

c) ser católico praticante sem ser católico participante (“vou na missa, comungo, observo as normas da igreja, mas não me chamem para fazer coisa alguma em nome dela”);

d) ser católico participante sem ser católico praticante (“em nome de minha fé vivo uma vida de testemunho junto ao povo, mas não me chamem para missas, confissões e procissões”);

e) (escolha você a sua alternativa e preencha com ela este espaço).

Contaram-me, há muito anos, que nos tempos da Cortina de Ferro a Rainha da Inglaterra, depois de longas negociações, fez uma visita à Polônia.

Em um momento de visita a uma fábrica, ela teria ousado se aproximar de um velho operário, e com a ajuda de um tradutor teria, em meio a uma breve conversa não protocolar, feito a ele esta pergunta: “diga, você é católico?” E ele teria respondido: “sou crente, senhora, mas não praticante”. A seguir ela teria ousado esta outra pergunta: “E comunista... você é?” E sábia (e silenciosamente) ele teria respondido: “sou praticante, senhora, mas não crente!” Guardadas das diferenças de tempo e espaço, creio que este diálogo serve para uma infinidade de pessoas em nós e entre nós.

**IHU On-Line – Como podemos definir o pluralismo religioso? De que maneira ele aparece nos dados do censo 2010? Quais são as suas principais características, possibilidades e cenários futuros?**

**Carlos Brandão** – De novo concordo muito com Pierre. Apenas não devemos esquecer que no sábio curso da história humana, nada é definitivo. Tendência social e/ou cultural alguma se impõe para sempre. Não creio em eterno retorno (nem em calendário maia), mas acredito que, assim como uma era se define por uma tendência, em uma outra logo depois pode seguir uma direção oposta. Não esqueçamos que não apenas Walter Benjamin<sup>12</sup> (ele mesmo um suicida em desespero... por ser um judeu) lembra que “a barbárie pode sempre retornar entre nós”.

Se me perguntarem o que é “pluralismo” (dentro e fora da religião), o que são multialternativas de sentido e de projeto de vida; o que é biodiversidade, multidiversidade cultural, etc., gosto de responder dizendo que nunca soube bem o que é tudo isso. Só sei que, em direção oposta ao “admirável mundo novo”, tudo isso haverá de ser o que salvará a vida da extinção e o que salvará a humanidade da barbárie.

**IHU On-Line – O que o censo revela em relação à postura dos jovens diante da religião? Qual é a tendên-**

<sup>12</sup> Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

<sup>11</sup> Disponível em <http://migre.me/a36SG>. (Nota da IHU On-Line)

**cia religiosa a ser seguida pelas novas gerações?**

**Carlos Brandão** – Assino embaixo do que disse Pierre. Mas pergunto a vocês: “Por que é que vocês não perguntam isso aos jovens?”

**IHU On-Line – Qual a peculiaridade dos evangélicos pentecostais em relação aos evangélicos de missão? O que levou, de acordo com dados do último censo, o primeiro a crescer e o segundo a decrescer?**

**Carlos Brandão** – Para pesarmos isso é preciso alargar o olhar também. Olhar para além do mundo das religiões, e até mesmo para além do mundo mais amplo dos sistemas culturais de sentido. Da camisinha à pasta de dente, dela ao xampu, dele à enorme variedade de pizzas, de programas de entretenimento na TV, de redes sociais na internet, de alternativas de cursos universitários e outros, a todo o momento surge e ressurge o novo, o nunca visto, o “revolucionário”. E sempre novas reais ou falsas modalidades de tudo o que há para ser, pensar, viver ou comprar, estão competindo e, não raro, desbancando as alternativas anteriores.

**Sociedade do capital**

Vivemos uma sociedade mundial sequiosa de tudo o que de per-

verso nos coloniza a vida e destino em um mundo dominado pela regência do capital, da ganância, do consumismo, do lucro, da competição, da espetacularização de tudo em um máximo de momentos. Tudo o que o “negócio” propõe e que a mídia impõe a nossas mentes e aos nossos corações. E dos nossos filhos e netos, mais ainda.

Procure ver por que desaparecem das universidades particulares e mínguem entre as públicas cursos como filosofia e de pedagogia, e por que proliferam os de administração de negócios, de turismo, de hotelaria e de gastronomia. Passe por um banca de jornais e revistas e veja se algo semelhante não acontece ali também. Visite depois uma boa livraria e pergunte pelos *best-sellers* dos últimos meses. E depois procure compreender se é algo diverso ou se não é alguma coisa muito semelhante com o que se passa no mundo complexo e imprevisível da religião.

Não sei se vocês já viram um fraseado corrente entre times de futebol, e algo que se encontra até mesmo impresso em camiseta de torcedores. Em síntese, ele repete a seguinte máxima: “um homem troca de mulher, troca de país, troca de religião, troca de emprego, troca de pasta de dentes, troca de partido político (nossos políticos que

o digam); um homem troca de tudo. Só não troque a vida inteira de time de futebol”. Será mesmo?

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algo?**

**Carlos Brandão** – Apenas dois pontos também.

O primeiro – já esboçado em outros momentos – é o valor de um censo mais qualitativo alargar o campo da religião para compreender mais a fundo o que, de fato, se passa na religião.

O segundo – agora que ando a caminho da velhice e sem a mesma “sólida crença católica dos velhos tempos” – é este: creio que em nós e entre nós precisamos desmistificar um pouco a sacralidade individualizante de nossas próprias vidas religiosas.

Nós, professores e intelectuais de várias áreas, que em nossas diversas rodas de conversa somos capazes de passar longas e nem sempre fecundas horas discutindo entre nós, seja o momento político mundial ou... “futebol” (com acaloradas tertúlias a partir da confissão aberta de “pra que time eu torço”), temos uma imensa dificuldade de passar do falar da religião em geral, ou da religião dos outros (especialmente a que eu pesquiso) para “a religião (ou aquilo em que) eu creio!” Por quê?

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

## Livro da Semana

**TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Caminhos da mística*. São Paulo: Paulinas, 2012.**

# A mística e o enfrentamento radical da miséria humana

Aspecto religioso e cultural constituinte das manifestações básicas do homem, a mística não é escapismo do mundo, mas é caminho contra a “compulsão à emissão”, cujo maior remédio é o silêncio meditativo, acentua Eduardo Guerreiro B. Losso

POR MÁRCIA JUNGES

Fenômeno existencial e experiencial humano mal compreendido ao longo da história do pensamento, a mística foi abordada extensamente, mas também sofreu recalque “tanto por um investimento institucional eclesástico quanto acadêmico laico”, afirma Eduardo Guerreiro B. Losso na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo ele, a mística foi um dos assuntos mais estudados no século XIX e, mais ainda, no século XX. “Insisto que a mística, seja tradicional, seja moderna, não é escapismo, nem do mundo, nem do vazio existencial do homem moderno, muito pelo contrário”, argumenta. E completa: “Os estados bem-aventurados dos místicos não existem sem enfrentamento radical da miséria humana. Como o mundo de hoje é escapista e ligeiro por definição, a prática e a teoria da mística são fatores essenciais para uma crítica da me-

diocridade atual e apontam saídas valiosas para ela, desde que o conteúdo tradicional mesmo não deixe de passar por um processo de secularização e transformação, o que implica aceitar, a meu ver, os aspectos emancipatórios da modernidade”.

Eduardo Guerreiro Brito Losso é mestre e doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e Universität Leipzig, Alemanha, orientado por Christoph Türcke, com a tese *Teologia negativa e Theodor Adorno. A secularização da mística na arte moderna*. Na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ cursou pós-doutorado. Leciona na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ e é um dos autores de *O carnaval carioca de Mario de Andrade* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2011). Conheça seu site <http://www.eduardoguerreirolosso.com/>

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Qual é o objetivo da obra *Caminhos da mística*? Há um fio condutor que unifica os diferentes artigos publicados?**

**Eduardo Guerreiro B. Losso –** O livro divulga os trabalhos realizados

no Seminário de mística comparada, desde 2001, organizado por Faustino Teixeira, que congrega diversos pesquisadores do Brasil dedicados especialmente a esse assunto. Ele já é o terceiro publicado e comprova

a consistência, insistência e avanço constante no tratamento de questões específicas e gerais do que podemos considerar um verdadeiro movimento de teóricos da mística no Brasil. O esforço de Faustino e a constância de

todos os envolvidos no Seminário demonstra que a mística não deve ser tratada nem com o desprezo de quem não conhece sua profunda importância para o pensamento e cultura ocidental, bem como de todas as civilizações, nem relegada a um papel secundário como fator de erudição distante de nossa realidade atual. Nesse sentido, o livro é definitivo para apresentar o vigor da produção acadêmica brasileira no tratamento desse assunto “estranho e essencial”, como o definiu Michel de Certeau<sup>1</sup>, bem como para enfrentar o desafio de pensar a importância das tradições místicas e a atualidade de seu impulso transformador e de sua experiência, individual e coletiva, na contemporaneidade, dentro de um debate internacional e nacional.

O fio condutor do livro me parece estar não só numa sequência que respeita a cronologia histórica de Plotino<sup>2</sup>, mística oriental, mística

medieval, até a filosofia e poesia moderna, mas também na reincidência de temas e questões comuns: ligação entre vida contemplativa e ativa, experiência de iluminação, etapas do caminho espiritual, riqueza simbólica da poética mística, estatuto do conceito de mística na discussão de uma modernidade e pós-modernidade crítica à metafísica.

#### IHU On-Line – Como esse livro se insere dentro do contexto brasileiro e internacional sobre o debate dessa temática?

**Eduardo Guerreiro B. Losso** – O papel de obras que poderemos chamar de místicas ou movimentos e práticas que estão ligadas à temática é determinante na cultura ocidental e, mais ainda, em culturas orientais. A mística é um aspecto religioso e cultural constituinte das manifestações básicas do homem. Estudos de mística despontam já no século XIX e são surpreendentemente abundantes na antropologia, teologia, estudos literários, filosofia, sociologia e psicologia. O estudioso, hoje, tem muita dificuldade de traçar um panorama razoável, ainda que Bernard McGinn e Certeau tenham feito tentativas nesse sentido.

A questão da mística sempre teve um papel considerável ao longo do pensamento brasileiro. Alfredo Bosi<sup>3</sup> destacou o conteúdo místico jesuíta das obras poéticas de José de Anchieta<sup>4</sup> e seu contraste com os rituais tupi, onde, em suas diferen-

tes formas de arroubo, observa-se o embate de diferentes culturas que entraram em interação e formaram o Brasil. Os poetas arcádicos fundaram uma Arcádia Ultramarina, como descobriu Antonio Candido<sup>5</sup>, que assumiu a função de ligar oficialmente escritores brasileiros a uma instituição europeia e promover uma sociabilidade que, juntamente com o debate e troca de ideias, constituiu também espécie de sociedade esotérica com características peculiares. Este mesmo arcadismo produziu toda uma poética do deserto desolado, feito de “duras penhas”, que remetiam ao deserto bíblico dos profetas e dos ascetas.

#### Ânsia ao inefável e do impreciso

O romantismo, por outro lado, introduziu a mística propriamente tropical da floresta, e o simbolismo de Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens deram grande expressão a uma ânsia ao inefável e do impreciso que é emblemática de uma ascese poética solitária. No século XX, mesmo ateu como Mario de Andrade<sup>6</sup> viam nas ma-

1 **Michel de Certeau** (1925-1986): intelectual jesuíta francês. Foi ordenado na Companhia de Jesus em 1956. Em 1954 tornou-se um dos fundadores da revista *Christus*, na qual esteve envolvido durante boa parte de sua vida. Lecionou em várias universidades, entre as quais Genebra, San Diego e Paris. Escreveu diversas obras, dentre as quais *La Fable mystique: XVIème et XVIIème siècle* (Paris: Gallimard, 1982); *Histoire et psychanalyse entre science et fiction* (Paris: Gallimard, 1987); *La prise de parole. Et autres écrits politiques* (Paris: Seuil, 1994). Em português, citamos *A escrita da história* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982) e *A invenção do cotidiano* (3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998). Sobre Certeau, confira as entrevistas *Michel de Certeau ou a erotização da história*, concedida por Elisabeth Roudinesco, e *As heterologias de Michel de Certeau*, concedida por Dain Borges, ambas à edição 186 da *IHU On-Line*, de 26-06-2006, disponíveis para download em <http://bit.ly/PUWt3r>. As mesmas entrevistas podem ser conferidas na edição 14 dos Cadernos IHU em Formação, intitulado *Jesuítas. Sua identidade e sua contribuição para o mundo moderno*, disponível para download em <http://bit.ly/RDt60r>. (Nota da IHU On-Line)

2 **Plotino** (205-270): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas*. Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seletos alunos. Pretendia fundar uma cidade

chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da *República* de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da IHU On-Line)

3 **Alfredo Bosi** (1936): professor universitário, crítico e historiador de literatura brasileira. É um dos imortais da Academia Brasileira de Letras. Escreveu, entre outros, *Bras Cubas em três versões* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2006) e *História concisa da literatura brasileira* (44ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007). (Nota da IHU On-Line)

4 **Beato José de Anchieta** (1534-1597): jesuíta espanhol, um dos fundadores de São Paulo e declarado beato pelo papa João Paulo II. É chamado de Apóstolo do Brasil. Tendo o padre Manuel da Nóbrega, Provincial dos Jesuítas no Brasil, solicitado mais sacerdotes para a atividade de evangelização do Brasil, o Provincial da Ordem, Simão Rodrigues, indicou, entre outros, José de Anchieta. (Nota da IHU On-Line)

5 **Antonio Candido de Mello e Souza** (1918): escritor, ensaísta e professor universitário, um dos principais críticos literários brasileiros. É professor emérito da USP e UNESP, e doutor honoris causa da Unicamp. Foi crítico da revista *Clima* (1941-4) e dos jornais *Folha da Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Na vida política, participou de 1943 a 1945 na luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Escreveu o clássico *Parceiros do Rio Bonito* (1964). Sobre ele, conferir as entrevistas “A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar”, concedida por Flávio Aguiar à *IHU On-Line* nº 278, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, e “Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea”, concedida por Célia Pedrosa à *IHU On-Line* nº 283, de 24-11-2008, intitulada *As Ciências Sociais, hoje. Os 50 anos do curso de Ciências Sociais da Unisinos*. (Nota da IHU On-Line)

6 **Mário Raul de Moraes Andrade** (1893-1945): poeta, romancista, musicólogo, historiador, crítico de arte e fotógrafo brasileiro. Um dos fundadores do modernismo brasileiro, praticamente criou a poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro *Paulicéia Desvairada*, em 1922. Exerceu uma influência enorme na literatura moderna brasileira e, como ensaísta e estudioso (foi um pioneiro do campo da etnomusicologia) sua influência transcendeu as fronteiras do

nifestações mais ardentes da cultura brasileira, como o carnaval, a ocasião de uma experiência extática. Mário diz que havia uma mulata no carnaval do Rio que “dançava com religião”, como disse numa carta a Drummond<sup>7</sup>; a “gente chamada baixa e ignorante” continha para ele uma sabedoria de conservar “espírito religioso da vida e fazem tudo sublimemente num ritual esclarecido de religião”, marcando aí um acento na experiência coletiva e não só pessoal. Isso sem contar com a mística muito explícita dos dois maiores escritores de nosso século, Clarice Lispector<sup>8</sup> e Guimarães Rosa<sup>9</sup>, bem

como poetas como Murilo Mendes<sup>10</sup> e Jorge de Lima<sup>11</sup>, que aprofundaram as perspectivas da questão.

Embora vários pesquisadores reconheçam a importância da mística tanto no plano filosófico como na cultura brasileira, não apareceram abordagens diretas a esse respeito senão entre teólogos como Henrique

de Lima Vaz<sup>12</sup> e Leonardo Boff<sup>13</sup>. No

Brasil. Andrade foi a figura central do movimento de vanguarda de São Paulo por vinte anos. (Nota da IHU On-Line)  
**7 Carlos Drummond de Andrade** (1902-1987): poeta brasileiro, nascido em Minas Gerais. Além de poesia, produziu livros infantis, contos e crônicas. Confira a edição 232 da Revista IHU On-Line, de 20-08-2007, intitulada Carlos Drummond de Andrade: o poeta e escritor que detinha o sentimento do mundo, disponível em <http://migre.me/qR6O>. (Nota da IHU On-Line)

**8 Clarice Lispector** (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Começou a escrever logo que aprendeu a ler, na cidade de Recife. Em 1944 publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto elíptico, e fragmentário, reminescente de James Joyce e Virginia Woolf, ainda mais revolucionário. Seu romance mais famoso embora menos característico quer temática quer estilisticamente, é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas e vai morar no Rio de Janeiro, e vai morar em uma pensão, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edição 228 da IHU On-Line, de 16-07-2008, intitulada Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho, disponível para download em <http://migre.me/qQHT>. (Nota da IHU On-Line)

**9 João Guimarães Rosa** (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo

mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: *Sagarana, Corpo de baile, Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras histórias* (1962), *Tutaméia* (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título “Sertão é do tamanho do mundo”. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível para download em <http://migre.me/qQX8>. De 25 de abril a 25-05-2006 o IHU promoveu o *Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas*. Confira, ainda, a edição 275 da Revista IHU On-Line, de 29-09-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/mBZOCe>. (Nota da IHU On-Line)

**10 Murilo Mendes** (1901-1975): um dos mais importantes poetas brasileiros, nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais. Publicou seu primeiro livro, *Poemas*, em 1930, ano em que também estréia o poeta Carlos Drummond de Andrade. Recebeu, em 1972, o prêmio internacional de poesia Etna-Taormina. Nesse ano veio ao Brasil pela última vez. Ao lado de seus livros, Murilo Mendes também publicou muito na imprensa, em especial artigos sobre artes plásticas, tendo ainda escrito muitos textos para catálogos de exposições de arte. (Nota da IHU On-Line)

**11 Jorge de Lima** (1893-1953): Médico e poeta, de Lima nasceu em Alagoas. Estudou Medicina em Salvador, transferindo-se para o Rio de Janeiro, onde defendeu tese sobre os serviços de higiene na capital federal. Ainda estudante de Medicina, publicou seu primeiro livro, *XIV Alexandrinos* (1914). Após ter se formado, retornou a Maceió. Sem jamais ter abandonado a Medicina, lecionou na Escola Normal Estadual da cidade, chegando a ser diretor. Ocupou outros cargos públicos estaduais, como Diretor-Geral da Instrução Pública e Saúde e Deputado, além de manter constante seu interesse pelas artes plásticas. Em 1930, transfere-se, definitivamente, para o Rio de Janeiro, onde clinica e leciona Literatura Brasileira, nas Universidades do Brasil e do Distrito Federal. Em 1925 foi eleito vereador, ocupando, três anos mais tarde, a presidência da Câmara, no Rio de Janeiro. Em 1945, entrou em contato com o Modernismo nacionalista e, em 1935, converteu-se ao Catolicismo. (Nota da IHU On-Line)

**12 Henrique Cláudio de Lima Vaz** (1921 - 2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica. A IHU On-Line número 19, de 27-05-2002, disponível em <http://migre.me/Dto9>, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra de Lima Vaz, com o título *Sábio, humanista e cristão*. Sobre ele também pode ser consultado na IHU On-Line nº 140, de 09-05-2005, um artigo em que comenta a obra de Teilhard de Chardin, disponível em <http://migre.me/Dtoo>. A revista *Síntese*. Revista de Filosofia, n. 102, jan.-ab. 2005, p. 5-24, publica o artigo *Um Depoimento sobre o Padre Vaz*, de Paulo Eduardo Arantes, professor do Departamento de Filosofia da USP, que merece ser lido e consultado com atenção. Celebrando a memória do Padre Vaz, a edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria *Memória*, disponível para download em <http://migre.me/DtoL>. Confira, ainda, os seguintes materiais, publicados pela IHU On-Line: a Entrevista da Semana intitulada *Vaz e a filosofia da natureza*, com Armando Lopes de Oliveira, na edição 187, de 03-07-06, disponível em <http://migre.me/DtoR>; a entrevista *Vaz: intérprete de uma civilização arreligiosa*, com Marcelo Fernandes de Aquino, na edição 186, de 26-06-06, disponível em <http://migre.me/Dtp2>; os *Artigos da Semana* intitulados *O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental*, na edição 185, de 19-06-06, disponível em <http://migre.me/Dtpc>, e *Um diálogo cristão com o marxismo crítico. A contribuição de Henrique de Lima Vaz*, na edição 189, de 31-07-06, disponível em <http://migre.me/DtpD>, ambos de autoria do Prof. Dr. Juares Guimarães. Inspirada no pensamento de Lima Vaz, a IHU On-Line edição 197, de 25-09-2006 trouxe como tema de capa *A política em tempos de niilismo ético*, disponível para download em <http://migre.me/DtpM>. Nessa edição, confira especialmente as entrevistas com Juares Guimarães, intitulada *Crise de fundamentos éticos do espaço público*, e a entrevista com Marcelo Perine, *Padre Vaz e o diálogo com a modernidade*. Esse tema, em específico, foi abordado por Perine em uma conferência em 22-05-2007, no Simpósio Internacional O futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos? Na edição 186 da IHU On-Line, de 26-06-2006, o reitor da Unisinos, Prof. Dr. Marcelo Aquino, SJ, concedeu a entrevista Vaz, intérprete de uma civilização arreligiosa. Confira no link <http://migre.me/DtpU>. Leia, também, a edição especial da IHU On-Line sobre o legado filosófico vaziano: edição 374, de 26-09-2011, *Henrique Cláudio de Lima Vaz. Um sistema em resposta ao niilismo ético*, disponível em <http://bit.ly/qE7Dm8>. (Nota da IHU On-Line)

**13 Leonardo Boff** (1938-): teólogo brasileiro, autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. Boff escreveu um depoimento sobre as razões que ainda lhe motivam a ser cristão, publicado na edição especial de Natal da IHU On-Line, número 209, de 18-12-2006, disponível em <http://bit.ly/>

ramo dos estudos literários, destaco o trabalho de Suzi Frankl Sperber, especificamente com Guimarães Rosa já no final dos anos 1960 e ao longo dos anos 1970, para depois se dedicar à correlação entre literatura e sagrado em geral. Vejo nessa primeira geração uma preocupação teórica geral, no caso dos teólogos, ou como pensamento de seu traço marcante em determinadas obras literárias, fundando um primeiro olhar para os estudos brasileiros.

Penso que Faustino Teixeira, Luiz Felipe Pondé<sup>14</sup> e Maria Clara Bingemer, fundadores do Seminário, são já de uma segunda geração, que trabalha com a mística de forma mais específica e abrangente ao mesmo tempo, dedicando-se a vários autores das místicas tradicionais – escritores, filósofos e teólogos – de diferentes épocas e culturas. Eu e Marcus Reis Pinheiro, bem como os vários outros ex-orientandos dos três, somos, nesse caso, da terceira geração e esticamos ainda mais o leque das manifestações, seja, no caso do Marcus, para a antiguidade grega, seja, no meu caso, para a mística na literatura moderna.

#### **IHU On-Line – Em linhas gerais, quais são as grandes correntes de compreensão da mística desde Ploti-**

iBjvZq, e concedeu uma entrevista sobre a *Teologia da Libertação* na IHU On-Line número 214, de 02-04-2007, disponível em <http://bit.ly/kaibZx>. Na edição 238, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, concedeu a entrevista *A ecologia exterior e a ecologia interior. Francisco, uma síntese feliz*, disponível em <http://bit.ly/km44R2>. (Nota da IHU On-Line)

**14 Luiz Felipe Pondé:** filósofo brasileiro, leciona na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP e na Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, entre outras instituições. Graduado em Medicina, pela Universidade Federal da Bahia, e em Filosofia Pura, pela USP, é mestre em História da Filosofia Contemporânea e em Filosofia Contemporânea, respectivamente pela USP e pela Université de Paris VIII, França. Doutor em Filosofia Moderna pela USP e pós-doutor pela Universidade de Tel Aviv, Israel, escreveu *O homem insuficiente* (São Paulo: Edusp, 2001); *Crítica e profecia. Filosofia da religião em Dostoiévski* (São Paulo: Editora 34, 2003); *Conhecimento na desgraça. Ensaio de epistemologia pascaliana* (São Paulo: Edusp, 2004), entre outros. A entrevista mais recente que concedeu à IHU On-Line é “Perdão tem que ser graça”, na edição 388, de 09-04-2012, disponível em <http://bit.ly/HskR3E>. (Nota da IHU On-Line)

#### **no até nossos dias, nas relações com a filosofia e a poesia moderna?**

**Eduardo Guerreiro B. Losso –** Para ser breve numa pergunta tão abrangente, eu diria que a mística grega, judaica, cristã, sufi, hindu e budista são integrantes das grandes civilizações. O artigo de Carlos Frederico Barboza<sup>15</sup> sobre Attar é um exemplo de mística árabe, mas o livro dá mais ênfase na cristã, por ser a mais próxima. O xamanismo das diferentes tradições indígenas é também importante e faz parte de um lado do Brasil originário e sempre mal compreendido.

Todas essas tradições tiveram uma profunda influência na filosofia e literatura modernas, mas discernir em termos históricos e textuais como isso se deu em cada manifestação é uma tarefa complexa e exige exames específicos. Por isso é necessário, de um lado, um trabalho de imersão num objeto estranho de outra época e cultura, respeitando sua singularidade; de outro, um trabalho de mística comparada, que pense as similaridades e diferenças entre as diferentes culturas e épocas, assim como entre as tradições e a cultura moderna e, finalmente, um trabalho de teorização que encontre a função dessas análises na reformulação da história da cultura e os conceitos das ciências humanas envolvidos. É nesse último ponto que o meu artigo e o de José Carlos Michelazzo incidem.

#### **IHU On-Line – Qual é a importância da discussão acadêmica acerca da mística?**

**Eduardo Guerreiro B. Losso –** Imensa. Como é um fenômeno exis-

**15 Carlos Frederico Barboza de Souza:** doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, professor de Cultura Religiosa e Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas e coordenador do Anima PUC Minas, Sistema Avançado de Formação. Também é autor do livro *A mística do coração* (Edições Paulinas, 2010) e da coleção de Ensino Religioso Construindo a vida (Editora Fumarc). Confira as entrevistas que concedeu à IHU On-Line: *Rabi'a al-'Adawiyya e Teresa de Jesus: a busca do Amado de forma intensa e gratuita*, disponível em <http://bit.ly/ufZa1z>; *Sufismo: uma mística que busca o equilíbrio*, disponível em <http://bit.ly/dXDqVG>; *A mística de Rûmî e o ser humano autônomo contemporâneo*, disponível em <http://bit.ly/uEC61n>. (Nota da IHU On-Line)

tencial e experiencial integrante do homem, mas foi, ao longo da história do pensamento, mal compreendido e, mesmo quando foi extensamente abordado (isso ocorreu não poucas vezes), foi também curiosamente recalcado tanto por um investimento institucional eclesiástico quanto acadêmico laico. Digo com toda segurança que a mística foi um dos assuntos mais estudados no século XIX e, mais ainda, no século XX. Dos anos 1920 aos 1940 houve um verdadeiro *boom* de interesse sobre ela e, depois, a produção não parou de crescer, com várias polêmicas, rupturas e transformações. Contudo, ela continuou sendo marginal, pois quem não a conhece tende a desprezá-la e alimentar um olhar preconceituoso que podemos chamar até de rústico, pois ele confunde o apelo mercadológico da mística com a consistência de suas tradições e a consistência das pesquisas sobre elas. Então, se há preconceito rude e grosseiro entre os acadêmicos ignorantes da mística, nós, pesquisadores dela, podemos responder a eles: nós somos mais modernos e avançados do que vocês.

Há, por isso mesmo, o outro lado do problema: o apelo da mística fomenta ilusão e subterfúgios e entra no círculo consumista do mercado de autoajuda. A importância da discussão acadêmica está, antes de tudo, em formular uma crítica desse uso abusivo das tradições, que em geral não se prestam a esse tipo de deformação. Depois, para fazer jus a sua grandeza, ela pensa com propriedade questões existenciais de vasto alcance: a negatividade do niilismo, embate com a morte, melancolia, sofrimento humano; e a positividade do êxtase, estado de graça, silêncio meditativo, tranquilidade da alma, leveza, alegria. Logo, não há aqui lugar para escapismo. Os estados bem-aventurados dos místicos não existem sem enfrentamento radical da miséria humana.

Como o mundo de hoje é escapista e ligeiro por definição, a prática e a teoria da mística são fatores essenciais para uma crítica da mediocridade atual e apontam saídas valiosas para ela, desde que o conteúdo tradicional mesmo não deixe de passar por um

processo de secularização e transformação, o que implica aceitar, a meu ver, os aspectos emancipatórios da modernidade.

### IHU On-Line – Como se pode perceber a dimensão mística na poesia moderna?

**Eduardo Guerreiro B. Losso** – Baudelaire<sup>16</sup>, primeiro poeta moderno e primeiro teórico da literatura moderna, define modernidade com a reunião “do transitório, efêmero e contingente” com o “eterno e imutável”. Por isso seus esforços estavam em descrever o choque da vida parisiense e contrastar com as “correspondências” da experiência com a natureza. Logo, no despontar da poesia moderna e de sua teorização, há o desafio de imprimir na vida urbana a chispa extática. Os exercícios poéticos na vida cosmopolita darão motivos para o poeta se sentir fracassado ou, por vezes, vitorioso nesse intento. Por sua vez, místicos como Eckhart<sup>17</sup>

já diziam que na debilidade do instante está contida a eternidade divina. No meu artigo, procuro demonstrar que, quando Murilo Mendes escreve que “Cada instante assume um século”, que “Assisto crescerem os cabelos dos minutos / No instante da eternidade”, encontramos uma operação de secularização da mística tradicional na retomada do motivo da eternidade do instante. Esse motivo é tão intrínseco ao conceito de modernidade que eu termino com a constatação de que, para ser absolutamente moderno, é preciso ser minimamente místico.

### IHU On-Line – De que forma crítica e mística podem estabelecer um diálogo em nosso tempo? Qual seria a importância desse encontro?

**Eduardo Guerreiro B. Losso** – Segundo Adorno<sup>18</sup>, o mundo existente (principalmente no Brasil, acrescento, que como sexta economia do mundo continua reproduzindo o sistema mais desigual) não leva a outra sensação senão a de desespero. Para ver algo de fora dele, é necessário o ponto de vista de redenção (*Erlösung*). A base da crítica, portanto, está numa negação do existente a partir de uma experiência de algo

a mais que se situa fora dele. Para mim, essa experiência do “fora” não tem como não ser poética e, nesse caso, poesia e mística não se diferenciam. Somente a experiência mística proporciona um destaque do mundo no mundo, uma ruptura com a injustiça do sistema e a monotonia do cotidiano que serve de fundamento ontológico e prático para a esperança, que, por sua vez, move a atividade crítica.

### IHU On-Line – Por que a mística é compreendida por alguns como “fuga do mundo”? Qual é o seu verdadeiro significado e o que ela tem a desvelar para as pessoas do nosso tempo?

**Eduardo Guerreiro B. Losso** – A mística é compreendida assim porque grande parte (mas não todas) de suas manifestações tradicionais exigia a recusa da integração do homem na sociedade. No cristianismo, isso ocorreu com os ascetas do deserto e eles são um capítulo decisivo na história da mística ocidental. No livro, Faustino Teixeira e Maria Clara acentuam que pessoas como Teilhard de Chardin<sup>19</sup>, Simone Weil<sup>20</sup> ou mesmo

16 Charles-Pierre Baudelaire (1821-1867): poeta e teórico da arte francês. É considerado um dos precursores do Simbolismo e reconhecido internacionalmente como o fundador da tradição moderna em poesia, juntamente com Walt Whitman, embora tenha se relacionado com diversas escolas artísticas. Sua obra teórica também influenciou profundamente as artes plásticas do século XIX. Em 1857 lança *As flores do mal*, contendo 100 poemas. O livro é acusado de ultrajar a moral pública. (Nota da IHU On-Line)

17 Maitre Eckhart (1260-1327): nasceu em Hochheim, na Turingia. Ingressando no convento dos dominicanos de Erfurt, estudou em Estrasburgo e em Colônia. Tornou-se mestre em Teologia e ensinou em Paris. Em sua obra, está muito presente a unidade entre Deus e o homem, entre o que consideramos sobrenatural e o que achamos ser natural. É um pensamento holístico, pois. Para Eckhart Devemos reconhecer Deus em nós, mas este caminho não é fácil. O homem deve se “exercitar nas obras, que são seus frutos”, mas, ao mesmo tempo, “deve aprender a ser livre mesmo em meio às nossas obras”. Eckhart morreu em 1327. Em 27 de março de 1329, foi dado ao público a bula In agro dominico, através da qual o Papa João XXII condenou vinte e oito proposições do Mestre Eckhart. Das vinte e oito, dezessete foram consideradas heréticas e onze, escabrosas e temerárias. Entre estas, estava a de que nos transformamos em Deus. Mas esta condenação papal justifica-se, na medida que as idéias de Eckhart tinham uma dimensão revolucionária. Elas foram acolhidas pelas camadas populares e burguesas, que interpretavam o apelo eckhartiano à

interioridade da fé e à união divina como uma rebelião implícita à exterioridade “farisáica” de uma hierarquia e de um clero moralmente decadente (parece que a coisa nunca mudou muito mesmo). Sua herança influenciou, entre outros, significativamente, a Martinho Lutero. Sobre o tema místicas, conferir tema de capa do IHU On-Line, edição 133. (Nota da IHU On-Line)

18 Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. Sobre Adorno, confira a entrevista concedida pelo filósofo Bruno Pucci à edição 386 da Revista IHU On-Line, intitulada “Ser autônomo não é apenas saber dominar bem as tecnologias”, disponível para download em <http://bit.ly/GCSKj1>. A conversa foi motivada pela palestra *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais*, proferida por Pucci dentro da programação do *Ciclo Filosofias da Intersubjetividade*. (Nota da IHU On-Line)

19 Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. Sobre Chardin, confira o artigo de Carlos Heitor Cony, publicado nas *Notícias Diárias* do site do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), de 16-06-2006, *Teilhard: o fenômeno humano. O jesuíta foi precursor do que foi chamado de evolucionismo cristão*. A edição 140 da IHU On-Line, de 09-05-2005, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em <http://migre.me/11DQX>. A edição 304 da IHU On-Line, de 17-08-2009, intitulada-se *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria*, <http://migre.me/11DRm>, publicada na edição 135, de 05-05-2005 e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://migre.me/11DRU>, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://migre.me/11DRM>. (Nota da IHU On-Line)

20 Simone Weil (1909-1943): filósofa cristã francesa. Centrou seus pensamentos sobre um aspecto que preocupa a sociedade até

um trapista como Thomas Merton<sup>21</sup> foram místicos do século XX completamente envolvidos com questões políticas e sociais, incorporando a dinâmica das questões modernas em seu itinerário espiritual. Insisto que a mística, seja tradicional, seja moderna, não é escapismo, nem do mundo, nem do vazio existencial do homem moderno, muito pelo contrário.

Contudo, estamos num momento histórico em que há uma convocação ininterrupta de interação virtual, de modo que os jovens estão cada vez comunicando-se superficialmente, vendo TV, postando no Facebook, multiplicando diversas atividades ao mesmo tempo. Por isso é comum um déficit de atenção generalizado, como assinala o grande filósofo da contemporaneidade, com quem fiz várias entrevistas e organizei conferências em suas passagens pelo Brasil, Christoph Türcke<sup>22</sup>. Acho que a mensagem da mística

mais ascética de necessidade de recolhimento e silêncio contém, hoje, um potencial “redentor” inesperado. No livro *Sociedade excitada* (Campinas: Unicamp, 2010), Türcke afirma que, sem uma certa capacidade ascética, o sujeito hoje não será capaz de ter experiências próprias e não será mais do que juguete das novas tecnologias. Contra o vício de ser bombardeado por imagens e bombardear os outros, contra essa “compulsão à emissão”, não pode haver outro remédio senão o silêncio meditativo. Minha pesquisa tem sido de retomar o potencial emancipatório não só da mística, mas também das mensagens na garrafa esquecidas dos textos dos ascetas do deserto, que passaram a ter um significado precioso para nós hoje.

Portanto, do meu ponto de vista, mesmo a mística mais misantrópica tem muito a nos dizer. Artigos como o de Sibelius Cefas sobre Thomas Merton, Adriana Andrade sobre Eckhart, Marcus Reis sobre Plotino, Maria do Amaral sobre Mechthild von Magdeburg e de Ceci Mariani sobre Marguerite Porete<sup>23</sup> são, neste ponto, instrutivos.

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Eduardo Guerreiro B. Losso –** Acrescento que, nessa linha de uma mística da literatura e da cultura moderna, o trabalho de Erick Felinto<sup>24</sup> tem sido muito significativo,

---

os dias de hoje: o tormento da injustiça. Vítima da tuberculose, recusou-se a se alimentar, para compartilhar o sofrimento de seus irmãos franceses que haviam permanecido na França e viviam os dissabores da Segunda Guerra Mundial. Sobre Weil, confira as edições 84, de 17-11-2003, *Simone Weil Palavra Viva*, disponível em <http://bit.ly/tZSCDr>; 168, de 12-12-2005, *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, disponível em <http://bit.ly/v0aMxT>; 313, de 03-11-2009, *Filosofia, mística e espiritualidade. Simone Weil, cem anos*, disponível em <http://bit.ly/w374lt>. (Nota da IHU On-Line)

21 **Thomas Merton** (1915-1968): monge católico cisterciense trapista, pioneiro no ecumenismo no diálogo com o budismo e tradições do Oriente. O livro Merton na intimidade - Sua Vida em Seus Diários (Rio de Janeiro: Físis, 2001), é uma seleção extraída dos vários volumes do diário de Thomas Merton, autor de livros famosos como *A Montanha dos Sete Patamares* (São Paulo: Itatiaia, 1998) e *Novas sementes de contemplação* (Rio de Janeiro: Físis, 1999). O livro foi editado por Patrick Hart, também monge e colaborador de Merton. Na matéria de capa da edição 133 da *IHU On-Line*, de 21-03-2005, publicamos um artigo de Ernesto Cardenal, discípulo de Merton, que fala sobre sua relação com o monge. (Nota da IHU On-Line)

22 **Christoph Türcke**: filósofo alemão, professor de filosofia na Hochschule für Grafik und Buchkunst em Leipzig. Dentre suas principais publicações, destacamos: *Der tolle Mensch. Nietzsche und der Wahnsinn der Vernunft* (4a ed., 2000), livro que foi traduzido para a língua portuguesa com o seguinte título: *O louco: Nietzsche e a mania da razão* (Rio de Janeiro: Vozes, 1993); *Sexus und Geist: Philosophie im Geschlechterkampf* (3a

---

ed., 2001); e *Rückblick aufs Kommende: Atlanten der neuen Weltordnung*. (Nota da IHU On-Line)

23 **Marguerite Porete**: mística francesa, queimada pela Inquisição em Paris, em 1310, após se recusar a retirar seu livro de circulação. (Nota da IHU On-Line)

24 **Erick Felinto de Oliveira**: doutor em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ/UCLA e tem pós-doutorado em Comunicação pela Universität der Künste, Berlim. É pesquisador do CNPq e professor adjunto na UERJ, instituição em que realiza pesquisas sobre cinema e cibercultura. É autor dos livros *A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura* (Porto Alegre: Sulina, 2005); *Avatar: o futuro do cinema e a ecologia das imagens digitais* (com Ivana Bentes. Porto Alegre: Sulina, 2010); e *A imagem espectral: cinema e fantasmagoria tecnológica* (São Paulo, Ateliê Editorial, 2008). Ainda este ano lançará pela editora Paulus, em parceria com a professora Lucia Santaella, o livro *Explorador de abismos - Vilém*

especialmente seu livro *Silêncio de Deus, silêncio dos homens* e seus trabalhos mais recentes sobre religião e cibercultura. Cito o grupo de estudos de mística Apophatiké, do Rio de Janeiro, cujos membros são Marcus Reis, Marcia Clara Binguemer, Edson Fernando de Almeida, Cleide Maria Canchumani, eu, entre outros. A interessante tese de Jimmy Sudário Cabral sobre o trágico em Dostoiévski<sup>25</sup> é fruto das discussões do grupo e digna de ser mencionada.

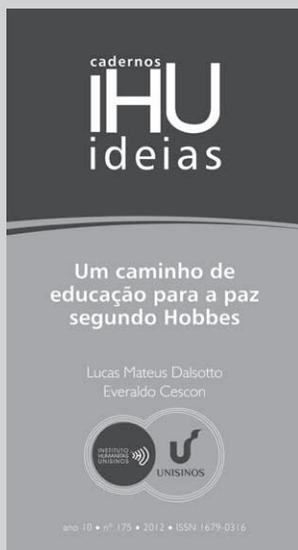
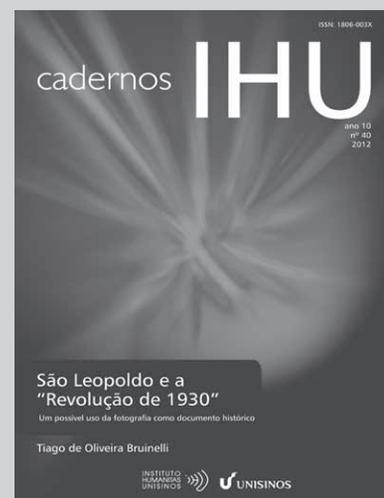
Leia as  
entrevistas  
do dia no  
sítio do IHU:  
[www.ihu.  
unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

---

*Flusser e o pós-humanismo*. Concedeu as seguintes entrevistas à IHU On-Line: *Um teórico barroco?*, disponível em <http://bit.ly/SJYrjc>; *A era da memória total e do esquecimento contínuo*, disponível em <http://bit.ly/mGxCcU>; *Um futuro complexo, híbrido, incerto e heterogêneo*, disponível em <http://bit.ly/orp7tJ>. (Nota da IHU On-Line)

25 **Fiódor Mikhailovich Dostoiévski** (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. A esse autor a IHU On-Line edição 195, de 11-9-2006, dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*, disponível em <http://bit.ly/g98im2>. Confira, também, as seguintes entrevistas sobre o autor russo: *Dostoiévski e Tolstoi: exacerbação e estranhamento*, com Aurora Bernardini, na edição 384, de 12-12-2011, disponível em <http://bit.ly/upBvgN>; *Polifonia atual: 130 anos de Os Irmãos Karamázov, de Dostoiévski*, entrevista com Chico Lopes, edição nº 288, de 06-04-2009, disponível em <http://bit.ly/sSjCfy>; *Dostoiévski chorou com Hegel*, entrevista com Lázló Földényi, edição nº 226, de 02-07-2007, disponível em <http://bit.ly/uhTy9x>. (Nota da IHU On-Line)

# CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR



# COLUNA DO CEPOS

## O saldo da transmissão olímpica é de mais brigas para o futuro

*Record gastou uma grande chance de mudar o oligopólio midiático com as Olimpíadas de Londres*

POR ANDERSON DAVID GOMES DOS SANTOS\*

Quando a Rede Record de Televisão anunciou em 2007 que adquiriu os direitos de transmissão na TV aberta das competições olímpicas até 2014, imaginava-se que os Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, marcariam a mudança de um paradigma no oligopólio midiático nacional, com uma aproximação maior em termos de audiência com a Rede Globo. Ledo engano.

A emissora da Barra Funda surpreendeu e foi surpreendida com a transmissão dos Jogos Olímpicos de Inverno 2010, em Vancouver. Praticamente sem tradição de acompanhamento deste evento num país quase sem neve, a Record conseguiu bons resultados de audiência. Porém, como não havia “experiência” anterior, não havia também barreiras tecnoestéticas a serem enfrentadas.

No ano seguinte, houve os Jogos Pan-Americanos de Guadalajara, evento que o público brasileiro não só estava mais acostumado como também o viu em uma de suas

idades a edição anterior, o Rio de Janeiro. A transmissão da Record foi alvo de várias críticas. De um lado, as barreiras de produção de eventos esportivos, quase todos eles sob comando da líder. Por outro, a repetição do que se mais criticava na adversária, a opção por manter programas como “Melhor do Brasil” (sábado) e “Programa do Gugu” (domingo) em detrimento de mostrar ao vivo as competições.

Do final de 2011 até o dia 27 de julho de 2012, quando foi aberta oficialmente a 30ª edição dos Jogos Olímpicos de Verão, em Londres, a própria situação do mercado era outra. Em vez do crescimento dos cinco anos anteriores, período que marca a tentativa de disputa mais forte contra a Globo, uma queda constante, a ponto de o SBT retomar a vice-liderança na média diária de audiência.

A emissora de Silvio Santos passou a mudar a sua grade de programação com

\* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos (bolsista Capes RH-TVD) e membro do Grupo de Pesquisa Cepos (apoiado pela Ford Foundation). E-mail: <anderson.santos@gmail.com>.

uma frequência bem menor do que nos anos anteriores e, além disso, conta com fenômenos atemporais de audiência, casos do seriado Chaves, das telenovelas mexicanas e do Programa Silvio Santos. Porém, este novo grande momento parece ser oriundo do sucesso do *remake* nacional da novela infantil Carrossel.

A “crise de identidade” passou para os lados da Record, que vive mudando seus horários, com problemas em programas como “Hoje em Dia” e no horário nobre, em que o seu *remake* de um sucesso mexicano, Rebelde, não vem dando certo.

Com esse novo contexto, a emissora emitiu um comunicado cauteloso ao público e aos anunciantes antes dos Jogos Olímpicos de Londres. A “Carta Olímpica Record” tranquilizava os seus parceiros, afirmando que suas marcas seriam exibidas, e também o público, que iria ver os principais momentos ao vivo, mesmo que os horários das atrações rotineiras fossem ajustados. O evento serviria mais para conseguir um novo fôlego, inclusive para retomar a vice-liderança, do que para concorrer pelo primeiro posto.

A transmissão foi melhor do que no Pan-Americano, com gafes aqui e acolá, mas sempre a enfrentar a memória de um público acostumado às transmissões esportivas da Rede Glo-

bo – que deixava de transmitir uma Olimpíada após 40 anos –, e a concorrência da SporTV na televisão fechada, com direito ao empréstimo de Galvão Bueno ao canal.

Ainda assim, a Record conseguiu alguns momentos de liderança, com destaque para o dia 11 de agosto, penúltimo dia da Olimpíada, em que ficou na primeira posição por mais tempo em sua história, das 7h às 18h18. Era dia de finais: do futebol masculino, em que teve audiência de 17 pontos, com picos de 20, quase o triplo de audiência da Globo; do vôlei feminino, com 12 pontos; e da categoria até 75 kg do boxe masculino, quando perdeu por uma diferença pequena, 12 a 11.

Ainda assim, muito pouco para quem vem gerando uma inflação nos valores dos direitos de transmissão esportivos. Só para o caso das Olimpíadas, se para 2008 a Globo gastou 15 milhões de dólares, para 2012 a Record pagou quatro vezes mais. Como os próximos jogos de verão serão no Brasil, Globo, Record e Bandeirantes dividirão a transmissão, tendo pago, em conjunto, 200 milhões de dólares.

Nesta briga entre Globo e Record, alguns outros grupos empresariais acabaram tendo vantagens. Além do SBT na TV aberta, um grupo transnacional também vem crescendo. O portal Terra (Telefonica) transmitiu com

bom sucesso, para uma experiência na internet, os Jogos Olímpicos de Inverno e de Verão mais recentes e o Pan-Americano de Guadalajara, apresentando-se como uma alternativa à TV, mantendo a gratuidade e com novas possibilidades de recepção.

Enquanto isso, já se desenha uma nova disputa. Para as Olimpíadas de 2020, o valor inicial pedido pelo Comitê Olímpico Internacional seria de 250 milhões de dólares. Para se ter ideia, o Clube dos 13 propôs um valor próximo a isso por uma temporada do Campeonato Brasileiro de Futebol, que dura sete meses.

Vale a pena seguir acompanhando os passos dessa briga, principalmente porque as barreiras político-institucionais não contam, e sim quem pode pagar mais. Ao contrário do futebol em que, por exemplo, a Rede Globo adquiriu os direitos de transmissão das edições 2018 e 2022 da Copa do Mundo de Futebol de forma automática. Além disso, é tempo mais que suficiente para que as empresas que produzem audiovisual na internet e que possuem o aporte financeiro de grandes grupos transnacionais, caso do Terra, adquiram mais experiência nesse tipo de transmissão e incomodem ainda mais a TV aberta já a curto prazo.



# Destaques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela **IHU On-Line** no período de 28-08-2012 a 03-09-2012, disponíveis nas **Entrevistas do Dia** do sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

## Flexibilização das unidades de conservação: um risco ambiental e social

Entrevista especial com Adalberto Veríssimo, agrônomo, pesquisador sênior e cofundador do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia – Imazon

Confira nas Notícias do Dia de 28-08-2012

Acesse no link <http://bit.ly/NTH7fh>

“O governo tem dado sinais dúbios do que quer fazer com as unidades de conservação da região amazônica em relação aos limites originários. Esse é o principal fator que tem contribuído para o aumento no desmatamento na região da BR-163”, informa.

## O Leviathan brasileiro e o espetáculo de playground do governo

Entrevista especial com Reinaldo Gonçalves, economista, professor na UFRJ

Confira nas Notícias do Dia de 29-08-2012

Acesse no link <http://bit.ly/NwAQGg>

O pacote de concessões anunciado pela presidente Dilma é uma forma de privatização que expressa a combinação de três fatores: “o fracasso do Estado brasileiro; a evolução do modelo liberal periférico; e o desenvolvimento às avessas”.

## Reforma do Código Penal: “Há vícios de origem”

Entrevista especial com Jacinto Coutinho (advogado, professor da UFPR) e Edward Rocha de Carvalho (advogado, membro da Comissão da Advocacia Criminal da OAB/PR)

Confira nas Notícias do Dia de 30-08-2012

Acesse no link <http://bit.ly/OLigqN>

Anteprojeto de reforma do Código Penal adota “infelizmente o critério da máxima punição, respondendo aos anseios de um Direito penal punitivo expansivo”, apontam.

## Redução de APPs compromete rios e biomas brasileiros

Entrevista especial com Elvio Sérgio Medeiros, biólogo, professor na Universidade Estadual da Paraíba

Confira nas Notícias do Dia de 31-08-2012

Acesse no link <http://bit.ly/Rtf5IU>

“As mudanças aprovadas no novo Código Florestal atacam dois dos biomas brasileiros mais degradados pelo homem: a Caatinga e o Cerrado”, aponta.

## A desindustrialização precoce: Brasil perdeu o bonde do desenvolvimento?

Entrevista especial com André Nassif, economista, professor na Universidade Federal Fluminense

Confira nas Notícias do Dia de 03-09-2012

Acesse no link <http://bit.ly/Rtf5IU>

“Quando a China já não for uma demandante relativamente alta de commodities, se nada for feito para reverter a situação do Brasil, o país irá se deparar com um déficit em conta corrente que não irá ser sustentável no longo prazo e será dependente do financiamento de capital externo”, alerta.

**Tema  
de  
Capa**

**Destques  
da Semana**

**IHU em  
Revista**

# Agenda da Semana

Eventos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
programados para a semana de 03-09-2012 a 10-09-2012

**Tema: Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade**

**Palestrante:** Prof. MS Gustavo Oliveira de Lima Pereira - Fundação Meridional – IMED

**Evento:** IHU ideias

**Data:** 06-09-2012

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e companheiros – IHU

**Horário:** Das 17h30min às 19h

**Mais informações:** <http://bit.ly/Pg66Yz>

## Evento: IHU ideias

**Data:** 06-09-2012

**Palestra:** Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade

**Palestrantes:** Prof. MS Gustavo Oliveira de Lima Pereira - Fundação Meridional - IMED

**Horário:** 17h30min às 19h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

**Mais informações:** <http://migre.me/asQuU>

## Entrevista de Eventos

# Apátridas e refugiados. Os direitos humanos a partir da ética da alteridade

Como podemos suportar que os direitos humanos estejam sustentados a partir da ideia de nacionalidade, questiona Gustavo Oliveira de Lima Pereira. Filosofia de Lévinas precisa de uma outra compreensão

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

“O apátrida e o refugiado não são bem vindos, pois abalam a zona de conforto da racionalidade solitária que tão somente interage com seus iguais. A ideia da recepção da alteridade se dá na possibilidade de transformar o trauma da diferença em encontro ético”. A reflexão é de Gustavo Pereira, na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. E acrescenta: “A absoluta diferença cultural do apátrida ou refugiado, na sua condição de estrangeiro que pede acolhimento, é apreendida pelo olhar indiferente e violento da racionalidade totalizante”. Ele questiona se a ideia de “tolerância” seria “o ponto máximo de sustentação filosófica para dar conta da crise de sentido em que vivemos na ordem política contemporânea?”, e conclui que não. “A ideia de tolerância é insuportável para a ideia de hospitalidade - para a lei da hospitalidade - para a ética da alteridade”. E conclui: “Alteridade não é “colocar-se no lugar do outro” como muitas vezes é compreendido. É exatamente o oposto. A total impossibilidade de reduzir o outro ao poder conceituante do mesmo”. Os direitos humanos deveriam promover uma

crítica de si mesmos, e a alternativa estaria “no desenvolvimento de uma racionalidade apátrida, uma racionalidade para além da ideia de cidadania, para bem além da ideia de cidadão do mundo, pois essa ideia ainda está contaminada pela noção de soberania”.

Gustavo Oliveira de Lima Pereira estará no IHU nesta quinta-feira, 06-09-2012, falando sobre o tema desta entrevista, no IHU Ideias. A atividade inicia às 17h30min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros e vai até as 19h. A entrada é franca. Graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, é mestre em Direito pela Unisinos com a dissertação *Hospitalidade e reconhecimento da diferença na transnacionalização dos Direitos Humanos. A crise da Alteridade na questão dos apátridas e refugiados* e doutorando na PUCRS com a tese *Da Tolerância à Hospitalidade na Democracia por vir. Um ensaio a partir do pensamento de Jacques Derrida*. Leciona na Fundação Meridional – IMED e é autor de *A pátria dos sem pátria: direitos humanos & alteridade* (Porto Alegre: Editora Uniritter, 2011).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como você define e caracteriza os apátridas e os refugiados? Quem são essas pessoas em nossa sociedade? Ou como a sociedade as percebe e as enxerga?**

**Gustavo Pereira** - No plano do direito internacional dos direitos humanos, há uma diferenciação entre a figura do apátrida e do refugiado. Apátridas são pessoas consideradas

sem pátria. Essa circunstância existencial repercute de inúmeras formas na vida do ser humano desprovido de nacionalidade. Dificuldades de acesso à saúde pública, impossibilidades imi-

gratórias e exclusão de determinados atos da vida civil. O fenômeno da apátrida ocorre ou em virtude da política interna de países que retiram a cidadania de determinados seres humanos por critérios discricionários (como foi o caso ocorrido na Segunda Guerra Mundial, onde o primeiro ato dos nazistas contra os judeus foi o de retirar a cidadania alemã destes) ou pelos critérios de distribuição da nacionalidade de cada país. Os critérios são ou do solo ou do sangue. Em países que só admitem cidadania de filhos de seus nacionais, a territorialidade não confere nacionalidade. Por exemplo: se um casal de brasileiros gerar filho na Suécia, a criança não contemplará nacionalidade sueca, em virtude do critério estabelecido neste país ser o critério do sangue. Quando um casal oriundo de país que adota o específico critério do solo para conferir nacionalidade a seus nacionais gera filho em país que adota o critério específico do sangue, surge a figura do apátrida, onde a criança não é contemplada por nenhum critério de nacionalidade. O Brasil adota ambos os sistemas de contemplação da nacionalidade.

Já o refugiado, segundo a Convenção dos Refugiados de 1951, é o nacional de um país que precisa fugir de seu Estado-nação e buscar proteção internacional em outro território soberano em virtude de bem fundado temor de perseguição por motivos de cor, religião, nacionalidade, pertencimento a algum grupo social ou opinião política. Há diferenças entre as circunstâncias, mas sob o ponto de vista prático, segundo Hannah Arendt<sup>1</sup>, em inúmeras situações o proble-

ma concreto vivenciado por apátridas e refugiados torna a diferenciação embaraçada e desnecessária.

### **IHU On-Line - De que modo a crise de sentido que atravessa as relações humanas na modernidade recente aparece no problema dos apátridas e refugiados de guerra?**

**Gustavo Pereira** - Penso que a crise de sentido que atravessa a racionalidade ocidental, amparado pelo pensamento do filósofo Emmanuel Levinas<sup>2</sup>, é ancestral. A racionalidade ocidental, desde a sua gênese, é repercutida pela vontade violenta de exorcizar a realidade e retirar dela castelos conceituais bem organizados, como afirma o filósofo Ricardo Timm de Souza<sup>3</sup>.

*Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, disponível para download em <http://bit.ly/qMjoc9> e a edição 206, de 27-11-2006, intitulada *O mundo moderno é o mundo sem política*. Hannah Arendt 1906-1975, disponível para download em <http://bit.ly/rt6KMG>. Nas *Notícias Diárias* de 01-12-2006 você confere a entrevista *Um pensamento e uma presença provocativos*, concedida com exclusividade por Michelle-Írène Brudny em 01-12-2006, disponível para download em <http://bit.ly/oOpntA>. (Nota da IHU On-Line)

**2 Emmanuel Lévinas (1906-1995):** filósofo lituano, nascido na cidade de Kaunas (ou Kovno), de descendência judaica e naturalizado francês, bastante influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl, de quem foi tradutor, assim como pelas obras de Martin Heidegger. Seu pensamento parte da idéia de que a ética, e não a ontologia, é a Filosofia primeira. É no face-a-face humano que se irrompe todo sentido. Diante do rosto do Outro, o sujeito se descobre responsável e lhe vem à idéia o Infinito. Sobre Lévinas, confira a entrevista concedida em 30-08-2007, por Rafael Haddock-Lobo, com exclusividade ao site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, intitulada **Lévinas: justiça à sua filosofia e a relação com Heidegger, Husserl e Derrida**. Leia, também, a edição 277 da revista IHU On-Line, de 13-10-2008, intitulada **Lévinas e a majestade do Outro**. (Nota da IHU On-Line)

**3 Ricardo Timm de Souza:** graduado em Instrumentos, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e em Estudos Sociais e Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Também cursou o mestrado em Filosofia, pela mesma universidade, e doutorado em Filosofia, pela Universität Freiburg (Albert-Ludwigs) com a tese *Wenn das Unendliche in die Welt des Subjekts und der Geschichte einfällt - Ein metaphänomenologischer Versuch über das ethische Unendliche bei Emmanuel Lévinas*. Escreveu inúmeros livros, entre

Esta característica marcante da racionalidade ocidental deságua no âmbito das relações humanas. A sedução pela vontade conceituante sugere que o rosto de outrem seja também passível de uma conceituação tranquila daquele que o observa. Uma apreensão daquele que observa a partir de si. Com os seus anseios, as suas projeções, a sua cultura, sem levar em conta que a figura conceitual deste outro, realizada pelo intelecto do mesmo, é apenas uma representação deste outro, e não a sua expressão plena.

A absoluta diferença cultural do apátrida ou refugiado, na sua condição de estrangeiro que pede acolhimento, é apreendida pelo olhar indiferente e violento da racionalidade totalizante. Um dos desafios do pensamento contemporâneo é o de abalar essa dimensão apropriativa no encontro com a diferença.

### **IHU On-Line - Como as políticas públicas na área de direitos humanos contemplam os apátridas e os refugiados?**

**Gustavo Pereira** - O órgão da ONU responsável pela proteção internacional dos refugiados e apátridas é o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados - ACNUR. É um importante órgão que atua no âmbito da proteção internacional dos direitos humanos desde os anos 1950. A contemplação da proteção já passou por inúmeros aperfeiçoamentos, ampliando a proteção também para deslocados internos. As principais medidas humanitárias em defesa dos direitos dos apátridas e refugiados estão no plano da: 1) integração local; 2) reparação voluntária; 3) reassentamento.

*eles, Sujeito, Ética e História - Lévinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999), *A condição humana no pensamento filosófico contemporâneo* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004) e *Em torno à diferença - Aventuras da alteridade na complexidade da cultura contemporânea* (Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007). É também um dos organizadores de *Alteridade e Ética - Obra comemorativa dos 100 anos do nascimento de Emmanuel Lévinas* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008). Confira a entrevista mais recente que concedeu à IHU On-Line: *Rosenzweig e uma nova compreensão da ideia de sujeito*, disponível em <http://bit.ly/GCaglu>. (Nota da IHU On-Line)

**1 Hannah Arendt (1906-1975):** filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal* (Lisboa: Tenacitas, 2004) e *O Sistema Totalitário* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978). Sobre Arendt, confira as edições 168 da IHU On-Line, de 12-12-2005, sob o título

A integração local diz respeito à tentativa de proporcionar mecanismos para que o refugiado se adapte a sociedade na qual requer o refúgio, contando com a atuação de institutos governamentais e não-governamentais para a sua concretização. A repatriação voluntária consiste no regresso do refugiado ao seu país de origem, após o término das circunstâncias que o obrigaram a requerer o refúgio. Já o reassentamento deve ser entendido como a situação na qual o refugiado não conseguiu ou não pôde permanecer no Estado que reconheceu seu *status* de refugiado, por não conseguir se adaptar aos costumes do país ou outras conjunturas que tornam arriscado sua permanência nele.

O ACNUR é amparado com financiamento originário de doações de inúmeros países do mundo e ainda conta a ajuda humanitária das Cáritas Arquidiocesanas, que são organizações humanitárias desenvolvidas pela Igreja Católica para atender pessoas com problemas que envolvam direitos humanos.

Apesar de todo o esforço da ONU, existem atualmente cerca de 12 milhões de apátridas espalhados pelo mundo. O ACNUR presta assistência humanitária a 34 milhões de refugiados, apátridas e deslocados internos no mundo, mas o número de refugiados não contemplados pela proteção internacional é ainda extremamente elevado, segundo dados do próprio Alto Comissariado. Os números não são precisos exatamente pelos países muitas vezes não divulgarem dados sobre suas políticas de imigração, bem como pelo fato de que todo conflito internacional envolvendo violência gera um fluxo constante e ininterrupto de refugiados e deslocados internos.

### **IHU On-Line - Qual a importância do conceito de alteridade e do reconhecimento da diferença para se discutir a problemática dos os apátridas e refugiados?**

**Gustavo Pereira** - A alteridade não é propriamente um conceito, não é uma teoria, não é um método, ou um novo imperativo. Em uma tentativa tímida de torná-la assimilável, tento expressá-la como a mera reconstrução de uma forma de olhar avessa ao poder sedutor das representações, como

falava anteriormente. É o espaço da sensibilidade e a rendição a uma responsabilidade perante um rosto que interpela. A transformação da liberdade solitária em liberdade investida. É presenciar o trauma da diferença e quebrar o espelho da própria auto-reflexividade. "Alteridade" remete a ideia de "alter": "outro", ou seja, condição do outro em relação a mim. Não existe possibilidade de se determinar o que o outro é como tal, ou seja, não posso explicá-lo, e sim apenas relacionar-me com ele. Algo, de algum modo, tão fácil de se pensar, porém dificultoso de se por em prática.

Tentando expressar em outras palavras: eu apenas apreendo do outro a sua representação e não a sua plenitude, apesar dos anseios da racionalidade de determinar o indeterminável. Há uma absoluta separação entre eu e o Outro, e pensar esta exterioridade absoluta; - esta separação absoluta; é o que possibilita o encontro, por mais paradoxal que essa ideia possa parecer. Pois ao perceber-me como absolutamente diferente e infinitamente distante, reduzo esta distância infinita e permito a relativização de meu arcabouço de verdades pré-estabelecidas. Percebo-me como estranho e esquisito, algo que antes era tributado ao Outro. Sou capaz de me relacionar com uma cultura diferente, algo que antes soava-me ameaçador.

No que toca a questão dos apátridas e refugiados, o reforço da identidade e do patriotismo desenvolvido pelo ideal de Estado-nação na modernidade, gera empecilhos para o contato entre diferentes culturas, para o acolhimento entre diferentes horizontes de sentido de realidade. Pois essa diferença originária foge da possibilidade da conceituação. É traumática, usando uma terminologia levinasiana. Assim, o apátrida e o refugiado não são bem vindos, pois abalam a zona de conforto da racionalidade solitária que tão somente interage com seus iguais. A ideia da recepção da alteridade se dá na possibilidade de transformar o trauma da diferença em encontro ético.

### **IHU On-Line - Em que sentido o individualismo humano atual e a falta de tolerância entre as pessoas se tor-**

### **na um empecilho ao ideal de hospitalidade cosmopolita?**

**Gustavo Pereira** - Penso que, na modernidade recente, o problema se agrava muito também em virtude de estar a cultura ocidental, de uma maneira geral, mergulhada nos templos do hiperconsumo, onde os espaços para se repensar a ideia de liberdade e de responsabilidade pelo outro perdem espaço em nome do anseio pelo hiperdesempenho. Talvez esta seja uma das características mais marcantes do legado devastador do individualismo ocidental. Mas não gostaria de aprofundar aqui essa questão do individualismo. Pensar, ainda que brevemente, o contraste entre a ideia de tolerância e hospitalidade será mais produtivo nessas curtas linhas.

A concepção de acordo, de "tolerância"; de tolerar o outro, de estabelecer um contrato de boa convivência com o outro, significa sem dúvida uma conquista da humanidade, pois compreende um novo aspecto de relação, a partir de uma ideia de reciprocidade. Mas este é o exato ponto que nos permite refletir. Será a ideia de "tolerância" o ponto máximo de sustentação filosófica para dar conta da crise de sentido em que vivemos na ordem política contemporânea? Penso que não. Como ponto de partida, compreendo que o desenvolvimento da ideia de "tolerância", primordialmente construído nas disposições filosóficas que questionavam os antagonismos e inquietações religiosas da modernidade, deteve uma importante influência sobre as perspectivas de liberdade de credo e, posteriormente, foi e *ainda vem sendo* utilizada como ideia de ordem e a resposta principal para os entraves culturais que envolvem os conflitos políticos atuais. Com isso, podemos afirmar que, através do desenvolvimento da ideia de tolerância, os dias atuais recebem um certo patamar de liberdade de expressão, na maioria dos casos impensável por outros momentos da história ocidental. No entanto, por mais que a concepção de "tolerância" seja uma significativa conquista ocidental, isto não significa que ela se constitua em produto racional de tal forma acabado que não se ponha a *desconstrução*, pois ainda permanece o desejo por um funda-

mento para além do sonho relacional-contratual, originário do Iluminismo.

### Tolerância como panaceia

A construção filosófica iluminista da ideia de “tolerância” é atualmente o conceito-limite no plano da teoria política ocidental. A ideia de tolerância não pode ser vista como a panaceia ou o fundamento decisivo para o prisma de violência, luta e guerra, que ainda se insurge no mundo. Como nos alerta Ricardo Timm de Souza, só toleramos aquilo que, em sede inicial, não toleraríamos. Assim, *quando tolero ainda tenho a última palavra e decido se sou clemente com a diferença que me traz desconforto*. Sou um juiz no tribunal da relação. Ao tolerar o outro, assumo um patamar de hierarquia. Ainda sou senhor da razão e modelo o outro à minha orientação cognitiva. Impeço-o daquilo que primordialmente configura a possibilidade do Encontro: impeço-o de ser outro. Em outras palavras: *a ideia de tolerância é insuportável para a ideia de hospitalidade* - para a lei da hospitalidade - para a ética da alteridade.

Derrida traduz a lei da hospitalidade como uma lei incondicional e ilimitada, como o oferecimento do lar a quem chega de fora, ao estrangeiro da subjetividade. Mais que isso; a lei da hospitalidade oferece a si própria, o seu próprio si, sem pedir a ele nem seu nome, nem contrapartida, nem preencher qualquer condição. A lei da hospitalidade está em contraponto às leis da hospitalidade, que se dirigem a direitos e deveres sempre condicionados e condicionais, como tratam os Tratados e Convenções Internacionais.

### Cosmopolitismo reinventado

Já a lei da hospitalidade se concentra em pensar o político para além do político, a partir de uma nova internacionalidade; a partir de um cosmopolitismo reinventado. Um cosmopolitismo para além do cosmopolitismo político pensado pelo ideário iluminista, pois este cosmopolitismo está condicionando pela soberania do Estado. Está estruturado pelos limites jurídico-políticos. E este cosmopolitismo jurídico, guiado pelas leis da hospitalidade condicional, revelou-se e revela-se incapaz de responder às inúmeras

situações de violência pelas quais se submetem os apátridas e refugiados.

Dito sem rodeios: é do ininterupto e disseminador dizer da lei da hospitalidade incondicional, de sua prática imperfeita, de seu desejo sempre a desejar, de uma economia da violência - que germinará uma maior abrangência e sensibilidade às leis da hospitalidade. *É pelo além do jurídico e para além do político que tateia a promessa da democracia por vir. O porvir da democracia por vir.*

É no perpétuo e inacabável desenvolvimento de uma hospitalidade sem dogmas, sem lei, sem requisitar do outro nem ao menos seu nome, - uma relação desprocedimentalizada e desformalizada - é que será possível a ampliação dos níveis de reconhecimento da singularidade, no âmbito procedimental e formal. Em outras palavras: a ampliação do sentimento de cosmopolitismo é insuficiente pela via dos Tratados internacionais, das constituições, da tolerância entre os povos ou de espaços de fala consensuais.

O reconhecimento da lei sem lei poderá respingar nas leis. Para evitar mal-entendidos, deixo claro aqui que a democracia por vir, pensada por Derrida, não significa fazer terra arrasada com o modelo de democracia liberal em que vivemos. Mas significa sim ousar discordar, desconstruir e assombrar esse modelo. Tal assombração só é possível em um espaço mínimo de democracia. Só há desconstrução onde há democracia. Só há espaço para o questionamento incondicional e a reivindicação pelo por vir de uma “democracia real” na imperfeição das democracias de aqui e agora.

**IHU On-Line - Em que medida a alteridade pode ser apontada como filosofia alternativa à crise de sentido que envolve a razão instrumental? Nesse sentido, qual o papel do direito, enquanto regulador social?**

**Gustavo Pereira** - Atualmente, o tema da “alteridade” e do respeito ao outro vem sendo banalizado; tanto por uma leitura apreçada e adocada do reconhecido “filósofo do outro” Emmanuel Levinas, quanto pelas simplificações que a ética da alteridade vem sofrendo já em anos, pela ausência de estudos que realmente aprofundem as investigações do autor

(ao menos dentro do Direito). Estes estudos facilitadores tornaram o tema um tanto quanto fatigante, moralizador e mecânico. De antemão gostaria de aproveitar o momento para, em nome deste pensamento difícil, romper com a facilitação que se sugere deste estudo. Muitos compreendem o reconhecimento da alteridade como um “pensar no outro”, “colocar-se no lugar do outro”, ou seja, bordões que representam exatamente o que não é o pensamento proposto pelo autor.

Alteridade não é “colocar-se no lugar do outro” como muitas vezes é compreendido. É exatamente o oposto. A total impossibilidade de reduzir o outro ao poder conceituante do mesmo. O que talvez seja preocupante, ao menos do ponto de vista acadêmico, é o uso da categoria da alteridade como um “bordão”, reproduzido como uma senha ou um emblema, sem levar às últimas consequências o que a radicalidade deste pensamento reivindica. A trivialização da inovação trazida pela recepção da alteridade, pensada na aventura do encontro, é algo que precisa ser sempre denunciada. Há um dever de vigília dos intelectuais sérios, pois é a categoria da alteridade inúmeras vezes confundida com a já espancada ideia principiológica da dignidade humana. Além disso, muitos juristas sugerem, equivocadamente, por ignorarem o peso arqueológico e o estatuir-se extraordinariamente complexo de qualquer categoria filosófica digna desse nome, que a Constituição Federal já traduz a percepção da alteridade em seu bojo legislativo, como se fosse possível reduzir essa categoria moral a uma categoria jurídica. Como se fosse possível reduzir a incalculabilidade da justiça à calculabilidade do direito, como afirma Derrida.

### A democracia como inimigo

Penso que o papel do direito deva ser radicalmente crítico. Abandonar de uma vez por todas a ideia de que aquilo que está formalizado está resolvido. Afirmo em meu livro que não há nada de crítico em reivindicar um “neconstitucionalismo”, pois qualquer ideia de constitucionalismo, por maior que seja sua boa vontade, ainda está contaminada pelos anseios tolerantes do modelo de democracia liberal em que estamos circunscritos.

Ouso afirmar, ao lado de Slavoj Žižek<sup>4</sup>, que o inimigo hoje não é mais o capitalismo, mas sim a democracia; - “a ilusão da democracia”, cuja principal perversidade está no fato de somente admitir soluções às suas crises a partir de sua própria dinâmica estruturante, sem permitir uma transformação radical na sua carcaça interna. A democracia liberal só admite respostas à sua crise de sentido a partir da aplicação dos já velhos e empoeirados mecanismos democráticos. Evoca sempre o recorrente procedimentalismo-constitucionalista, apostando todas as fichas na formalização da vida.

O papel, a meu ver, dos direitos humanos é de desconstrução da visão tradicional de direitos humanos, ainda envolta em uma padronização universalizante que não compreende o problema em sua concretude. Os Tratados Internacionais de proteção dos direitos humanos para apátridas e refugiados são de extrema importância, porém o problema não se dá tão somente em nível de concretização dos direitos humanos. Ouso afirmar que um dos graves problemas dos direitos humanos está no abandono de investigar o fundamento dos direitos humanos. Há a tese hegemônica de que onde falta direito, basta levá-lo até lá. Meu pressuposto é outro. Onde falta direito; - no cerne da vida concreta de todos aqueles que Walter Benjamin chamou de “restos da história”, há uma construção teórica muito sofisticada por trás (e muito antiga) que legitima esta falta, dando aparência de que todos estão contemplados pelo sistema. Em outras palavras, se há uma Norma Constitucional ou um Tratado Internacional que garante direitos ou proteção internacional a um determinado grupo de pessoas e esta norma não é aplicada, significa que há uma outra norma, mais forte que a norma instituída, que tem vigência. Esta norma que sustenta a suspensão

4 Slavoj Žižek (1949): filósofo e teórico crítico esloveno. É professor da European Graduate School e pesquisador senior no Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana. É também professor visitante em várias universidades estadunidenses, entre as quais estão a Universidade de Columbia, Princeton, a New School for Social Research, de Nova Iorque, e a Universidade de Michigan. (Nota da IHU On-Line)

“Só há  
desconstrução  
onde há  
democracia. Só  
há espaço para o  
questionamento  
incondicional e a  
reivindicação pelo  
por vir de uma  
“democracia real”  
na imperfeição das  
democracias de  
aqui e agora”

do direito é a regra para estes restos da história.

De forma muito simplificada, esta é a ideia de estado de exceção permanente, proposto por Walter Benjamin e reproblematicado por Giorgio Agamben<sup>5</sup>. Talvez ambos tenham razão,

5 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002); *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005); *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007); *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007); e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007 o site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível para download em <http://migre.me/uNk1>. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*,

quando afirmam que para a tradição dos oprimidos a exceção é a regra, o Estado possa determinar qual vida é digna de ser vivida e qual vida é absolutamente matável, tornando as normas constitucionais e internacionais, em muitos casos, mera “vigência sem significado”.

### Racionalidade apátrida

Os direitos humanos, a meu ver, precisam da crítica de si. Da crítica de seus pressupostos. Muitos intelectuais dos direitos humanos em geral buscam respostas concretas para os problemas dos direitos humanos e entendem que o problema do seu fundamento é secundário. Eu parto do princípio de que a fragilidade da eficácia dos direitos humanos está no total abandono da sua reflexão sobre suas bases de fundamento. Abandono de sua crítica radical. O renascimento dos direitos humanos parte de sua robusta desconstrução, por óbvio, levando em conta o mérito da ordem institucional em pró da proteção internacional.

Para mim, a pesquisa em torno da questão dos apátridas e refugiados não está tão somente nas possibilidades jurídicas de se pensar mecanismos de proteção internacional para este grupo de pessoas. Está em pensar ou identificar como opera a violência da racionalidade ocidental que torna possível suportar a ideia de existir um ser humano estar absolutamente a margem da proteção jurídica por não ter uma nacionalidade, aquilo que chamo em meu livro de “a ficção da nacionalidade”.

Como é possível os direitos humanos estarem absolutamente sustentados a partir da ideia de nacionalidade? Como é possível suportarmos isso? O

com o filósofo Fabrício Carlos Zanin. Para conferir o material, acesse <http://migre.me/uNKY>. Confira, também, a entrevista *Compreender a atualidade através de Agamben*, realizada com o filósofo Rossano Pecoraro, disponível para download em <http://migre.me/uNme>. A edição 81 da Revista IHU On-Line, de 27-10-2003, tem como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: A lei política moderna*, disponível em <http://migre.me/uNo5>. Leia, ainda, as edições 344, de 21-09-2010, intitulada *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <http://migre.me/5WjQm> e 343, de 13-09-2010 *O (des) governo biopolítico da vida humana*, disponível em <http://migre.me/5WjSa>. (Nota da IHU On-Line)

artigo XV da Declaração Universal dos Direitos Humanos diz que todos os seres humanos tem direito a nacionalidade. A meu ver, isso reforça a fixação pela ficção da nacionalidade, que gera uma vinculação com o Estado-nação que levadas as últimas consequências leva a pensamentos nazi-facistas, regimes políticos xenofóbicos e o preconceito com culturas diversas.

Em meu livro concluo uma posição radicalmente oposta. Uma alternativa estaria no desenvolvimento de uma racionalidade apátrida, uma racionalidade para além da ideia de cidadania, para bem além da ideia de cidadão do mundo, pois essa ideia ainda está contaminada pela noção de soberania. Uma racionalidade onde o outro seja reconhecido pela concretude de sua singularidade, e não pela ideia de cidadania, pois no momento em que inventamos a ideia de “cidadão” imediatamente inventamos também a figura do “não-cidadão”. Pensando dessa forma podemos ver que o conceito de cidadania é excludente. Desconstruir a ideia de nacionalidade significa, em larga medida, desconstruir a ideia de cidadania.

**IHU On-Line - Pode-se perceber atualmente a fragilidade do argumento da dignidade humana no reconhecimento da diferença em escala mundial? O que isso sinaliza sobre nossa sociedade?**

**Gustavo Pereira** - Esta talvez seja a questão mais difícil de percorrer aqui em poucas palavras. Dediquei longas páginas do meu livro à desconstrução do argumento principiológico da dignidade da pessoa humana. Tentarei sintetizar.

Em primeiro lugar, vejo o consagrado amuleto do principiologismo como (tal qual o constitucionalismo contemporâneo), uma pretensa proposta de grande ruptura ao modelo dogmático de se pensar o direito, o mundo e a vida, mas que em verdade legitima a manutenção deste mesmo modelo formal, sem adentrar as situações concretas das relações mundanas. Em outras palavras, todo principiologismo representa um esquematismo que, a meu ver, hoje é insuficiente para se repensar o papel crítico dos direitos humanos.

“Como é possível os direitos humanos estarem absolutamente sustentados a partir da ideia de nacionalidade? Como é possível suportarmos isso?”

É como se *eu*, na tranquilidade de *meu* existir, imerso em *meu* mundo, dirigindo *meu* carro pela estrada em direção a *minha* casa, após um leve fim de semana no litoral, ao perceber uma motocicleta no meio da pista e uma pessoa imóvel, caída nas suas proximidades, parasse o carro e prestasse socorro a ela por força do “princípio da dignidade da pessoa humana”, fazendo valer os preceitos do ordenamento jurídico ou para escapar de uma possível acusação criminal, envolvendo omissão de socorro.

É como se nesse instante de decisão, minha atitude se deva a uma ordem normativa formalizada por um princípio norteador ou ao medo das consequências legais e não em virtude de se assumir uma loucura em nome da justiça, expressada por quem não sou, mas que nesse momento precisa de mim. Por quem toma-me a liberdade.

O horizonte jurídico médio sugere que as principais situações envolvendo dimensões éticas, em seu instante de decisão, se dão pelo cumprimento ou descumprimento dos princípios pré-determinados pelas normas jurídicas. O principiologismo, em toda sua capacidade esquematizante, representa talvez a principal bengala que sustenta as teorias constitucionais e boa parte das teorias do direito da atualidade.

## Abstração comum

No mesmo sentido, no que tange ao argumento da dignidade da pessoa humana, o fôlego é perdido exatamente também em virtude de sua protuberante abstração. Como afirmou Hannah Arendt, ninguém viu nada de sagrado quando o apátrida, perambulante pela Europa, se viu enolto tão somente por sua humanidade. Um apátrida na Europa, em tempos de Segunda Guerra, não tinha sua dignidade negada, porém isso nada repercutiu concretamente para sua sobrevivência. Precisava ele cometer pequenos crimes para, quando preso, ter direito a alimentação, direito a um advogado e direito a uma cama para dormir. Precisava ser um fora da lei para estar na lei. Sua mera dignidade não foi suficiente para contemplar-lhe direitos. Neste sentido, argumentar em pró da dignidade humana pode sugerir o maior de todos os quietismos, se permanecermos pensando-a em abstrato.

Não estou aqui querendo neutralizar as fundamentações que se baseiam na ideia de dignidade humana nem questionar a sua imensa contribuição na construção da cultura ocidental, mas sim demonstrar a sua infertilidade e até a sua indecência no panorama de rediscussão da fundamentação dos direitos humanos que entendo ser de suma importância. Pois, na maioria dos casos, como afirmou Agamben, é indecente falar em “dignidade” e “decência” aos protagonistas que formam os “restos da história”.

Deve-se reestruturar este fundamento para que se possa voltar a falar em dignidade de forma consistente, ou seja, uma dignidade humana ancorada na ideia de paz, que adentre de fato na crise de sentido que a humanidade atravessa, pois só adentrando na crise é que se pode sair dela e transformá-la em crítica, remontando as palavras de Ricardo Timm de Souza. Uma dignidade que comporte o não-ser, o nada, o impuro, o sem pátria... o diferente - e um pensamento dos direitos humanos que tenha como ponto de partida a concretude da alteridade; antes mesmo da abstração comum atribuída a ideia de dignidade humana.

# ACESSE AS REDES SOCIAIS DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

## FACEBOOK



## BLOG



## TWITTER



# João Hilário Xavier

POR THAMIRIS MAGALHÃES

“O bom atendimento é a nossa meta”, frisa João Hilário Xavier, que trabalha há 16 anos na Unisinos e há oito na maquetaria, onde atende e ajuda os estudantes de diversos cursos, principalmente os de Arquitetura, a montar uma maquete. Em entrevista concedida pessoalmente à **IHU On-Line**, João conta como é feito seu trabalho. “O aluno desenha, a gente corta e ajuda o discente a montar, quando dá tempo”. Para ele, o segredo na maquetaria é saber conversar com o acadêmico, ouvir o que ele pede e atendê-lo bem. Além disso, Hilário já foi homenageado três vezes pelos alunos em formaturas. Conheça um pouco mais sua história de vida.

**Origem** – Nasci no dia 14-01-1955, em Santa Cruz do Sul-RS. Meu pai mora sozinho em Venâncio Aires-RS e tem 88 anos. Sou o quinto de 12 filhos, sendo que a mais velha é falecida. Os irmãos estão todos espalhados pelo estado e fora dele. Hoje, moro em Sapucaia do Sul-RS, sou casado com a Erondina e tenho dois filhos, o Elessandro, 34 anos e a Solange, 31 anos. Tenho a quinta série do primário.

**Autodefinição** – Sou tranquilo, competente, por isso estou até hoje na Unisinos. Respeito e honestidade são duas palavras que trago de berço e que coloco para dentro do trabalho.

**Trajectoria profissional** – Trabalhei em empresas de construção como pedreiro. Acidentei-me e saí da construção. Nessa ocasião é que fui para a indústria, na área de produção de lâ, onde trabalhei oito anos. Depois, vim para a Unisinos. Estou aqui desde 1996, ou seja, há 16 anos. Primeira-

mente entrei para a manutenção civil. Quando o setor foi terceirizado, tinha certa estabilidade. Então, fui para a antiga sede trabalhar na manutenção, onde trabalhei por dois anos, isso em 2002. Depois, retornei para o campus principal, onde estou novamente desde 2004, desta vez trabalhando na maquetaria.

**Maquetaria** – Na maquetaria atendemos e auxiliamos o aluno que vem fazer maquete. Ele desenha, a gente corta e ajuda o discente a montar, quando dá tempo. Todos os cursos vêm aqui, pelo menos uma vez no ano, menos Administração e Direito, mas a maior frequência são alunos do curso de Arquitetura. O segredo na maquetaria é saber conversar com o acadêmico, ouvir o que ele pede e atendê-lo bem. O bom atendimento é a nossa meta. Hoje, para trabalhar aqui, exige-se que seja um marceneiro. Na minha época isso não era exigido. Mas quando vim para cá tive que fazer um teste. O dia a dia foi o que

fez, de fato, eu aprender a trabalhar na maquetaria.

**Papel relevante** – Todos os alunos da Arquitetura, antes de se formar, passam por aqui. Salvo engano, há apenas um semestre em que os estudantes desse curso não precisam passar por aqui. No restante, é obrigatória a presença deles na maquetaria. Aqui é um laboratório. Os alunos, nesse sentido, são obrigados a passar por aqui de qualquer jeito. Ou seja, temos um papel muito importante na formação destes estudantes, porque aqui é a prática deles: o outro lado da teoria que eles têm na sala de aula.

**Gratificação** – E o legal é isto: poder ajudar o aluno. Sinto-me feliz e realizado. E eles também. Além disso, criamos uma amizade grande com eles. Outra coisa que acho muito legal é o reconhecimento dos alunos fora da Universidade. Outro dia, estava em Porto Alegre e ouvi um grito: “seu João!” Quando olhei para trás, vi que



era um aluno. Então, onde vamos encontramos alguém que nos reconhece. E isso é muito legal. Trabalhar com os alunos é gratificante.

**Lazer** – Nesses últimos tempos, gosto muito de ficar em casa, principalmente porque acabei de fazer uma cirurgia. Então, gosto de chegar à minha casa e descansar.

**Livro** – Tem um que estou lendo pela segunda vez: é *O livro de Mórmon – outro testemunho de Jesus Cristo*.

**Religião** – Católica.

**Filme** – Os de ação.

**Sonho** – Hoje, meu sonho é vir minha aposentadoria para ficar mais tranquilo.

**Unisinos** – A Unisinos é como se fosse minha casa. É de onde tiro meu sustento.

**Homenagens** – Fui homenageado três vezes pelos alunos em formaturas, como um funcionário que foi importante para eles em suas jornadas acadêmicas, que os ajudaram em algum momento de sua vida nesta Universidade. Geralmente são alunos do curso de Arquitetura. É feita uma votação entre os funcionários, e o mais votado é o escolhido. No dia da formatura, sento-me à mesa junto com o Reitor e professores homenageados. E é bem legal. Esse é o nosso prêmio. Além disso, vários alunos que se formam retornam aqui, e isso é gratificante.

**Lembrança** – Guardo várias lembranças de antigos alunos. Mas uma que me marcou foi de um ex-aluno, cadeirante, que queria cancelar o curso, e não o fez porque o coordenador do curso de Arquitetura, professor *Adalberto Heck Vilmar Mayer*, deu força para ele. E, para minha surpresa, no dia da formatura, ele estava lá, com a mãezinha dele. Aquilo para mim foi emocionante e minha maior surpresa. Ele contar sua história junto do professor Adalberto, de Arquitetura, que foi o coordenador homenageado e a pessoa que muito o apoiou. Aquilo me marcou muito.

## George Coyne no XIII Simpósio Internacional IHU Igreja, Cultura e Sociedade. *A semântica do Mistério da Igreja no contexto das novas gramáticas da civilização tecnocientífica*



que será proferida pelo Prof. Dr. George Coyne, do Vatican Observatory, da University of Arizona/EUA, no

“Implicações da evolução científica para as semânticas da fé cristã”. Este é o tema da Conferência

dia 3 de outubro de 2012, das 9h às 10h30min, no auditório central da Unisinos. Na noite deste dia, ele participará do debate com Marcelo Gleiser, professor de física teórica no Dartmouth College, em Hanover (EUA). As atividades fazem parte do XIII Simpósio Internacional do IHU, Igreja, Cultura e Sociedade. A semântica do Mistério da Igreja no contexto das novas gramáticas da civilização tecnocientífica. Maiores informações: <http://migre.me/awnh1>.

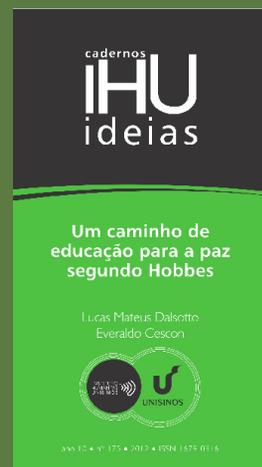
## Educação para a paz segundo Hobbes

O Cadernos IHU ideias, em sua 175ª edição, de 29 de agosto de 2012, apresenta “Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes” de Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon.

O texto de Lucas Mateus Dalsotto, mestrando em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul – UCS, e de Everaldo Cescon, professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (Mestrado em Ética) na Universidade de Caxias do Sul – UCS, apresenta, segundo palavras dos autores, “a contribuição do filósofo Thomas Hobbes (1588/1679) no que tange aos elementos constitutivos de uma educação para a paz”.

A versão completa desta edição estará disponível no sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) a partir de 28 de setembro de 2012 para download em formato PDF.

Os Cadernos IHU ideias podem ser adquiridos na Livraria Cultural, no campus da Unisinos ou pelo endereço [livrariaculturalsle@terra.com.br](mailto:livrariaculturalsle@terra.com.br). Informações pelo fone (51) 3590 4888.



Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade, com o Prof. MS Gustavo Oliveira de Lima Pereira, da Fundação Meridional – IMED, é tema do próximo IHU Ideias.

## Apátridas e refugiados

Sobre ele, o palestrante concedeu uma entrevista, publicada na presente edição.

O evento será realizado no dia 06 de setembro, das 17h30min às 19h, na sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU. Maiores informações: <http://migre.me/awnt3>.